



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



João Paulo Rodrigues Malho

O PAPEL DO DESPORTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM RISCO

Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, orientada pelo/a Professor/a Doutor/a Maria Jorge Ferro e apresentada à Faculdade de Economia e à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Setembro de 2018



Fonte: Associação CAIS

João Paulo Rodrigues Malho

O PAPEL DO DESPORTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM RISCO

Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo,
orientada pela Professora Doutora Maria Jorge Ferro e apresentada à Faculdade
de Economia e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Setembro/ 2018



UNIVERSIDADE D
COIMBRA





João Paulo Rodrigues Malho

**O PAPEL DO DESPORTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL
DE JOVENS EM RISCO**

Tese no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo,
apresentada à Faculdade de Economia e à Faculdade de Psicologia e Ciências da
Educação ambas da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Professora Doutora Maria Jorge Ferro

Coimbra, 2018



AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento a todos, por tudo...

RESUMO

O Papel do Desporto para a Inclusão Social de Jovens em Risco

A sociedade, e como parte desta – o desporto, vê-se mergulhada numa crise de valores sociais, tendo esta um impacto prejudicial no bem-estar e na harmonia social. Os verdadeiros valores do desporto têm vindo a perder o seu protagonismo devido à comercialização do mesmo. Com esta mudança surgem ameaças que põem em causa os princípios que o desporto promove, tais como o *fair play*, o respeito e a tolerância. Estas ameaças dizem respeito às pressões comerciais, através do comércio de direitos desportivos e de imagem dos atletas, a exploração de desportistas jovens, o consumo de doping, o racismo, a violência, a corrupção e o branqueamento de capitais (Livro Branco do Desporto (2007 p.60). Estas ameaças provêm de uma sociedade igualmente egoísta, discriminatória, e onde se constata uma busca desmesurada pela vitória, independentemente das circunstâncias em que ocorra a derrota do outro.

Contudo, pelo menos o desporto pode dar resposta ao problema que nele mesmo se instalou, através da possibilidade de reestruturação dos princípios deste domínio mais competitivo, afim de que se venha a atingir o fim maior da reorganização da sociedade.

Esta crise de valores pode ser combatida através do poder educativo e capacitador do mesmo. Neste sentido, educação não formal e o *empowerment* têm um papel determinante, na medida em que, através do desporto, é possível trabalhar as competências pessoais e sociais dos praticantes, as condições de saúde e até mesmo as suas habilitações académicas, tudo isto fora do contexto institucional de aprendizagem. O carácter educativo do desporto permite ainda a criação e o fortalecimento das relações sociais, promovendo assim a inclusão social de jovens em risco.

A presente investigação centra-se numa reflexão aprofundada sobre este tema a fim de dar a conhecer quais os contributos do desporto para a inclusão social de jovens em risco. Em coerência com a componente teórica da investigação, este trabalho visa também dar a conhecer um projeto social que utiliza o desporto como ferramenta para a inclusão social de jovens, o Projeto Futebol de Rua, coordenado pela Associação CAIS, Lisboa. Para concluir com uma reflexão acerca das já efetivas práticas e das possibilidades futuras que ficam em aberto em termos de construção (ou, pelo menos, disseminação) de projetos de inclusão social através do desporto.

Palavras-chave: Desporto; Educação; *Empowerment*; Inclusão Social; Jovens em Risco

ABSTRACT

The Role of Sport for the Social Inclusion of Young People at Risk

Society, and as part of it – sport, is plunged into a crisis of social values, which is harmful for the social welfare and harmony. The authentic values of sport have been losing their prominence because sport is now treated as business. This shift threatens to undermine the foundations that sports promote, such as fair play, respect and tolerance. These threats are related to commercial pressures, which reflect themselves in the acquisition of the athletes' sports and image rights, the exploitation of young athletes, doping, racism, violence, corruption and money laundering (Livro Branco do Desporto (2007 p.60). These threats come from a selfish and discriminatory society, in which we find an excessive pursuit of victory irrespective of the circumstances in which the other is defeated.

However, at least sport can respond to the problem that has arisen in itself, through the possibility of restructuring the principles of this competitive field, in order to achieve the reorganization of society.

In this regard, non-formal education and *empowerment* play a decisive role, to the extent that, through sports, it is possible to develop personal and social skills, health conditions and even educational attainment, all of these taking part outside the context of institutional learning. The educational character of sports also enables the creation and strengthening of social relations, thus fostering the social inclusion of young people at risk.

This research focus on a detailed reflection on this subject in order to raise awareness for the contribution of sport for the social inclusion of young people at risk. Hand in hand with the theoretical component of this investigation, this work also aims to promote a social project that uses sports as a tool for social integration of young people, Projeto Futebol de Rua, coordinated by Associação CAIS, Lisbon. To conclude with a reflection on the already effective practices and future possibilities that are open in terms of the construction (or at least dissemination) of projects of social inclusion through sport.

Key Words: Sport; Education; Empowerment; Social Inclusion; Young People at Risk

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT	V
INTRODUÇÃO	7
<i>Definição do Problema</i>	<i>7</i>
<i>Justificação e Pertinência do Estudo.....</i>	<i>8</i>
<i>Objetivos do Estudo</i>	<i>12</i>
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
VISÃO CRÍTICA DO DESPORTO	13
<i>Comercialização do Desporto</i>	<i>13</i>
<i>Violência no Desporto</i>	<i>19</i>
CARACTERIZAÇÃO DA EXCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM RISCO	24
<i>Exclusão e Inclusão social.....</i>	<i>24</i>
<i>Jovens em Risco</i>	<i>27</i>
PROCESSOS DE INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM RISCO.....	32
<i>Educação Não Formal e o Empowerment.....</i>	<i>32</i>
CONTRIBUTO DO DESPORTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM RISCO	40
ESTUDO DE CASO DO PROJETO FUTEBOL DE RUA – ASSOCIAÇÃO CAIS	48
METODOLOGIA.....	55
AMOSTRA E INSTRUMENTOS UTILIZADOS	56
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	60
PROCESSAMENTO DOS DADOS	60
ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS GUIADAS	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
PROPOSTA PARA FUTUROS ESTUDOS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
ANEXOS	106

INTRODUÇÃO

Definição do Problema

Atualmente a sociedade debate-se contra uma crise profunda em todos os seus domínios. Crise essa que tem repercussões diretas no funcionamento das relações entre os indivíduos uma vez que, segundo Hespanha (1996, p. 3), um dos efeitos do capitalismo selvagem passa pela «difusão de ideologias que paralisam a ação coletiva (tais como a sobrevalorização da iniciativa privada, do individualismo e da competição e a consequente desvalorização do esforço coletivos, da solidariedade e da cooperação) (...)».

A crise no domínio económico, em regra geral, leva a que se acentuem as diferenças entre os mais ricos e os mais pobres, e, por conseguinte, que aumentem as dificuldades de acesso às oportunidades por parte destes últimos. Esta dificuldade de acesso aos serviços, aos bens e às oportunidades leva a que se iniciem ruturas parciais e totais no tecido social, dando origem a processos de marginalização e de exclusão social.

Aliada à crise no domínio económico e financeiro, também a crise de valores sociais contribui para os processos de exclusão dos indivíduos. A ausência de valores éticos e morais é uma grande ameaça à coesão de uma sociedade, uma vez que potencia os movimentos de individualismo (Bachur, 2004) e de confrontação entre indivíduos do mesmo grupo.

Em coerência com aquilo que foi dito acima, Estivill (2003, p. 39) caracteriza o conceito de exclusão social como um «processo acumulativo e pluridimensional que afasta e inferioriza, com ruturas sucessivas, pessoas, grupos, comunidades e territórios dos centros de poder, dos recursos e dos valores dominantes (...)».

Esta questão de afastamento e marginalização dos indivíduos tem um grande impacto junto dos jovens que estão inseridos num ambiente de risco. Neles emerge o sentimento de revolta por lhes estar a ser dificultado e até mesmo negado estes acessos aos centros de poder, aos recursos e aos valores dominantes da sociedade.

Yunes e Szymanski (2001, p. 24) consideram o risco como «todo o tipo de eventos negativos da vida que, quando presentes, aumentam a possibilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais».

A exclusão social é considerada pelas ciências sociais como um problema complexo, sendo ainda considerado extremamente difícil a quebra do seu ciclo. Esta dificuldade leva os indivíduos, na maioria dos casos, a entrar numa espiral de comportamentos desviantes, como o abandono escolar, o consumo de álcool e de estupefacientes, a delinquência, entre outros.

Justificação e Pertinência do Estudo

“Sport has the power to change the world” (Mandela¹).

Se todo este trabalho tivesse que ser resumido numa só frase, esta serviria na sua plenitude para caracterizar todo o enquadramento que se segue.

Em jeito de provocação, desafia-se o leitor a transformar a famosa citação de Nelson Mandela numa pergunta retórica de modo a estimular previamente a reflexão acerca deste poder que, à partida, o desporto tem para gerar mudança.

Desde já, e de forma a que o leitor não perca o foco do essencial, a investigação, e todo o trabalho de revisão da literatura e conseqüente imersão no terreno que se lhe seguiu, visa dar a conhecer quais os contributos do desporto para a inclusão social de jovens em contexto de risco.

Tal como a sociedade, também o desporto tem vindo a ser fustigado por uma profunda crise de valores éticos e morais.

Atualmente, o desporto é visto pela maioria das pessoas como um espetáculo lucrativo, capaz de atrair as massas, de desenvolver as economias e um mecanismo de fomento do sentimento de pertença a um grupo, consoante os gostos e os ideais de cada um.

Contudo, este dito desporto espetáculo (Sérgio, 2014) tem vindo a ser consumido freneticamente e atualmente deparamo-nos com situações gravosas que nos permitem fazer o paralelismo entre a crise de valores na sociedade e a crise de valores no desporto.

O Livro Branco do Desporto (2007, p. 60) dá conta dessa mesma transversalidade da crise, referindo que os problemas que têm assolado o desporto relacionam-se com o racismo, a violência, a corrupção, o branqueamento de capitais, entre outros. O mesmo documento, revela que dentro dos problemas específicos com que o desporto moderno se depara, destacam-se ainda a pressão comercial, a exploração dos desportistas jovens e a dopagem.

De igual modo, também a UNESCO (2015)² faz uma explanação clara sobre os problemas que afetam o desporto e alerta para o papel que todos os intervenientes no desporto devem desempenhar para evitar que tais problemas sejam mitigados.

All forms of physical education, physical activity and sport must be protected from abuse. Phenomena such as violence, doping, political exploitation, corruption and

¹ Nelson Mandela foi o primeiro Presidente negro eleito na África do Sul. Ganhou o Prémio Nobel da Paz em 1993 após ter contribuído para o fim do Apartheid, para o fim da violência e do racismo naquele país, e para a reconciliação e saudável convivência entre a população branca e negra.

Fonte: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1993/

² In Carta Internacional da Educação Física, Atividade Física e Desporto (1978 [rev.2015]).

Fonte: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002354/235409e.pdf>

manipulation of sports competitions endanger the credibility and integrity of physical education, physical activity and sport and undermine their educational, developmental, and health promoting functions. Participants including referees, public authorities, law enforcement, sports organizations, betting operators, owners of sports-related rights, the media, non-governmental organizations, administrators, educators, families, the medical profession and other stakeholders must collaborate to ensure a coordinated response to integrity threats. (UNESCO, 2015, p.7, art. 10.1)

Bento (2004, p. 16)³ apresenta alguns fatores que podem estar na origem de alguns dos problemas associados ao desporto moderno, referindo que «a competitividade e o egoísmo desmedidos, atualmente presentes na mentalidade dominante, levam a um esquecimento e atropelo do outro, tendo inevitavelmente consequências no eu, uma vez que a responsabilidade (exclusivamente) humana impõe a alteridade, obriga ao comprometimento consigo e com o outro».

Este carácter individualista presente no desporto e todos os problemas a ele associados, como a discriminação, o egoísmo, a intolerância, a competitividade obsessiva e os outros, alastram-se para a esfera social motivando o surgimento de ruturas no tecido social.

Estas ruturas estão associadas à problemática da exclusão social, que acompanha a sociedade desde os seus primórdios, mas que atualmente e muito por culpa dos problemas acima referidos, se tem vindo a agravar, alastrando-se por todas as esferas da sociedade. Contudo, é na franja social mais baixa que este processo se reproduz como maior facilidade, marginalizando os indivíduos da sociedade, impossibilitando-lhes o acesso a «oportunidades de emprego, rendimento e educação, bem como das redes e atividades sociais e das comunidades. Têm pouco acesso a organismos de poder e decisão e sentem-se, por esse motivo, impotentes e incapazes de assumir o controlo das decisões que afetam as suas vidas quotidianas.» (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p. 9).

Este claro e preocupante afastamento entre a sociedade e os indivíduos em situação de exclusão, em muito se deve à acentuação de uma profunda crise de valores éticos e morais, que impossibilita a reinserção dos indivíduos na sociedade.

³ Formação humana - O contributo do desporto, obra de Helena Bento, publicada em Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto.

Fonte: http://www.ipg.pt/scpd/4congresso-scpd/files/Book_Abstracts_PD_6.pdf

Ambas as partes têm a sua responsabilidade na quebra do ciclo da exclusão, sendo importante quebrar a ideia de que os únicos culpados pela situação são os próprios indivíduos excluídos.

A teoria de Willian Ryan (1971) dá suporte à afirmação anterior, uma vez que através do seu do livro *Blaming the Victim*, em português a *Culpabilização da Vítima*, tentou demonstrar que desde há muito tempo existe uma tendência para responsabilizar as vítimas pelos crimes de que as próprias são alvo.

Neste sentido é fundamental que se desmistifique a ideia suportada pela sociedade de que os indivíduos excluídos são os únicos responsáveis pela rutura do vínculo social.

Relativamente ao trabalho de intervenção realizado pelos profissionais de serviço social junto dos indivíduos, no caso concreto desta dissertação junto dos jovens em situação de risco, é perentório que este seja feito preventivamente, sempre que assim for possível. A intervenção numa fase precoce serve para mitigar os estigmas que os jovens têm em relação à forma como são vistos pela sociedade.

A intervenção tem como objetivo promover uma mudança social e para isso utiliza a educação como um processo para a alteração de comportamentos, para a capacitação e valorização das competências, e para a promoção dos valores pessoais e sociais do indivíduo.

A educação, fora do contexto escolar formal, tem um potencial muito proveitoso, uma vez que permite ao serviço social utilizar estratégias de intervenção mais incisivas e processos alternativos e complementares para implementação da sua ação.

A educação não formal surge aqui como uma alternativa complementar à educação formal, não estando esta sujeita à realização provas de avaliação de conhecimentos nem à rigidez das normas de funcionamento, permitindo assim uma maior flexibilidade nos processos de aprendizagem e uma maior proximidade com os jovens em questão.

É através da valorização e da implementação de estratégias de educação não formal e informal, que está a chave para o desenvolvimento saudável da aprendizagem dos valores inerentes à sociedade.

O desporto pode ser considerado uma dessas estratégias educativas, contribuindo para estimular o processo de aprendizagem, permitindo a abordagem de temas sensíveis de uma forma mais subtil e indireta o que motiva os jovens a interessarem-se mais por tais temas.

Pode parecer contraproducente, mas o desporto, apesar de ter todos aqueles problemas associados que acima já foram referidos, constitui um campo de aprendizagem para os valores que ele mesmo, a par da sociedade, tem vindo a perder.

Marivoet (2010) posiciona o desporto como «constitui uma manifestação cultural com enormes potencialidades na aproximação das pessoas, das culturas e das nações, quer através da dinamização de sociabilidades, quer no veicular de sentidos identitários, de pertença, de fazer parte, isto é, de inclusão. A ética do desporto e os princípios fundamentais do Olimpismo expressos na Carta Olímpica, veiculam justamente valores associados ao princípio do *fair play*, que orientam a ação desportiva para a inclusão e o combate a qualquer tipo de discriminação.».

O desporto aufere então, de acordo, com Elias e Dunning (1986) e em concordância com Marivoet (2010) de um carácter potenciador de inclusão, da promoção da tolerância, do respeito pelo outro, da cooperação, lealdade e amizade, valores associados ao *fair play*⁴, princípio basilar da ética do desporto.

Este processo de inclusão inicia-se com a socialização, que segundo Escartí (2003) é tida como um «processo mediante o qual os indivíduos aprendem os conhecimentos básicos, as atitudes, os valores e os comportamentos que lhes permitam adaptar-se à sociedade em que vivem».

Neste sentido os conhecimentos, as atitudes, os valores e os comportamentos podem ser trabalhados através do desporto, de forma a que os indivíduos em situação de exclusão possam estar mais bem preparados para se reinserirem na sociedade.

Importa, por fim, deixar uma nota para evitar algumas confusões conceptuais.

O estudo visa clarificar o papel do desporto (todas as modalidades no geral) na inclusão social de jovens. Numa das partes constituintes do enquadramento teórico, será apresentado um estudo de caso sobre um projeto social que utiliza o desporto para promover a inclusão social de jovens, recorrendo à modalidade do futebol de rua. Quer isto dizer que não deve ser feita uma ligação de desporto e futebol de rua de sinónimo.

⁴ «*Fair play* é uma expressão inglesa que significa modo leal de agir, e que, em português, no desporto, significa jogo justo, jogar limpo, ter espírito desportivo. A expressão está vinculada à ética no desporto, onde os praticantes devem procurar jogar de maneira que não prejudiquem o adversário de forma propositada.» Antunes, J. & Galvão, A. (p.100) In Renaud, M. (org) (2014). *Ética e Valores no Desporto*. Edições Afrontamento.

Objetivos do Estudo

A presente investigação tem como tema o papel do desporto para a inclusão social de jovens em risco. Para isso este trabalho assume a responsabilidade de enquadrar o desporto enquanto instrumento capaz de promover a inclusão social de jovens em situação de risco através de metodologias de intervenção, assentes na educação não formal.

Sendo que para isso, e de modo a orientar o esquema da investigação, definiu-se como objetivo principal a identificação de quais os contributos do desporto para a inclusão social de jovens em risco em Portugal.

Uma vez identificado o objetivo geral da investigação, importa agora definir os objetivos específicos que a vão conduzir a linha de pensamento.

Considera-se então, para o efeito, os seguintes objetivos específicos:

- descrever de que forma é que o desporto pode contribuir para a inclusão social de jovens em risco;
- aprofundar os conceitos de Exclusão e Inclusão Social, Educação Não Formal, *Empowerment* e estabelecer uma correlação entre eles e o objeto de investigação;
- explorar a dimensão social e educativa do desporto no contexto específico dos projetos de intervenção social junto de jovens em risco;
- contribuir para a maior divulgação e valorização social do Projeto Futebol de Rua, coordenado pela Associação CAIS;

Contribuir com esta dissertação para o aumento de documentação científica produzida sobre o tema da Inclusão Social através do desporto.

Serão estas as linhas orientadoras da pesquisa, propondo assim dar resposta a cada uma delas através do aprofundamento dos conteúdos teóricos e do estabelecimento de uma relação direta com a sua implementação prática ao nível da intervenção social expressa no Projeto que também se apresenta.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Visão Crítica do Desporto

Comercialização do Desporto

Podemos dizer que o desporto caminha lado a lado com a evolução do ser humano, desde os seus primórdios até às sociedades ditas contemporâneas. Deve ser caracterizado pela sua componente multidimensional, uma vez que o desporto se correlaciona com os sistemas social, económico, político, cultural e de saúde das sociedades modernas.

Costa (1997, p. 13) define o desporto de uma forma holística, sendo por isso uma das definições que melhor se identifica com os assuntos que aqui irão ser debatidos, uma vez que enquadra o desporto enquanto um fenómeno social total, como sendo parte integrante de um sistema mais amplo.

Como fenómeno social total, de natureza e funcionamento simbólicos, e perfeitamente integrado na realidade social concreta, o desporto é capaz de todos os investimentos sociais e de representar simbolicamente a sociedade, tanto no seu funcionamento global, como nas suas vertentes mais diversas. (Costa,1997, p.13)

Costa (1992) apresenta-nos a ideia de que o desporto moderno nasceu com a sociedade capitalista industrial, sociedade esta que se centra na economia, através dos princípios da eficácia, rendimento e progresso.

Através de um olhar (mais) antropológico sobre o desporto, é possível constatar que esta proximidade com a sociedade capitalista tem influência direta naquilo que são as bases estruturais do desporto moderno, uma vez que a eficácia, o rendimento e o progresso estão claramente presentes na busca intrínseca pela conquista, pela vitória, desejo de se superiorizar em relação ao adversário.

O mesmo autor (idem 1992) defende que o desporto, sendo um produto da sociedade capitalista industrial, reflete também a própria imagem da sociedade, uma vez que partilha com ela, não só, a sua estrutura de funcionamento, como acima já foi referido, bem como as suas crises e contradições e também os seus sonhos e a suas esperanças.

Na sociedade capitalista o desporto moderno (Costa 1992) ou desporto espetáculo (Sérgio, 2014) ganham uma dimensão muito mais competitiva, uma vez que esta vertente se começou a alargar para outros campos que não somente o campo desportivo. Deparamo-nos então com uma crescente proximidade do desporto ao campo económico e político, seja através da obtenção de lucros, da legislação ou até mesmo do controlo das massas. O Desporto tem ainda o poder de promover alterações sociais em termos éticos e de justiça.

A importância sobre a intemporalidade destes aspetos sociológicos do desporto não é de agora, Bourdieu (1978) através das suas reflexões em *Sociologia do Desporto*, caracteriza o sistema do campo social do desporto como um campo que inclui as instituições privadas ou públicas que defendem os interesses e regulam e governam as práticas dos participantes nos diversos desportos, os produtores e vendedores de equipamentos de desporto, os serviços necessários à prática do desporto, incluindo os sistemas de treino e educação desportiva e os sistemas de distribuição ligados ao desporto.

Esta reflexão visa demonstrar o carácter multidimensional que desporto possui, uma vez que passou a ser visto como um produto sociedade capitalista, que integra um sistema complexo de comercialização e de mediatização em todos os seus aspetos. Resultado disso, o desporto deixou de ser jogado somente dentro de campo, passando a ser jogado também nos “bastidores”.

A visão de Sousa (2015) vai ao encontro do que acima foi referido uma vez que caracteriza a comercialização do desporto da seguinte forma:

Desde logo, porque o desporto e, de forma perigosamente excessiva, o futebol, que, como réplica do capitalismo libertino vigente, se mercantilizou quase, se não mesmo, a raia a obscenidade. E, sabemos bem que quando entram em jogo tão astronómicas somas associadas à vitória, esta converte-se num absoluto, que há que obter a todo o custo, falseando-se a verdade desportiva, o *fair play* e negligenciando-se a ética. (Sousa,2015, p. 22)

A própria Comissão Europeia, através do Livro Branco do Desporto (2007, p. 6) reconhece que o desporto moderno é confrontado com novas ameaças e desafios emergentes na sociedade europeia, como a pressão comercial, a exploração dos desportistas jovens, a dopagem, o racismo, a violência, a corrupção e o branqueamento de capitais.

Neste sentido, e infelizmente para a verdade desportiva, é muito comum virem a público escândalos de corrupção e jogos combinados, relacionados com apostas ilegais de agentes de jogadores, dirigentes de clubes e até mesmo dos próprios jogadores. As preocupações das entidades reguladoras do desporto incidem também nas questões de propriedade, gestão e controlo dos clubes, a indisciplina financeira, os custos salariais e a organização e gestão das próprias autoridades desportivas.

O Conselho Europeu tem vindo a realizar já há algum esforços para mitigar os problemas que afrontam o desporto, resultado disso foi a divulgação da Declaração de Nice⁵ (2000), documento pretende dotar todos os agentes desportivos (*jogadores, dirigentes,*

⁵ http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Declaracao_Nice_Desporto_2000.pdf

presidentes, voluntários e adeptos) de linhas orientadores que fomentem a função social do desporto e que regulem, de forma universal, a função económica do mesmo.

Apesar de todo os esforços das entidades responsáveis, a conotação mercantil do desporto continua a ganhar impacto junto das massas, na medida em que, segundo o Livro Branco do Desporto (2007, p. 20), publicado pela Comissão Europeia, parte crescente do valor económico do desporto está ligada aos direitos de propriedade intelectual. Estes direitos dizem respeito aos direitos de autor, às comunicações comerciais, às marcas registadas, aos direitos de imagem e aos direitos de transmissão audiovisual.

Foquemos a nossa atenção para o impacto que o marketing desportivo tem junto dos praticantes/consumidores. Este tem vindo a dar provas de que é capaz de atrair e mobilizar massas significativas de praticantes/consumidores, quer seja para a participação em organizações e eventos desportivos, quer seja para o consumo de produtos ligados ao desporto.

Miranda (2011) através do seu artigo “O Desporto como Mito e o Conceito de Inclusão Social (...)”, faz uma associação bastante pertinente entre o conceito de mito e o consumo de artigos desportivos.

A essência do mito, de acordo com Lévi-Strauss (1958, p. 232), é "a história que aí está contada". Não se trata de uma história qualquer, mas sim de uma história que é percebida como "mito por todo leitor no mundo inteiro".

Tratando-se de uma história que está a ser contada, o mito, segundo Miranda (2011), tem a capacidade de fazer o indivíduo esquecer a realidade social em que vive e passar a viver, talvez subconscientemente, num mundo imaginário em que ele se realiza e em que possivelmente será um herói.

Estas histórias ou narrativas contadas pelos mitos através da publicidade transmite a ideia de que, com o uso de um determinado artigo, o indivíduo terá mais facilidade em chegar perto deste mundo imaginário.

As grandes marcas mundiais de produtos desportivos tendem a contratar figuras desportivas de renome, bem-sucedidas na esfera desportiva, para conseguirem não só, a mediatização da marca, como também passar ao consumidor a ideia de que aquele atleta só alcançou o topo porque usou determinados produtos daquela determinada marca.

Adolf Dassler, fundador da marca desportiva alemã Adidas, tinha como principal objetivo divulgar a marca de sua empresa junto do mundo desportivo. Para isso acontecer, ele fez com que os melhores atletas e as melhores equipas usassem seus produtos através de

contractos de patrocínio muito vantajosos para ambas as partes, fazendo assim com que os outros atletas e equipas também estes produtos quisessem vir a usar.

Esta estratégia de promoção de produtos apoia-se na ideia do mito, uma vez que em muitos dos casos estas figuras desportivas bem-sucedidas são oriundas de contextos frágeis e desestruturados e em que o seu passado em nada se pode comparar com o seu presente.

Os atletas oriundos destes contextos têm um maior impacto juntos do público, Teixeira, A. & Mendonça, J. (2016, p.7) referem isso mesmo dizendo que: «Embora a identificação com as vedetas desportivas seja frequentemente efémera, ela é suficiente para instituir um modelo de êxito social. Mais eficaz, ainda, quando o herói desportivo partilha com os seus apoiantes a mesma origem social.».

A ideia que está expressa nos anúncios desportivos em que as celebridades provêm destes contextos, é a ideia da superação, sendo que o talento e a perseverança do atleta são aliados ao uso de determinado produto de uma determinada marca desportiva. É transmitida a ideia de que esta fusão cria condições para que o desportista, outrora um jovem oriundo de um contexto desfavorável e à partida com poucas oportunidades para singrar tanto na vida como no mundo desportivo, se possa vir a tornar um dos melhores desportistas do mundo.

Olhemos para um caso que nos é tão familiar, o caso de Cristiano Ronaldo, jogador português, capitão da seleção nacional, jogador de uma das equipas mais prestigiadas do mundo, a Juventus FC, eleito por diversas vezes o melhor jogador do mundo e distinguido por inúmeros prémios internacionais pelas suas conquistas desportivas, também ele cresceu num dos bairros mais pobres da Ilha da Madeira, enfrentando inúmeras carências durante a sua infância.

Hoje em dia, aparentemente, Ronaldo conseguiu superar todas as adversidades e construir uma carreira de sucesso que todos nós tão bem conhecemos e sobre a qual lhe atribuímos todo o mérito.

De acordo com revista FORBES⁶, Ronaldo é o atleta mais bem pago do mundo, auferindo anualmente cerca de 82 milhões de euros, divididos entre salários (52 milhões de euros por ano – Real Madrid e Seleção Nacional de Portugal) e contratos publicitários (30 milhões de euros por ano – NIKE que é a que tem maior valor, Herbalife, MEO, entre outros.)

⁶ <https://www.forbespt.com/listas/os-maiores-desporto-mundial/?geo=pt>

Data da publicação 6 de outubro, 2017. Autor Chris Smith. Consultada a 13/03/2018

Quando Ronaldo e todos os outros “super-atletas” dão a cara por uma determinada marca, subseqüentemente os anúncios poderão estar a originar mecanismos profundos de exclusão social, uma vez que nem todos os consumidores têm poder de compra para adquirem determinado produto.

Se um jovem é constantemente alvo destes anúncios, poderá acabar por desenvolver o desejo de adquirir o produto em causa, e em muitos dos casos os jovens não têm capacidade financeira para fazer essa aquisição, o que pode originar, em situações extremas, situações de criminalidade ao nível de roubos ou até mesmo da contrafação do produto.

À semelhança do que aconteceu/acontece com a Adidas, com Cristiano Ronaldo, também a NIKE adotou esta estratégia para tentar salvar a marca depois de ter mergulhado numa crise de vendas face às acusações de exploração de trabalhadores nas fábricas de produção de calçado da marca na Coreia do Sul, Vietname, Indonésia e China como Klein (1999) faz referência.

Fazendo frente a esta realidade, e de acordo com Klein (1999) a Nike recorreu aos bairros pobres da cidade de New York e começou a direcionar os seus produtos para os jovens negros e latinos pobres, passando uma ideia de emancipação das camadas mais pobres, utilizando a imagem de atletas afroamericanos bem-sucedidos, como é o caso de Michael Jordan⁷.

Klein (1999) no seu livro “SEM LOGO, A Tirania das Marcas num Planeta Vendido”, afirma o seguinte: “Para a Nike, os seus Air Jordans de 150 dólares não são calçado, mas sim uma espécie de talismã com o qual os jovens pobres podem sair do gueto e melhorar a sua vida”.

Outro dos problemas que este tipo de propaganda vem acentuar, é a questão da ilusão e da conseqüente desilusão sentida pelos próprios jovens consumidores, uma vez que os anúncios demonstram que é possível singrar na vida desportiva através do talento e especialmente através do consumo/uso do produto.

Mas, na verdade, as razões do sucesso são bem mais complexas. Para alcançar o estatuto de profissional desportivo é necessário que haja uma combinação muito forte de diversos fatores, tais como o talento, a perseverança, as condições de treino/trabalho; o acompanhamento profissionalizado de quem dá o treino ou potencia o atleta, bem como o fator sorte.

⁷ Michael Jordan é considerado um dos melhores basquetebolistas de todos os tempos. Ganhou o apelido de Air (ar) Jordan, por causa da maneira como “voava” até ao cesto para fazer afundações. Terminou a carreira como jogador em 2013. Fonte: <http://www.laparola.com.br/michael-jordan>

Nos dias que correm, devido à concorrência feroz dos adversários, é normal que um clube crie condições para que estes fatores se alinhem e que permitam por isso que um atleta se desenvolva até ao expoente máximo da sua capacidade humana.

Na maioria dos casos os jovens atletas, enquanto consumidores, confrontam-se com esta perigosa ilusão que os pode levar para o caminho do individualismo e do excesso de competitividade, mantendo os indivíduos num limbo de frustração, desespero e de desilusão quando não conseguem “conquistar o seu lugar ao sol”.

Esta preocupação é identificada e caracterizada por outro autor da seguinte forma:

(...) temos uma individualização da questão, cabendo aos jovens, por meio dos seus esforços e talentos, galgarem o seu espaço, uma vez que todos teriam condições de alcançar o sucesso desportivo, bastando a dedicação. A premissa parece ser a de que aqueles que não lograram sucesso talvez não se tenham dedicado o suficiente. (Melo, 2005, p.78)

Tal preocupação remete-nos de novo para Ryan (1971) e para a sua obra sobre a culpabilização das vítimas, responsabilizando neste caso concreto, os jovens pelo seu fracasso.

Esta questão tem um tremendo impacto junto de jovens em situação de risco, jovens esses que serão caracterizados mais à frente nesta dissertação, uma vez que esta situação de fracasso e frustração poderá vir a trazer consequências para o acentuar dos processos de exclusão social.

Violência no Desporto

O desporto dito moderno, é-nos apresentado como um espetáculo mediático capaz de aproximar e movimentar massas em redor de uma modalidade ou de uma equipa. Contudo, esta visão atual do desporto, tanto é capaz de promover a aproximação de indivíduos tornando-os parte integrante de um grupo, como também de promover e incitar o ódio e a violência entre diferentes grupos rivais, não fazendo distinção entre idade, género, raça ou etnia.

Neste sentido o desporto, enquanto fenómeno social, acaba por sofrer com toda esta mediatização económica em seu redor. Para além da crise económica, este impacto observa-se através da profunda crise de valores com que sociedade contemporânea se depara.

Elias & Dunning (1992) caracterizam o desporto da seguinte forma:

é uma atividade emocionante no marco de uma sociedade escassamente emocionante. A emoção e excitação, por exemplo, que se pode viver na partida do fim-de-semana, tanto por parte dos seus membros como dos próprios espectadores, contrastam com a monotonia da vida durante o resto dos dias de trabalho. (Elias & Dunning, 1992, p. 48)

Souza (2015, p. 22), partilha uma ideia semelhante quando refere que o desporto se ampara entre uma indispensável e óbvia dose de jogo/diversão e uma dose adequada de luta e competição. Desporto é uma combinação exaltante de razão e paixão.

Estes sentimentos de emoção, excitação e paixão, quando são experienciados em excesso podem resultar na criação de problemas sociais complexos, nomeadamente a violência no desporto, quer seja entre praticantes e/ou dirigentes, quer seja entre espectadores.

Dunning (1992, p. 356) classifica a violência no desporto, e em concreto no futebol, da seguinte maneira: “As desordens dos fãs do futebol, que passaram a designar-se pela etiqueta de «hooliganismo do futebol», enquanto forma de comportamento, constituem algo de complexo e de multifacetado.”

Sousa (2015) caracteriza o hooliganismo da seguinte forma:

(...) o hooliganismo, por exemplo, consubstancia uma modalidade de violência, manifestamente parasitária do fenómeno desportivo, sobretudo do futebol e que se caracteriza, desde logo, por esse comensalismo mediático, aproveitando o impacto global do evento desportivo, mas igualmente pelo teor gratuito, frutífero das próprias manifestações de violência – uma violência ritualizada, exibicionista, narcísica. (Sousa, 2015, p. 21)

A crise de valores no desporto não se resume somente à questão da violência levada a cabo pelo hooliganismo ou por grupos de adeptos emocionalmente descontrolados, prende-se também com o facto de afetar diretamente os clubes, algo mais profundo e complexo e

que em muitos dos casos não está visível aos olhos dos espectadores. Fala-se então do clima de suspeição que é levantado em torno das vitórias e em torno das conquistas.

A corrupção sempre atuou paralelamente junto ao universo do desporto, algo que já foi referido no primeiro momento desta dissertação, contudo o que é importante trazer agora para a discussão, é exatamente o efeito provocado por essa corrupção, ou hipotética corrupção (em muitos dos casos).

Este fenómeno tem-se vindo a propagar um pouco por todo o mundo desportivo, nomeadamente ao nível do futebol. A Europa tem vindo a ser alvo de sucessivos episódios que em momento algum glorificam o desporto.

Marivoet (2009), através do seu estudo publicado em *Configurações Revista de Sociologia*, faz referência a este clima de suspeição, afirmando o seguinte:

A violência que se foi manifestando no desporto português, em especial nos jogos de futebol, sugere o aumento da tensão dos jogos decorrente da intensificação da competição desportiva, mas também o agravamento das desconfianças em torno da justiça assegurada nos campeonatos. (Marivoet 2009, p. 5-6)

Este clima de instabilidade e desconfiança, especialmente em Portugal tem um vasto número de protagonistas socialmente apontados como culpados, mas não necessariamente reconhecidos judicialmente como tal, englobando adeptos, jogadores, treinadores, dirigentes desportivos, meios de comunicação social, entre muitos outros. Todos eles de uma forma ou de outra tiram proveito deste clima de instabilidade sob a justificação de aos poucos irem enfraquecendo os seus rivais.

À semelhança de Portugal, também a Grécia⁸ tem tido alguns problemas ao longo dos últimos anos face a acusações e investigações sobre possíveis esquemas de viciação de resultados, contudo no caso grego a situação saiu mesmo do controlo das autoridades que regulam o desporto e a sociedade, o que tem vindo a causar graves confrontos entre adeptos rivais e entre as forças policiais do mesmo país.

Este ano de 2018, o campeonato grego tem vindo a ser marcado por episódios de violência extrema, dentro e fora dos recintos desportivos e ameaças à integridade física dos próprios protagonistas, nomeadamente para com os jogadores e treinadores.

⁸ Notícia 14 março 2018: “O Futebol grego está à beira do precipício”. Fonte: Diário de Notícias <https://www.dn.pt/desporto/interior/fifa-diz-que-futebol-grego-esta-a-beira-do-precipicio-9186459.html>

O episódio mais grave aconteceu no passado mês de março (2018), de acordo com o Jornal The Guardian, quando Ivan Savvidis⁹, presidente do Paok Salonika¹⁰ invadiu o relvado durante o jogo para pedir justificações ao árbitro por este ter anulado um golo da sua equipa perto do fim do jogo, golo esse que daria o empate à formação do PAOK.

Se esta situação já seria considerada grave, mais grave se tornou quando todos se aperceberam no local e os espetadores através da transmissão televisiva que o presidente entrou no relvado com uma pistola à cintura com o intuito de intimidar o árbitro. Foi posteriormente retirado do relvado pelos seguranças do recinto e o árbitro terminou de imediato o jogo. Mais tarde, já no balneário, o árbitro viria a alterar a sua decisão, validando o golo e confirmando essa alteração no relatório escrito do jogo.

Este episódio teve um impacto muito forte no mundo desportivo, levando a UEFA a atuar, e de acordo com o The Guardian¹¹, o campeonato grego foi suspenso desde então e foi aplicada uma punição que interdita o Ivan Savvidis de entrar em recintos desportivos por um período de 3 anos.

Após este tipo de acontecimentos é de extrema importância que haja momentos de reflexão, seja eles em público ou em privado por todos os intervenientes que compõe o mundo do desporto. Adeptos, jogadores, árbitros, presidentes, dirigentes, meios de comunicação social e sobretudo, os decisores políticos, têm de averiguar a multidimensionalidade do problema. É fundamental para perceber os motivos para a ocorrência de tais episódios, as condições em que ocorreram, a maneira mais ou menos eficaz com que todos os elementos em redor lidaram com a situação, de que forma é que se pode consciencializar e preparar todos os intervenientes de modo a que estes episódios deixem de ocorrer, atuando assim numa ótica preventiva e formador.

Estes não são problemas ou atos isolados, pelo que têm vindo a acontecer com maior frequência um pouco por todo o mundo, e em especial na Europa como vimos anteriormente. É preciso que haja políticas públicas, regras e advertências capazes de alterar o paradigma atual do desporto.

A emergência de se criar espaços de reflexão e de regulação legislativa para combater os comportamentos desviantes que tanto afligem o desporto não é de agora, Marivoet (2006), refletia que:

⁹<https://www.theguardian.com/football/2018/mar/12/greek-football-match-stopped-after-team-owner-invades-pitch-with-a-gun>

¹⁰ Clube profissional que milita na primeira liga de futebol grega.

¹¹<https://www.theguardian.com/football/2018/mar/29/greek-club-president-ivan-savvidis-banned-stadiums-three-years-gun-incident-paok-salonika-aek-athens>

Os factos parecem apontar para uma tendência na mobilização das instâncias políticas no estabelecimento de espaços de concertação com vista à definição de compromissos, bem como de acções legislativas que lhe atribuem poderes de fiscalização, prevenção e sanção dos actos que colocam em causa os princípios éticos consagrados. (Marivoet, 2006, p. 17)

Existem várias medidas governamentais e não governamentais que direcionam a sua intervenção para o combate desta esta crise de valores sociais, através da utilização do desporto como catalisador para a mudança social, refletindo muitas vezes as suas preocupações face ao aumento de casos de violência no desporto.

Tal como já antes ficara expresso na publicação da Comissão Europeia através da publicação do Livro Branco sobre o Desporto (2007) manifesta a sua preocupação acerca da violência no desporto, referindo o seguinte:

A violência que acompanha certos eventos desportivos, nomeadamente nos campos de futebol, continua a ser preocupante e pode assumir formas diferentes, tendo se deslocado do interior dos estádios para o exterior e passado a afetar zonas urbanas. (Comissão Europeia, Livro Branco sobre o Desporto, 2007, p. 15)

Partilhando das mesmas preocupações, também o Plano Nacional de Ética no Desporto (PNED) direciona a sua missão para o combate à visão simplista e mercantil do Desporto trazendo-o, de novo, para a esfera da sua verdadeira essência: dotar o processo e a educação e formação dos jovens de uma característica de natureza humanista e única.

O PNED afirma também que a “prática desportiva deve contribuir para a formação e desenvolvimento integral do cidadão, incluindo a aprendizagem e desenvolvimento dos princípios da ética, fundamentais ao exercício da cidadania, para a diversidade e inclusão social.”

O atual panorama do desporto é o espelho da sociedade contemporânea, refletindo uma ausência de valores sociais, deixando de ser um espaço social em que através do ócio e do lazer se apelava à participação, à cidadania ativa, ao respeito pelo outro e aos princípios da diversidade e da inclusão social junto dos cidadãos.

Pior do que esta ausência de valores, é a propagação e propaganda que é feita assente em valores opostos, em linhas de pensamento e de atuação extremistas que põe em causa o equilíbrio social, uma vez que incentivam a segregação dos grupos, apelando ao ódio e à violência.

O desporto moderno tem vindo a dar origem a problemas complexos e objetivo desta breve crítica passou por referir alguns deles. Seja a violência no desporto, seja a pressão do marketing desportivo sobre os jovens, seja a viciação de resultados, a corrupção financeira, todos estes problemas afetam direta e indiretamente a sociedade em geral, o que fará com

que a linha que separa a inclusão e a exclusão de pessoas na sociedade seja cada vez mais ténue. Isto irá por sua vez acentuar os processos de exclusão social de pessoas desfavorecidas e manter os problemas sociais ainda mais complexos, como a pobreza e a criminalidade, entre outros.

Caracterização da Exclusão Social de Jovens em Risco

Exclusão e Inclusão social

O desporto visto como uma metodologia que promove a inclusão social de jovens em risco, permite que a sua intervenção seja ampla ao ponto de ser capaz de atuar em vários eixos estratégicos, estando inerente a essa intervenção vários conceitos que se tornam fulcrais de definir a fim de que se possa compreender como se processa todo este processo.

Irei focar a próxima análise na definição de conceitos basilares com o conceito de Inclusão Social, o de Exclusão Social assim como trazer para a discussão a caracterização de Jovens em Risco.

Comecemos então por analisar o conceito de Exclusão Social recorrendo a autores conceituados, assim como a várias perspetivas sobre o mesmo conceito.

De acordo com o Relatório Conjunto sobre a Inclusão Social (2003) a exclusão social caracteriza-se por ser:

um processo através do qual certos indivíduos são empurrados para a margem da sociedade e impedidos de nela participarem plenamente em virtude da sua pobreza ou da falta de competências básicas e de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, ou ainda em resultado de discriminação. Este facto distancia-os de oportunidades de emprego, rendimento e educação, bem como das redes e atividades sociais e das comunidades. Têm pouco acesso a organismos de poder e decisão e sentem-se, por esse motivo, impotentes e incapazes de assumir o controlo das decisões que afetam as suas vidas quotidianas. (Relatório Conjunto sobre a Inclusão Social, 2003, p. 9)

Para Lopes (2006) e de acordo com a citação acima referida, a exclusão social está na maioria das vezes associada a um campo de causalidade bastante complexo e multidimensional, podendo ir desde a falta de competências básicas até às questões da discriminação.

Estivill (2003) faz também referência ao caráter multidimensional da exclusão social afirmando que esta é:

processo acumulativo e pluridimensional que afasta e inferioriza, com ruturas sucessivas, pessoas, grupos, comunidades e territórios dos centros de poder, dos recursos e dos valores dominantes (...). As manifestações de exclusão estão relacionadas, portanto, com a ideia de processo. (Estivill, 2003, p. 39)

Tendo a exclusão social um caráter multidimensional, importa então que estes sejam apresentados, como tal, Bruto da Costa (2008) profere a ideia de que existem várias dimensões da exclusão social e de que também várias “exclusões sociais”, sendo ela de tipo económico, social, cultural, de origem patológica ou por comportamentos autodestrutivos.

Relativamente à dimensão da exclusão social de tipo económico, Bruto da Costa (2008) identifica a pobreza, quanto à de tipo social, o mesmo autor identifica a rutura dos laços sociais como é exemplo do caso do isolamento de idosos.

Quanto à dimensão da exclusão social de tipo cultural o autor identifica a rejeição ou discriminação de minorias étnicas. A exclusão social de tipo patológico pode ser causada por distúrbios mentais assim como a exclusão social por comportamentos autodestrutivos pode ter origem no consumo descontrolado de álcool e no consumo de drogas.

Estivill (2003) apresenta-nos uma definição mais ampla na medida em que estabelece uma caracterização da exclusão através dos circuitos de privação, como podemos ver em seguida:

A exclusão tem uma base material relacionada com a falta de meios de subsistência, não sendo apenas produto da diferenciação social. São os circuitos de privação, as desvantagens acumuladas, o que caracterizam a exclusão. As origens familiares, um nível de escolarização baixo, nulo ou deficiente, uma formação profissional escassa ou reduzida, a falta de trabalho, o trabalho precário ou sazonal, uma alimentação deficiente, vencimentos reduzidos, uma habitação inadequada ou em más condições, estado de saúde debilitado e doenças crónicas ou repetitivas, a falta de prestações sociais e sem acesso aos serviços públicos, entre outros, costumam ser os elementos mais evidentes destes circuitos empobrecedores. (Estivill,2003)

Castel (1998, citado por Marivoet 2016) caracteriza a exclusão social como uma forma de desfiliação, resultado da perda de participação na atividade produtiva associada ao isolamento relacional, considerando ainda que vulnerabilidade social é uma zona intermediária instável, que conjuga a precariedade do trabalho com a fragilidade dos suportes de proximidade e de apoio.

Em suma, conclui-se que a exclusão social é um processo, e posteriormente um produto, que faz com que os indivíduos sejam colocados à margem da sociedade, ficando impedidos de ter o acesso a oportunidades e serviços de qualidade que lhes permitam romper o ciclo de pobreza. Este circuito de privação alarga-se à dificuldade em encontrar um emprego estável, condições básicas de vida (alimentação, saúde e habitação), níveis de escolaridade entre outros.

Para que se consiga romper o ciclo de exclusão social é necessário que se dê origem a um processo inverso, capaz de reconstruir ou criar novos laços de modo a que os indivíduos excluídos socialmente possam integrar o tecido social.

De acordo com o Relatório Conjunto sobre a Inclusão Social (2003) a inclusão social caracteriza-se por ser:

um processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acedem às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e beneficiarem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem. Assegura-lhes, pois, uma participação acrescida no processo decisório que afeta as suas vidas e o acesso aos seus direitos fundamentais. (Relatório Conjunto sobre a Inclusão Social – 2003, p. 9)

O processo de inclusão social passa por criar oportunidades e ambientes favoráveis para que os indivíduos, até então excluídos, tenham acesso às estruturas económicas, sociais e culturais que regulam a sociedade.

As medidas de promoção da inclusão passam muitas das vezes por serem respostas de programas institucionais de encontro com a exclusão social (Lopes, 2006, p. 22) e propostas de melhoria de capital humano por meio da educação, do treino e de empregos de melhor qualidade (Mazza, 2005, p. 183).

Jovens em Risco

Os conceitos de exclusão e inclusão social estão sempre interligados uma vez que a inclusão é a resposta ao problema da exclusão e nesse sentido é importante adequar o processo de inclusão às necessidades da população-alvo.

Neste sentido é preciso clarificar o tipo de população-alvo de acordo com os objetivos desta investigação, sendo pertinente trazer algumas considerações acerca da população de Crianças e Jovens em Risco.

Segundo o artigo 3.^o¹² da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo o conceito de crianças e jovens em risco define-se da seguinte forma: «A intervenção para promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo tem lugar quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de ação ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo.».

A mesma lei considera que uma a criança ou o jovem está em perigo quando se encontra numa das seguintes situações:

- a) está abandonada ou vive entregue a si própria;
- b) sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) não recebe os cuidados ou a afeição adequada à sua idade e situação pessoal;
- d) é obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- e) está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- f) assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.»

De acordo com a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDP) existem duas situações fundamentais a atender aquando se procede o diagnóstico de algum caso, sendo que existem as situações de risco e as situações de perigo.

¹²Decreto Lei nº 147/99 de 1 de setembro em Diário da República

Entende-se então, segundo a CNPDPC, situações de risco como situações que “revelam um perigo potencial para a concretização dos direitos da criança (e.g.: as situações de pobreza)”, embora não tenham alcançado o elevado grau de probabilidade de ocorrência que o conceito legal de perigo encerra.

Na mesma ótica, uma situação de perigo ocorre quando existe uma “manutenção ou a agudização dos fatores de risco (...) na ausência de fatores de proteção ou compensatórios”. Neste sentido na maioria dos casos quando os fatores considerados de risco não forem mitigados através das estratégias de intervenção primárias e secundárias, a situação tende em agravar-se ao ponto de ser considerada uma situação de perigo para a criança ou jovem.

A Direção Geral de Saúde (2011) procede a uma definição muito sucinta dos conceitos de risco e de perigo, indo de encontro com as definições acima referidas da CNPDPC:

O RISCO, sendo um conceito mais lato que o de perigo, diz respeito à vulnerabilidade da criança/jovem vir a sofrer de maus tratos.
O PERIGO, que adquire um sentido mais concreto, corresponde à objetivação do risco. (Direção Geral de Saúde, 2011, p. 10)

Em relação às situações que classificam a criança ou o jovem como estando numa situação de risco, estas são pluridimensionais ao nível das tipologias de risco/perigo.

De acordo com o Guia Prático de Abordagem, Diagnóstico e Intervenção - Maus Tratos Em Crianças E Jovens da autoria da Direção Geral de Saúde, existem várias tipologias, entre as quais a negligência (incluindo nesta tipologia o abandono e a mendicidade), o mau trato físico, o mau trato psicológico/emocional e o abuso sexual.

A negligência, e segundo este guia prático, define-se pela “incapacidade de proporcionar à criança ou ao jovem a satisfação de necessidades básicas de higiene, alimentação, afeto, educação e saúde, que são consideradas indispensáveis para o crescimento e desenvolvimento adequados”.

O mau trato físico é caracterizado por qualquer ação ou comportamento não acidental realizado pelo responsável educacional da criança, sendo que esta ação possa ser isolada ou repetida, e que de alguma resulte em danos físicos na criança ou jovem, como por exemplo hematomas, fraturas ou cortes, etc.

O mau trato psicológico é uma ação ou um comportamento que incide contra o bem-estar e o equilíbrio emocional da criança ou jovem, resultando assim na quebra ou na inexistência de laços afetivos e de proteção, originando situações de isolamento social,

transtorno psicológicos e em muito casos tendências suicidas, face às pressões psicológicas de que as crianças e os jovens são sujeitas.

O abuso sexual dá-se quando um adulto satisfaz as suas necessidades sexuais envolvendo-se com uma criança. Por norma, estas situações são muito difíceis de diagnosticar aquando dos primeiros abusos, revelando-se na maioria dos casos atos de abuso contínuo e que vão tendo impacto prejudicial ao nível físico e psicológico a curto, médio e longo prazo na vida das vítimas.

De acordo com o Guia Prático de Abordagem, Diagnóstico e Intervenção - Maus Tratos Em Crianças E Jovens da autoria da Direção Geral de Saúde as situações de abuso sexual são extremamente difíceis de diagnosticar numa fase inicial devido estágio de desenvolvimento em que se encontra a criança, inibindo esta de ter capacidade de perceber que está a ser vítima de abuso ou então, em caso de perceção desse mesmo abuso, não ter capacidade de o nomear como abuso sexual.

Importa agora perceber como é que as crianças e jovens em situação quer de risco, quer de perigo podem ser apoiadas, de forma a que os seus direitos como seres humanos possam vir a ser salvaguardados.

De acordo com o site oficial da Segurança Social e especificamente na área informativa acerca de Crianças e Jovens em Situação de Perigo, é definido como prioridade a promoção dos direitos e da proteção das crianças e jovens em risco, de modo a que se proporcione um ambiente equilibrado e seguro. As estratégias de intervenção têm o seu objetivo assente no desenvolvimento pessoal e social destas crianças e jovens.

Existem por isso, e de acordo com a mesma entidade, várias respostas sociais para salvaguardar a qualidade de vida de crianças e jovens.

Sendo elas as seguintes:

a) Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP)

É uma resposta desenvolvida para dar acompanhamento a famílias com crianças e jovens. Esta intervenção é assente nas bases da prevenção e da preparação da família para situações de risco através do desenvolvimento de competências parentais, pessoais e sociais das famílias.

b) Equipa de Rua de Apoio a Crianças e Jovens

É uma resposta que visa apoiar crianças e jovens em rutura familiar e social, estando inseridos num contexto de risco por via de comportamentos desviantes e que não estejam a receber qualquer apoio institucional.

Um dos principais objetivos desta resposta passa por realizar uma prevenção primária da toxicod dependência e de comportamentos desviantes assim como um eventual encaminhamento para estruturas de rede existentes para promover a inserção social.

c) Acolhimento Familiar

É uma resposta direcionada para crianças e jovens em situação de perigo em que a sua guarda é entregue a uma família ou a uma pessoa singular capaz de proporcionar um ambiente saudável ao desenvolvimento de uma criança. Esta medida de promoção e proteção é aplicada apenas quando a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou o Tribunal assim a declara.

Um dos principais objetivos desta resposta passa por retirar a criança ou o jovem de um ambiente de risco e recolocá-la/o num ambiente saudável visando assim a sua integração em meio familiar.

d) Centro de Acolhimento Temporário

É uma resposta social que tem por base a medida de promoção e proteção de crianças e jovens e que atua através do acolhimento urgente e temporário dos mesmos. O período de acolhimento nestes centros nunca (em teoria) poderá exceder os seis meses.

Um dos principais objetivos desta resposta passa por assegurar alojamento temporário a crianças e jovens em risco/perigo, concedendo-lhes o direito ao usufruto de um ambiente seguro e saudável, enquanto que paralelamente se elabora o diagnóstico da criança ou jovem em causa, traçando as eventuais estratégias de intervenção que a posteriori serão implementadas.

e) Lar de Infância e Juventude

É uma resposta social que tem por base a medida de promoção e proteção de crianças e jovens e que atua através do acolhimento por um período superior a seis meses destas mesmas crianças.

Um dos principais objetivos desta resposta passa por proporcionar condições que permitam proteger e promover a segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral da criança ou jovem. É fundamental para que se garanta a bem-estar familiar entre a criança e a família, que haja uma sólida articulação os responsáveis técnicos do LIJ e os familiares.

f) Apartamento de Autonomização

É uma resposta social que consiste na inclusão de jovens, com idade superior a 15 anos, em apartamentos inseridos numa localidade, cujo objetivo passa por promover a sua autonomização e a transição para a vida adulta.

Em 2017, através da Lei n.º 23/2017 de 23 de maio, procedeu-se a alteração importante na legislação, uma vez que a lei prevê o alargamento do período de proteção concedido a um jovem, passando o limite de apoio e acompanhamento de 21 anos para 25 anos.

a pessoa com menos de 18 anos ou a pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos, e ainda a pessoa até aos 25 anos sempre que existam, e apenas enquanto durem, processos educativos ou de formação profissional (...).

Neste sentido, o alargamento do período de tempo de intervenção e acompanhamento destes jovens vai permitir que a intervenção seja feita de forma mais continuada e sustentada, permitindo aos jovens em causa que consigam terminar o processo de fortalecimento pessoal que lhes deverá facilitar o processo de reinserção social.

Processos de Inclusão Social de Jovens Em Risco

Educação Não Formal e o *Empowerment*

Uma vez que esta dissertação tem como objetivo principal realizar uma investigação sobre quais os contributos do desporto para a inclusão social de jovens em risco, torna-se essencial estabelecer uma articulação entre os jovens em situação de risco e estratégias de intervenção que se afastam, de forma conceptual, dos formalismos utilizados pela Segurança Social através das políticas sociais do Estado.

Atentamos então para a importância que o terceiro sector tem na facilitação dos processos de inclusão social desta tipologia de crianças e jovens.

Começamos por uma breve contextualização sobre o terceiro sector, sector este que começou a ser introduzido nas reflexões políticas em meados da década de 1970.

Segundo Ferreira (2013) o terceiro sector está intimamente ligado às discussões sobre o estado-providência no sentido de clarificar o papel do estado e o papel da sociedade civil na integração e no bem-estar das populações.

A mesma autora define de forma clara e objetiva o terceiro sector, como um conjunto de organizações e iniciativas da sociedade civil que, uma vez que não pertence ao Estado, produz bens e serviços e que, sendo privadas, não têm fins lucrativos (Ferreira, 2009).

Evers e Laville (2004) posicionam o terceiro sector numa parte central de um triângulo cujos vértices são o mercado, o Estado e a comunidade, articulando e agilizando as relações entre estes três vértices através das suas organizações.

Importa trazer para a discussão, uma reflexão sobre as principais divergências entre estes três vértices, e diz o seguinte:

as ONGs sabem que nem o Estado nem o mercado são capazes de produzir o máximo de bem-estar para todos na medida em que se organizam e atuam na lógica da exclusão e da perpetuação das desigualdades. As ONGs querem democratizar o mercado (...) e o Estado (...) Elas não têm vocação do estado, não compartilham a obsessão por lucros do mercado, não substituem os actores sociais do mundo presente. (Souza, 1991, p. 8)

O terceiro sector emerge numa altura em que o estado providência estava numa profunda crise que o impossibilitava de ter capacidade de resposta para as necessidades da comunidade. Nesse sentido, e com o objetivo claro de colmatar essa falha, o terceiro sector, através das suas instituições começou a ter um peso maior no que diz respeito às repostas sociais.

Ferreira (2009) identifica algumas destas instituições do terceiro sector, caracterizando-o através de «(...) a uma grande variedade de iniciativas, como organizações

de caridade, associações, fundações, grupos de autoajuda, iniciativas populares de base, redes e movimentos sociais, mutualidades, cooperativas, empresas sociais e outras.»

Além das diferentes formas das organizações do terceiro setor, todas elas possuem diferentes características:

Estas podem referir-se a características organizacionais – como o carácter privado, a ausência de finalidades lucrativas, o objetivo de beneficiar a comunidade ou os seus membros, o seu carácter autogovernado e voluntário e o seu grau de organização formal – ou a racionalidades ou valores específicos – solidariedade, participação democrática, enraizamento local. (Ferreira, 2009)

Uma característica fundamental das organizações do terceiro setor é a pluralização e hibridização dos seus recursos, sendo este capaz de recorrer à utilização de recurso variados entre os quais, e de acordo com Evers (1995) se destacam os financiamentos públicos ou privados, vendas e fundos próprios, quotas e o capital social. Este último, o capital social, que é visto como recurso cívico e comunitário, presente nas relações entre os indivíduos e nas comunidades com o objetivo de criar bem-estar social. O capital social é também visto como um catalisador para a mudança, para a criação de redes, para a promoção da solidariedade, para compromisso com a causa, entre outro.

Estes recursos são potencializados pelo terceiro setor através das suas metodologias diferenciadoras de intervenção, na medida em que é dado especial destaque à participação cívica da população, permitindo assim o envolvimento e responsabilização da mesma na resolução dos problemas sociais.

As metodologias de intervenção do terceiro setor caracterizam-se por se afastarem daquilo que caracteriza intervenções do Estado e do Mercado, uma vez que recorrem à educação não formal e ao *empowerment* para gerar condições para que seja possível a ocorrência de uma mudança social.

Ao longo dos próximos parágrafos cada um destes conceitos irá ser definido, sendo também especificadas as características de cada um deles.

Começemos então pelo conceito de educação não formal, sendo ele um conceito difícil de definir pois não existe uma consensual opinião relativamente ao seu significado.

Esta dificuldade de definição do conceito preside na inevitável comparação entre aquilo que é a educação não formal e aquilo que é a educação formal.

O Memorando de Aprendizagem ao Longo da Vida¹³, serve de mote para dar início ao debate sobre os métodos de aprendizagem e os seus consequentes efeitos na sociedade, fazendo referência à importância da oferta diversificada destes mesmos métodos.

A motivação individual para aprender e a disponibilização de várias oportunidades de aprendizagem são, em última instância, os principais fatores para a execução bem-sucedida de uma estratégia de aprendizagem ao longo da vida. É essencial aumentar a oferta e a procura de oportunidades de aprendizagem, principalmente para os que menos beneficiaram de ações educativas e de formação. Todas as pessoas deveriam ser capazes de seguir percursos de aprendizagem da sua escolha, em vez de serem obrigadas a trilhar caminhos pré-determinados conducentes a destinos específicos. Implica isto, simplesmente, que os sistemas de educação e formação deverão adaptar-se às necessidades e exigências individuais e não o contrário. (Comissão Europeia, 2000, p.9)

Neste sentido, importa desde o início clarificar o conceito de educação formal de uma forma muito clara e sucinta, na medida em que este se prende com um carácter rígido e avaliativo, geralmente associado a um contexto institucional escolar ou de formação. Uma vez que este conceito possui um carácter avaliativo, é recorrente que haja uma certificação institucional da aprendizagem.

Gadotti (2005), caracteriza a educação formal da seguinte forma:

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. (Gadotti, 2005)

Na tentativa de criar alternativas à burocratização e rigidez do sistema de aprendizagem formal, começaram a ser introduzidos os conceitos de educação informal e educação não formal.

De acordo com Gohn (2014) a educação informal prende-se com aquela que os indivíduos aprendem ao longo do seu processo de socialização, ocorrendo esta em espaços sociais e em locais como a igreja, espaços culturais, clubes desportivos, entre outros.

Para Pinto (2005, p. 3) a definição de educação informal vai ao encontro da definição de Gohn acima referenciada, na medida em que esta se define como «(...) tudo o que aprendemos (...) a partir do meio em que vivemos: das pessoas com quem nos relacionamos informalmente, dos livros que lemos ou da televisão que vemos, da multiplicidade de experiências que vivemos quotidianamente com mais ou menos intencionalidade (...)».

¹³ Comissão Europeia (2000) - <https://infoeuropa.eu/ocid.pt/files/database/000033001-000034000/000033814.pdf>

Por sua vez, a educação não formal é caracterizada por Gadotti (2005) da seguinte forma:

A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. (Gadotti,2005)

Outra perspectiva sobre a educação não formal parte de Gohn (2001), que esclarece o conceito da seguinte maneira:

Aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área. (Gohn ,2001, p. 32)

A educação não formal é vista como a aprendizagem que o indivíduo procura realizar ao longo da vida, sob forma de completar a sua aprendizagem pessoal e social, estando ela relacionada com os processos de partilha de experiências em grupo, nos movimentos sociais, nos programas de formação sobre os temas dos direitos humanos, da cidadania, da luta contra as desigualdades sociais, entre outros.

Todos estes espaços sociais de partilha de experiências e de convivência permitem uma ampliação da ação de educar e de aprender, na medida em que está aqui em causa um processo de formação, de emancipação, de humanização pela via da cidadania ativa, de uma melhor convivência na sociedade entre indivíduos, que a instituição escola, por via da educação formal, parece não estar a alcançar.

Sob o mesmo ponto de vista, para Luís Castanheira Pinto (2005), o conceito de educação não formal relaciona-se intrinsecamente com a ideia do desenvolvimento de saberes e competências dos indivíduos. Este processo de aprendizagem engloba valores sociais e éticos, apresentado como exemplos, os direitos humanos, a tolerância, a promoção da paz, a justiça social, a cidadania democrática, entre outros.

Gohn (2014) caracteriza a forma de atuar da educação não formal como um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como a multiplicidade de programas e projetos sociais.

Estas definições permitem-nos desde já perceber algumas diferenças entre os conceitos, nomeadamente a questão da burocratização e da rigidez da educação formal em

relação à flexibilidade da educação não formal, livre de processos avaliativos e em teoria, menos dependente de uma formulação hierárquica.

Relativamente à diferença entre a educação não formal e a informal, esta encontra-se assente no princípio da intencionalidade, ou seja, na educação não formal a maioria dos indivíduos têm uma intencionalidade na realização da ação, uma vez que à priori possuem uma vontade, tomam posteriormente a decisão de realizá-la, procurando os caminhos e os procedimentos para tal ação (Gohn 2014, p. 40).

Todos estes autores têm perspetivas que se aproximam e em todas estas definições há uma ideia consensual que posiciona a educação não formal como uma metodologia familiar ao terceiro setor. Esta proximidade ao terceiro setor por parte da educação não formal, está presente através de atividades, projetos e programas de cariz social levados a cabo por organizações sem-fins lucrativos, associações, movimentos sociais, entre tantas outras formas de intervenção características do terceiro setor.

Esta ligação da educação não formal ao terceiro setor é formalizada por Nogueira (2007) quando afirma que

Existem, pois, hoje, em Portugal, os Terceiros Lugares Educativos e um Terceiro Sector, por excelência locais de educação não formal ou informal. Foram se aperfeiçoando nas duas últimas décadas, com especial incidência nos anos 90, dando respostas organizadas e alternativas ao sistema formal de ensino, no âmbito da Educação Formação. Recolocaram também a questão da participação cívica e introduziram o debate na territorialização da educação, desenvolvimento local, direitos humanos, solidariedade social e outros. (Nogueira, 2007, p.12)

Para Gohn (2014, p. 42), a ideia de que as várias formas de educação se devem articular é defendida quando a autora afirma que «(...) jamais um cidadão se forma apenas com a educação não formal.»

Na mesma linha de pensamento Cavaco (2002, pág. 27) afirma que a «valorização das modalidades educativas não-formal e informal, como complementares da educação formal».

A educação não formal pode então ser vista como uma forma de completar o ciclo de aprendizagem do indivíduo, tirando assim partido dos aspetos positivos de cada forma de educação. A educação não formal pode servir também para resolver os conflitos e promover a educação formal, com base nos projetos sociais, de modo a que o indivíduo melhore o seu rendimento enquanto aluno. Contudo e para que isso aconteça, é fundamental que haja um conhecimento e uma articulação eficaz dos princípios da educação formal e não formal entre os agentes promotores. Esta articulação potencia a criação de redes colaborativas de ação

junto dos movimentos sociais, criando assim sinergias fundamentais para que o impacto destas aprendizagens seja cada vez mais eficaz.

Em suma, podemos classificar a educação não formal como um processo metódico, de cariz voluntário (na medida em que existe intencionalidade na participação) e onde a aprendizagem não é sujeita a avaliação nem a uma “escada” de níveis de aprendizagem. Esta aprendizagem tem como foco a formação e a capacitação do indivíduo, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento das suas potencialidades, voltadas para a cidadania e para a ética com o objetivo de colocar os indivíduos no centro do processo de resolução dos seus próprios problemas sociais.

Para além da educação não formal, existem outras metodologias educativas utilizadas na intervenção social, como é o caso do *empowerment*.

A abordagem ao *empowerment* será feita na perspetiva da intervenção social, atuando junto de crianças e jovens em risco, delegando-lhes assim o poder e a autonomia para que sejam capazes de participar ativamente na resolução dos seus problemas.

Originalmente utilizado na área da gestão empresarial, o *empowerment* começou a ser utilizado pela intervenção social como um gerador de mudança social da década de 70, através do trabalho social nos Estados Unidos da América (Simon, 1994).

O *empowerment* era visto no mundo corporativo como uma ferramenta de transmissão de poder e de autonomia por parte dos gestores para os trabalhadores, de modo a que estes últimos pudessem participar na resolução de problemas e no desenvolvimento de novas ideias, afim de melhorar a produtividade da empresa (Rodrigues & Kovaleski, 2015).

A tradução real de *empowerment* para a língua portuguesa é a de “empoderamento”, sendo que o próprio dicionário (Priberam) apresenta o seu significado como: “Ato ou efeito de dar ou adquirir poder ou mais poder” (in Dicionário Online Priberam).

Neste sentido, a ideia central do conceito de *empowerment* passa por delegar ou receber poder e autonomia.

O conceito de *empowerment* não reúne grande consenso, existindo diversas linhas de pensamento e autores assim como tais diversas áreas em que o *empowerment* pode ser utilizado. Isto para dizer que provavelmente a única característica que é comum a todas as linhas de pensamento é mesmo a questão de dar poder a alguém, o ato de empoderar. Sendo o que mais importa para o debate é a perspetiva da intervenção social, o *empowerment* não se pode resumir meramente ao ato de dar poder a alguém. No mínimo, o mais importante

não é dar o poder a alguém, mas sim a capacitação e a emancipação de alguém a utilizar esse mesmo poder.

Para Pinto (1998, p. 247), o *empowerment* é caracterizado por “Um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sociocultural, político e económico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania”

Nesta perspetiva o *empowerment* é um processo que visa o acréscimo de poder, partindo da ideia de que todos os indivíduos que integrem estruturalmente a sociedade detém já algum poder, seja a nível social, económico ou político.

A linha de pensamento de Friedmann (1996, p. 8) vai ao encontro ao que acima foi dito na medida em que interpreta o empoderamento como “todo acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania”.

O *empowerment* está associado a uma mudança social através da perspetiva da participação cívica, uma vez que se espera que uma mudança no indivíduo possa vir a desencadear uma mudança do mesmo na sociedade, quer seja a nível social, comunitário ou político.

No seguimento desta perspetiva, Costa (2002, p.7) define o *empowerment* como um “mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades tomam controlo dos seus próprios assuntos, da sua própria vida e do seu destino, consciencializando-se da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir”.

Friedmann (1996) apresenta-nos o *empowerment* dividido em três níveis, o social, o político e o pessoal. O *empowerment* pessoal vai ao encontro do despertar da consciência em relação à autonomia da pessoa e do seu desenvolvimento pessoal. Esta é uma das características do *empowerment*, servindo por isso para a valorização e motivação dos indivíduos em se tornarem agentes de mudança.

Em forma de conclusão, podemos considerar o *empowerment* no campo social como processo e um resultado de transformação e emancipação do indivíduo enquanto ser singular e como elemento da sociedade, tratando-se, portanto, de todo aquele acréscimo de poder que o indivíduo adquire e que lhe permite chegar mais próximo das tomadas de decisão através de uma democracia participativa. Não há coerência alguma em utilizar o *empowerment* como

uma metodologia individualista, na medida em que o objetivo de empoderar um indivíduo é torna-lo capaz de utilizar esse poder para bom proveito da sociedade.

Pinto (2001, p. 260), considera que esta democracia participativa “implica o envolvimento direto e ativo na tomada de decisões que dizem respeito à comunidade, e mesmo na sua execução, por parte de todos os elementos da comunidade.”.

Um das definições que melhor aproxima o *empowerment* às questões do trabalho social é a de Villacorta e Rodríguez (2003), que o caracterizam como:

um processo de construção e/ou ampliação das capacidades que têm as pessoas e grupos pobres para: assumir o controlo dos seus próprios assuntos; produzir, criar, gerar novas alternativas, mobilizar as suas energias para o respeito dos seus direitos; mudar as suas relações de poder; obter controlo sobre os recursos físicos, humanos e financeiros e também, sobre as ideologias (crenças, valores e atitudes); poder discernir como escolher; levar a cabo suas próprias opções. (Villacorta e Rodríguez, 2003, p. 47)

Contributo do Desporto para a Inclusão Social de Jovens em Risco

Raros são os fenómenos sociais que têm o impacto que o desporto tem na sociedade.

O desporto, no geral, tem uma abrangência de grande escala através das suas potencialidades, contudo, o desporto que se pretende aqui valorizar é visto como um prolífico campo de possibilidades de resposta no que diz respeito às questões educativas, culturais e de saúde da sociedade contemporânea.

Mais concretamente, o desporto tem uma relação muito direta e frutuosa com as questões da aprendizagem e da educação, no sentido de que o rigor do treino, bem como toda a versatilidade dos seus métodos, permite que os jovens estimulem a lógica do pensamento e o raciocínio enquanto se desenvolvem como indivíduos e atletas.

O rigor do treino assume desde logo uma hierarquização, quanto mais não seja pela delegação de papéis, o foco central está nos treinadores e educadores, bem como nos principais protagonistas, os jogadores. Um dos motivos que leva a crer que o desporto é um poderoso mecanismo de reinserção de jovens em risco na sociedade, prende-se com o facto desta hierarquização, na maioria dos casos, ser fácil de ser respeitada.

Santos (2010, p. 3), defende esta ideia em torno do desporto e do desenvolvimento físico e intelectual dos jovens, referindo ainda que este tipo de atividades “físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas.”

Entendamos então o Desporto, tendo por base a Carta Europeia do Desporto (2001, Ap. Livro Branco sobre o Desporto, 2007, p. 2), como “todas as formas de atividade física que, através da participação ocasional ou organizada, visam exprimir ou melhorar a condição física e o bem-estar mental, constituindo relações sociais ou obtendo resultados nas competições a todos os níveis”.

O Livro Branco sobre o Desporto (2007, p. 2), da responsabilidade da Comissão das Comunidades Europeias, que faz a apresentação da atualidade e dos desafios na área do desporto, afirma que “o desporto é um fenómeno social e económico crescente, que contribui de forma importante para os objetivos estratégicos de solidariedade e prosperidade da União Europeia”.

Importa ressaltar nas definições anteriores, a referência ao contributo do desporto para as relações sociais, sendo considerado em muitas ocasiões como um pacificador e unificador de povos em situação de conflito.

Mais ainda, e segundo o mesmo documento, O Livro Branco sobre o Desporto (2007, p. 3) refere que “as instituições europeias reconheceram a especificidade do papel que o desporto, cujas estruturas se baseiam no voluntariado, desempenha na sociedade europeia, em termos de saúde, educação, integração social e cultura”.

O desporto deve proteger e desenvolver a resistência, a força, a velocidade, a flexibilidade, etc., ou seja, todas as capacidades físico-motoras. Mas não te limites à corporeidade, enquanto contexto biológico. Também estás inserido num clube, ou numa escola e fazes parte de uma equipa. Depois, o desporto continua terra virgem de uma nova teoria ética, de um novo sentido da responsabilidade. Quando o sucesso e a vitória se exprimem tão-só em números, o desporto transforma-se de certo num universo concentracionário, onde se salvam as estruturas materiais, o lucro, a arrogância dos adeptos facciosos e, muitas vezes, se perdem os homens. (Sérgio, 1994, p. 35)

Este pequeno excerto contempla aquilo que é a visão ampla do desporto, bem como todas as suas potencialidades. O filósofo e professor catedrático da Faculdade de Motricidade Humana e Provedor para a Ética no Desporto, Professor Doutor Manuel Sérgio, remete-nos para a ideia de que o desporto tem um papel fundamental no processo de construção não só do (ou de cada) atleta, mas mais importante ainda, na construção do indivíduo.

Esta construção do indivíduo faz-se através das aprendizagens que este adquire nos mais diversos momentos da sua vida, permitindo o desporto a aquisição de novas aprendizagens e apetências e valores que estão inerentes à sua prática.

Mais importante do que um indivíduo se saber enquadrar de acordo com os regulamentos e as conseqüentes regras desportivas, é estar consciente do lado humano, emotivo e social de todos os participantes do jogo, sejam eles adversários, colegas de equipa, treinadores, dirigentes, árbitros, adeptos, etc...

Huizinga (2000), remete-nos para esta harmonia entre as regras do jogo e as relações sociais, referindo que:

jogo é uma atividade ou uma ocupação voluntária, praticada dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente aceites, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão, alegria e de uma consciência de ser diferente da «vida quotidiana» (Huizinga,2000, p. 24).

Após esta análise mais subjetiva sobre as potencialidades desta harmonia entre o respeito pelas regras do jogo e pelas normas sociais, é tempo agora de refletir mais concretamente como é que o desporto pode contribuir para a inclusão social de jovens em risco.

O desporto como meio de formação da condição humana, promotor e corporizador da transcendência e da excelência reclama a presença do outro, exige a integridade, a heroicidade, a humanidade, intima ao estado de se ser bom no mais alto grau. O que urge ao desporto são valores, formação, pessoas humanas e excelência, porquanto a aliança entre o conhecimento e a educação boa é um imperativo no combate à letargia, à mesquinhez, ao egoísmo, à indiferença e à desconsideração. O desporto como possibilitador da ascensão do homem ao absoluto, ao ilimitado, carece de pessoas humanas formadas com valores de elevação. Bento, 2014, p. 16)

O Livro Branco sobre o Desporto (2007, p. 2) posiciona o desporto como um catalisador de mudança social e um potenciador de valores importantes, como o espírito de equipa, a solidariedade, a tolerância e a competição leal (*fair play*), contribuindo assim para o desenvolvimento e a realização pessoais. Promove a contribuição ativa dos cidadãos comunitários para a sociedade e, conseqüentemente, a cidadania ativa.

O Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), e através da sua publicação Código de Ética Desportiva (2014) faz referência a uma lista ainda mais detalhada destes valores, referindo então que existem:

valores que, pela sua natureza, são inerentes à prática desportiva, nomeadamente: o respeito pelas regras e pelo adversário, árbitro ou juiz; o *fair play* ou jogo limpo; a tolerância; a amizade; a verdade; a aceitação do resultado; o reconhecimento da dignidade da pessoa humana; o saber ser e estar; a persistência; a disciplina; a socialização; os hábitos de vida saudável; a interajuda; a responsabilidade; a honestidade; a humildade; a lealdade; o respeito pelo corpo; a imparcialidade; a cooperação e a defesa da inclusão social em todas as vertentes. (IPDJ, 2014, p. 10)

Estes valores transversais à prática desportiva e à vida em sociedade contribuem também a para uma participação ativa dos cidadãos na sociedade, na medida em que os jovens fazendo uso desses valores, os disseminam nas suas mais diversas tarefas. Tarefas estas que se podem traduzir não só no modo como simplesmente cada jovem é enquanto cidadão/ã na sua vida do dia a dia, mas também pelo papel que os jovens desempenham ou podem vir a desempenhar em associações recreativas e desportivas amadoras, nomeadamente na organização de dinâmicas educativas, de competições desportivas ou até mesmo na realização de projetos sociais. Sendo estas associações desportivas amadoras, organizações ou clubes maioritariamente sem fins lucrativos, os jovens realizarão a sua intervenção na base do voluntariado, trazendo-lhes assim mais competências e conhecimentos inerentes à sua prática.

O voluntariado assume-se assim como uma forma de contribuir para a sociedade de forma intencional.

O Voluntariado é definido pelo art.º 2º. do Decreto Lei nº71/98 de 3 de novembro em Diário da República Portuguesa, como um “conjunto de ações de interesse social e

comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas”

Ao longo de todo este processo encontramos, na maioria das situações, processos claros e objetivos de educação não formal.

Neste sentido, e de alguma forma para justificar esta ideia, importa trazer de novo para a discussão um dos conceitos de educação não formal, anteriormente já debatido, e que diz o seguinte:

Aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área.
(Gohn,2001, p. 32)

A Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO (21 de novembro de 1978) considera a relação do desporto com a educação um complemento à educação formal e institucional, assumindo através do artigo 2/ 2. que:

a educação física e desporto, como dimensões essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver habilidades, força de vontade e autodisciplina em todos os seres humanos, como membros plenamente integrados na sociedade. A continuidade da atividade física e a prática de desporto devem ser assegurados por toda a vida, por meio de uma educação ao longo da vida, integral e democrática.
(UNESCO,1978)

É através desta perspectiva cívica, democrática, educativa de longo prazo do desporto que surgem oportunidades de respostas a problemas sociais, como é o caso da exclusão social de jovens em situação de risco, conceitos esses também já caracterizados anteriormente nesta dissertação.

Neste sentido, muitas são as organizações do Terceiro Setor que executam projetos sociais capazes de fazer face ao problema da exclusão utilizando mecanismos de educação não formal. Os projetos sociais que utilizam o desporto, assim como outras áreas mais dinâmicas, através de metodologias de capacitação e valorização das competências cívicas dos jovens em situação de risco, têm vindo a surgir cada vez mais, sendo que esse aumento muito se deve à especial atenção dada a estas práticas por parte dos programas de financiamento comunitários

Considera-se fundamental que para que um projeto educativo através do desporto consiga atingir os objetivos a que anteriormente se propôs, este recomenda-se que seja construído e implementado de acordo com as especificidades de cada população, como nos indica o Livro Branco do Desporto (2007, p. 14) “há que ter em conta as necessidades e a

situação específica dos grupos sub-representados e o papel especial que o desporto pode representar para os jovens”.

Os projetos sociais assentes na ideia educativa do desporto e que atuem com jovens em contexto de risco, podem vir a ter um impacto fundamental no percurso de vida dos mesmos (PNED,2014).

Para que não haja confusões conceptuais, importa definir e diferenciar desde já o conceito de inclusão no desporto do conceito de inclusão pelo desporto.

Marivoet (2016, p. 198) considera por inclusão social no desporto, «a existência real de igualdade de oportunidades no seu acesso, constituindo boas práticas a promoção da prática desportiva generalizada, e a presença de pessoas tendencialmente excluídas na sociedade no exercício das atividades dirigentes e técnicas, i.e., que não seja exercida discriminação no acesso a estes cargos por motivos raciais, étnicos, religiosos, deficiência, género, orientação sexual, classe social ou outros.»

Assim, os projetos sociais que recorram ao desporto como uma metodologia de intervenção junto de crianças e jovens em risco, terão que ter sempre como fundamento principal que o desporto deve ser para todos e que todos devem ter acesso ao mesmo.

Em coerência com a posição defendida por Marivoet (2016), o Livro Branco do Desporto (2007, p. 16) refere que em nenhum momento este acesso pode ser negado em função do sexo, raça, idade, deficiência, religião, convicções e orientação sexual, bem como do meio social ou económico de origem.

Relativamente ao conceito de inclusão social através do desporto, este remete-nos, segundo Marivoet (2016) «para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, motoras ou outras, capazes de produzir *empowerment* junto dos grupos-alvo em intervenção, em que as boas práticas se dirigem à promoção do desporto formativo, isto é, privilegiando os princípios éticos do desporto e valores associados junto de crianças e jovens em meio escolar ou em situações de risco de discriminação».

O desenvolvimento de todas estas competências visa gerar uma mudança de comportamentos na vida dos jovens, promovendo mudanças significativas a nível individual, a nível social, a nível da saúde, a nível educacional e até mesmo a nível profissional.

Mais se indica que «o Desporto tem o potencial para fomentar o desenvolvimento das qualidades físicas, morais e sociais que perduram para a vida.» (Gonçalves, 2014, p.92)¹⁴.

¹⁴ Gonçalves, C. in Renaud, M. (org.) (2014). *Ética e Valores no Desporto*. Edições Afrontamento.

A aquisição de competências e desenvolvimento de outras através da educação não-formal neste tipo de projetos permite aos jovens um crescimento emocional específico, uma vez que o desporto potencia o sentimento de pertença e permite que os jovens interajam com outros na mesma situação em que eles se encontram, realizando assim uma produtiva aprendizagem pelos pares. Estas relações interpessoais permitem que os jovens contruam outras amizades que não apenas aquelas que estão dentro do seu meio mais próximo.

Ao nível pessoal, o desporto confere um contributo importante nas questões da autoconfiança, da valorização do indivíduo perante si mesmo e perante os outros. De todos os princípios que o desporto potencia no domínio pessoal, destacam-se a autoestima, a ética, a perseverança, a humildade, tolerância e transcendência (Renaud,2016)¹⁵. A transcendência é definida como o ato que leva um indivíduo a superar-se a si mesmo, a transcender-se e é vista como o elo de ligação que une o desporto com a vida ética (idem,2016).

O desporto revela-se essencial para o fortalecimento mental individual e vai ter um contributo fulcral na superação das vicissitudes da vida destes jovens no futuro, não esquecendo que são, na maioria dos casos, jovens fragilizados emocionalmente pelos seus passados (potencialmente) traumáticos.

Deste modo, o esforço de se superar a si próprio, a aceitação dos próprios limites, a aceitação do outro e da sua eventual superioridade, a humildade necessária para este efeito, o sentido de confraternização com a tolerância amiga que implica, a disciplina do caráter com o domínio sobre si próprio, o gosto pela iniciativa, a assunção de um risco cujo o excesso deve ser evitado, o *fair play* nos encontros, a recusa *a priori* da violência, eis um conjunto de «excelências» da ação que fazem do desporto um meio de formação e de crescimento ético. Renaud (2016, p.120)

Ao nível social, o desporto visa reforçar os laços entre os jovens, jovens estes que se encontram na mesma situação de vulnerabilidade, mas que pertencem a diferentes instituições, bairros ou associações geograficamente distantes. Os projetos sociais que utilizam o desporto como uma metodologia, na sua maioria tomam em atenção as questões da interação dos jovens permitindo que haja uma aproximação dos mesmos, seja através de competições desportivas, de formações, workshops ou viagens de estudo.

Renaud (2016, p.120) aponta que desporto têm um impacto relevante no individuo ao nível social, uma vez que «Na confraternização que se forja nas atividades desportivas, as pessoas vivem uma solidariedade que, em geral, transborda para os outros setores da vida quotidiana.».

¹⁵ Renaud, M. in Teixeira, A. & Mendonça, J. (coord) (2016). *Desporto, Ética e Transcendência*. Edições Afrontamento

Uma das mais valias do desporto é que este fomenta o sentimento de presença, permitindo aos jovens um maior sentido de união em torno da causa. Pouco importa se são colegas de equipa ou adversários, irá prevalecer sempre a ideia de que todos fazem parte do projeto e que todos merecem de igual modo fazer parte dele, independentemente se tem ou não mais capacidade e talento para praticar o desporto. A noção de participação permite ainda que os jovens sintam que estão a contribuir para algo, ainda que não tenham a plena consciência disso, mais tarde, em jeito de introspeção, espera-se que venham a perceber que participar num projeto social desportivo é muito mais que praticar desporto. Todas estas questões visam também a prevenção de comportamentos anti sociais e de isolamento destes jovens.

Outro dos contributos fundamentais do desporto ao nível da social prende-se que as questões da prevenção dos incidentes de violência e racismo, uma vez que está sempre subjacente, e como anteriormente já foi referido, a ideia de que o desporto é de todos e para todos.

O contributo do desporto para as questões da saúde está, de uma forma geral, relacionado com uma melhoria da qualidade de vida dos jovens.

O próprio Livro Branco do Desporto (2007, p. 8) faz referência à melhoria da saúde pública, uma vez que desporto contribui para o combate do estilo de vida sedentário, que potencia o excesso de peso, a obesidade e o surgimento de algumas patologias crónicas, como as doenças cardiovasculares e a diabetes, por exemplo.

Em termos escolares e académicos o desporto, enquanto metodologia de intervenção junto de crianças e jovens em risco, pode vir a contribuir para a luta contra o abandono escolar precoce, fomentado na íntegra a motivação dos jovens para continuarem a sua formação académica. Na maioria dos casos, os projetos deste tipo aproximam-se do sucesso através de parcerias estratégicas na área da educação, como é o caso das parcerias escolares apoiadas pelo programa Comenius¹⁶; como também pelo Programa Leonardo da Vinci¹⁷, através do ensino e formação profissional; e por fim pelo Programa Erasmus¹⁸, através das suas ações no âmbito da mobilidade de estudantes no ensino superior. Todos estes protocolos

¹⁶ Programa de intercâmbio europeu para alunos do ensino básico e secundário por um período entre os 3 a 10 meses. Fonte: <http://ciedbraganca.ipb.pt/wp/diversos/comenius/>

¹⁷ Programa de mobilidade transnacional de trabalhadores que visa a realização de estágios fora do país de origem. Fonte: http://www.uc.pt/driic/estGraduados/Guia_candidatura-LdV_BeWISE.pdf

¹⁸ Programa de mobilidade para estudantes, formandos, recém-graduados, docentes e profissionais de educação e formação. Fonte: <https://erasmusmais.pt/erasmus-ef/acoes-chave#acao-chave-1>

acadêmicos e profissionais estão registados no Livro Branco do Desporto (2007, p. 11) como parcerias essenciais para a educação e formação dos jovens através do desporto.

Por fim, e não menos importante, o desporto pode vir a ter um impacto fundamental na vida profissional dos jovens uma vez que pode dar a oportunidade, caso sejam reunidas todas as condições de se tornarem atletas profissionais e de alto rendimento, e caso seja esse o seu desejo. Ao longo dos projetos existem seguramente várias atividades de capacitação e formação dos jovens onde se esperar serem adquiridas novas competências, assim como a potencialização das que já existem de modo a que o jovem as possa por em prática na vida profissional futura. Poderão, muitos dos projetos, estabelecer parcerias estratégicas com o mercado de trabalho, um pouco à semelhança dos programas escolares falados no item anterior, de modo a que possam ter oportunidade de entrar no mercado profissional por essa via, quer seja recorrendo a estágios remunerados, regimes part-time ou até mesmo a contrato de trabalho.

Em jeito de conclusão, deixo aqui um pensamento construído por Bento (2010), que nos remete para a ideia que tem sido defendida até então e que coloca o desporto como um modificador de comportamentos, quer sejam eles ao nível individual ou social e que diz o seguinte:

O desporto e todas as outras expressões da cultura humana servem exatamente para isso: para arrancar o homem do estado animal, dos instintos e impulsos primitivos, das formas originárias e arcaicas. Para sublimar a nossa natureza original e, em cima dela, edificar uma condição humana, marcada pela racionalidade, pela técnica, pela arte, pela virtude, pela ética e pela estética, isto é, pela excelência. (Bento,2010, p. 17)

Estudo de Caso do Projeto Futebol de Rua – Associação CAIS

O Projeto Futebol de Rua é um projeto implementado pela Associação CAIS (Lisboa) desde 2004, e tem vindo a crescer exponencialmente ano após ano, culminando com um aumento significativo de participantes no projeto, assim como o recebimento de prémios e distinções nacionais e internacionais pelo impacto que tem vindo a ter.

O Futebol de Rua é um projeto que está inserido num programa internacional, o Football For Hope que é da responsabilidade da FIFA (Fédération Internationale de Football Association), organismo máximo do futebol mundial. através da sua fundação, FIFA FOUNDATION.

Neste sentido o Projeto Futebol de Rua responde a dois eixos de intervenção, que irão ser abordados mais à frente de forma mais objetiva, sendo um deles a facilitação do acesso ao desporto e o outro a inclusão social pelo desporto. Desta forma, o projeto pretende promover o acesso ao desporto e igualmente ser um instrumento de capacitação, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais, indispensáveis à inclusão social, junto de um público-alvo fragilizado.

O Futebol de Rua direciona a sua estratégia de intervenção junto deste público-alvo específico, que engloba mulheres e homens com mais de 15 anos de idade que se encontrem em situações de fragilidade social e consequentemente fragilidade habitacional (que residem em centros de acolhimento, internatos, quartos - subalugados ou de pensão, habitações ilegais, habitações degradadas – sem as condições básicas de habitação e/ou habitações, promovendo assim as questões da prática desportiva e da convivência em direitos e igualdade de homens e mulheres.

Neste sentido, dentro dos objetivos do projeto, destacam-se:

- Promoção da participação e da mudança de cada participante fora do ambiente institucional e de intervenção tradicional;
- O desenvolvimento pessoal e a consciência da pertença a um grupo social e dos seus direitos de cidadania, impulsionando novas propostas de vida em sociedade;
- O desenvolvimento de competências pessoais e sociais básicas e assertivas, o reforço e restabelecimento de redes de sociabilidade e afetividade;
- * A partilha de responsabilidades e objetivos, na procura de soluções, oportunidades e instrumentos de promoção e inclusão social.

A forte componente socioeducativa do projeto está visível nos objetivos a que o mesmo se propõe alcançar, contudo o Futebol de Rua também é uma competição desportiva e os seus objetivos, nessa perspetiva, passam também pela promoção da atividade física regular enquanto forma de melhorar a condição física em termos de saúde, bem como a potencialização, sempre que possível, do rendimento desportivo dos participantes.

Os eixos referidos anteriormente alavancam diferentes tipos de atividades e iniciativas promovidas pelo projeto, consoante os objetivos específicos de cada um deles. Para que se perceba a dimensão do projeto importa definir todas as fases destes eixos, de forma clara e objetiva, de modo a que haja a plena noção de como é que a metodologia é implementada.

No eixo do acesso ao desporto, que dá ênfase à prática desportiva entre os participantes, destacam-se três tipos de atividades, as competições distritais, as nacionais e as internacionais.

Em termos concretos, o programa Football For Hope da FIFA FOUNDATION¹⁹, é um programa mundial que atua em vários países, sendo que é necessário que haja uma instituição ou organização do terceiro sector que acolha e implemente o projeto no seu território. No caso concreto de Portugal, o promotor nacional é Associação CAIS desde 2004.

Cabe então à CAIS, responsabilizar-se posteriormente em divulgar e implementar o projeto junto de cada distrito que se mostre interessado em se envolver com o projeto.

Após a divulgação pelo país, com a ajuda de parcerias estratégicas, a promotora nacional começa a montar uma rede de trabalho com a abertura de candidaturas para se elegerem instituições e organizações que irão ficar responsáveis pelo projeto no seu distrito.

Montada a rede de trabalho a CAIS, promotora nacional, inicia um processo de formação aos técnicos das promotoras distritais para que se comece a desenvolver o projeto.

Surgem então as competições distritais, da responsabilidade dos promotores distritais e com o apoio da CAIS e são desenvolvidas através da divulgação e conseqüentemente da criação de equipas desportivas junto de instituições ou organizações sem fins lucrativos daquele determinado território.

Estas equipas distritais podem ser constituídas por jovens de um determinado lar de acolhimento ou de um determinado bairro, assim como poderão ser mistas, onde se podem encontrar jovens de vários lares de infância e juventude ou de vários bairros daquele distrito.

¹⁹ Site oficial da FIFA Foundation - https://www.fifa.com/about-fifa/stories/y=2018/m=5/news=fifa-foundation-2951480.html#Foundation_festival

A par dos 8 jogadores definidos, é ainda obrigatório a inscrição de um técnico da instituição e de um treinador, este último, em muitos casos é um participante do projeto enquanto jogador.

Havendo uma lista de equipas, o promotor distrital é responsável pela organização de um torneio entre elas, onde será apurado o campeão distrital. No caso de haver apenas uma equipa no distrito, essa será considerada de imediato campeã distrital passando assim à fase nacional.

Terminada a fase de competições distritais, cabe agora à promotora nacional, a CAIS, organizar e promover o torneio nacional, onde apenas estarão presentes os campeões distritais em título e que por sua vez disputam entre si o título de campeão nacional de Futebol de Rua.

Após o apuramento do campeão nacional, dá-se início a uma nova fase do projeto, sendo esta, à semelhança do campeonato nacional, da inteira responsabilidade do promotor nacional.

Nesta fase, é da responsabilidade da CAIS, através da sua equipa técnica e do selecionador nacional, definir uma Seleção Nacional de Futebol de Rua, em que todos os jogadores envolvidos no campeonato nacional são elegíveis para seleção.

Esta equipa nacional vai então representar, com todo o orgulho e ambição, Portugal nas provas internacionais.

A organização das provas internacionais é da inteira responsabilidade da FIFA FOUNDATION. Estas provas tanto poderão ser Campeonatos Europeus, Campeonatos do Mundo e diversas demonstrações internacionais do futebol de rua. Estas competições internacionais permitem que jovens e adultos em situação de fragilidade socio-habitacional, tenham a possibilidade de representar o seu país fazendo uma coisa que tanto gostam, como é o caso da prática do desporto e em concreto o futebol.

Na terminologia do programa internacional, o evento maior, o campeonato do mundo denomina-se por Homeless World Cup²⁰.

O trabalho em rede entre organizações está muito presente na metodologia deste programa uma vez que são os promotores distritais que permitem que haja equipas para a fase nacional, e que por sua vez, as promotoras nacionais permitem que haja equipas para disputar as provas internacionais.

Todo este mecanismo é inserido no eixo do acesso ao desporto.

²⁰ Site oficial do torneio mundial de futebol de rua - <https://homelessworldcup.org/>

Por sua vez, o eixo da inclusão pelo desporto, detém o maior foco de todo este projeto, pois é através de iniciativas paralelas às competições que se conseguem atingir os objetivos educativos do projeto.

Neste sentido são promovidas várias iniciativas, compostas por dinâmicas de educação não formal, e que visam o desenvolvimento de competências pessoais e sociais do público-alvo e que resultam de uma forte e heterogénea rede de parceiros, permitindo assim que a intervenção seja o mais multidisciplinar possível.

Neste eixo o poder da capacitação e participação ativa dos participantes é fomentada através de uma metodologia baseada na educação não formal de modo a que estas competências possam ser trabalhadas num contexto motivador para os jovens.

Dentro destas iniciativas destacam-se três, as Sessões MOVE; Move-te, Faz Acontecer; Curso de Arbitragem através da APAF²¹.

As Sessões MOVE são iniciativas destinadas apenas aos participantes do Distrito de Lisboa, no âmbito da iniciativa MOVE PILOT, promovidas 1 a 2 vezes por semana, e que aliam a prática de futebol à utilização da educação não formal.

A iniciativa “Move-te, faz Acontecer” já é destinada aos participantes e profissionais de todo o país e que façam parte da rede do projeto. Estas sessões têm uma maior abrangência ao nível do público-alvo e visam sobretudo a promoção do desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos participantes através da educação não formal. Esta iniciativa conta com o apoio PNED do Programa Erasmus+ Juventude em Ação.

O Curso de Árbitro de Futebol de Rua, desenvolvido em parceria com a APAF é destinado a antigos participantes do Projeto Futebol, o que permite que estes continuem a sua ligação ao projeto desempenhando agora outras funções, pois o regulamento de competição do projeto não permite ao participante realizar mais de três participações, sejam elas contínuas ou interrompidas, no papel de jogador.

Todas estas iniciativas têm o objetivo comum de preparar os jovens para as competições sendo que, por norma, são realizadas pouco tempo antes do início de cada competição.

Esta preparação está assente numa perspetiva educativa, que se reproduz através de sessões de sensibilização para condutas violentas, reuniões de reflexão em grupo, dinâmicas e jogos lúdicos, visitas a espaços culturais e de outras atividades propostas pelos jovens.

²¹ APAF – Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol

É fundamental que competências como o respeito, a resiliência, a cooperação, o trabalho de equipa, a motivação, a liderança, a superação, o controlo emocional e a comunicação sejam trabalhadas antes das competições para que estas decorram com a maior normalidade possível, evitando assim o risco de comportamentos desviantes em pleno recinto desportivo.

O projeto defende a ideia de que todas estas competências são inerentes a uma prática desportiva exemplar e que por sua vez também são transversais à vida em sociedade, o que visa facilitar uma inclusão mais estruturada na sociedade por parte destes jovens.

Relativamente ao financiamento a CAIS recebe o financiamento anual ou bianual de vários programas que ajudam a implementar o projeto e a colmatar as despesas organizacionais, sendo que o orçamento médio de execução do projeto é de aproximadamente 100 000 euros anuais. Entre eles, destacam-se o financiamento do Football For Hope – FIFA FOUNDATION; do Programa Nacional de Desporto para Todos da responsabilidade do Instituto Português do Desporto e da Juventude; da Fundação Luso; e do Programa Erasmus + Juventude em Ação.

O projeto conta ainda com uma rede de parcerias estratégicas, de protocolos e de contratos-patrocínio com várias entidades, recebendo apoio financeiro e logístico nomeadamente do grupo Minipreço/DIA; do Banco Montepio; da BP Portugal; da Fundação Benfica; da Delta Cafés; da Adidas; da Playstation; da RTP²²; da RFM²³ entre outros.

Alguns destes patrocinadores são fundamentais não só para o financiamento do projeto, mas também por integrarem uma nova visão do mesmo, que consiste em criar condições para receber, contratualmente, os jovens, dando-lhes a possibilidade de entrarem no mercado de trabalho por via do Futebol de Rua. Entidades como a BP de Portugal e o grupo Minipreço/dia fazem parte dessa lista.

Relativamente aos resultados do projeto, este é-nos apresentado em números através do seu Relatório Anual, (neste caso) referente a 2017, e consegue-se observar o seguinte:

- A envolvimento de 16 + 2 equipas a participar no projeto (16 distritos + 2 regiões autónomas)
- 19 torneios distritais
- 336 jogos disputados
- 1161 participantes (jogadores)

²² Rádio e Televisão de Portugal

²³ Renascença FM

- 410 técnicos e voluntários
- 121 Instituições
- 6º lugar na edição 2017 na Homeless World Cup, em Oslo, Noruega. (O torneio contou com mais de 500 participantes em representação de 50 países²⁴.)
- 124 referências nos meios de comunicação social

Em termos de comparação, o igual relatório anual, referente ao ano de 2016 apresenta-nos os seguintes dados: o Projeto Futebol de Rua já envolveu 922 jogadores, 308 técnicos sociais e treinadores, 68 voluntários, oriundos de 102 equipas, de 98 instituições (in Relatório Anual de 2016).

A comparação entre os dois relatórios revela-nos a crescente abrangência do projeto a nível nacional.

O impacto social do projeto é feito através da avaliação de cada uma das atividades realizadas de acordo com a aplicação de inquéritos com critérios pré-definidos pela promotora nacional.

Também de acordo com o relatório anual de 2017, o projeto teve o seguinte impacto junto dos participantes:

- 94% dos participantes revelaram aumento da sua motivação
- 83% dos participantes revelaram aumento da sua capacidade de liderança
- 89% dos participantes revelaram aumento da sua capacidade de cooperação
- 88% dos participantes revelaram aumento da sua capacidade empática
- 92% dos participantes revelaram aumento da sua autoestima
- 84% dos participantes revelaram aumento da sua capacidade de resiliência
- 95% dos participantes revelaram aumento do respeito / *fair play*

De acordo com os dados o projeto está a possibilitar, intrinsecamente, mudanças mais profundas na vida dos participantes, nomeadamente na (re)integração no sistema de ensino, (re)integração no mercado de trabalho, melhoria da situação habitacional. Os inquiridos reconhecem a influência da sua participação no Projeto Futebol de Rua na sua vida em sociedade.

Por fim, importa deixar algumas curiosidades sobre o projeto, nomeadamente os prémios e distinções que tem vindo a receber.

²⁴ <https://homelessworldcup.org/oslo-2017/>

Em termos de reconhecimento público o Projecto Futebol de Rua foi distinguido, pela sua edição de 2017 com o Prémio Futebol Inclusivo atribuído pela Federação Portuguesa de Futebol e com o prémio UEFA Children Foundation Award, permitindo que o Projeto Futebol de Rua passasse a ser reconhecido como uma referência na Inclusão pelo Desporto em Portugal (Relatório Anual 2017, p. 3).

Portugal, através do Projeto Futebol de Rua, sagrou-se campeão europeu de Futebol de Rua em 2016, sendo até então a sua melhor classificação em provas internacionais.

Passaram pelo Projeto Futebol de Rua, ainda que numa fase muito jovem das suas vidas, participantes que mais tarde viram a ser jogadores profissionais de futebol, sendo dois dos exemplos maiores, o Éder que conta com passagens pela Académica de Coimbra, Sporting Clube de Braga, Lille (França) e Locomotivo de Moscovo (Rússia) e com internacionalizações pela Seleção Nacional A de Portugal, tendo-se sagrado campeão europeu e marcando o golo da vitória diante da França, em 2016²⁵.

O outro exemplo é o caso do Bebé²⁶ que cresceu na Casa do Gaiato, de Santo Antão do Tojal, em Loures e que participou no projeto da CAIS, tendo sido convocado para o Europeu de Futebol de Rua em 2009 na Bósnia onde acabou por dar nas vistas.

Bebé tornou-se jogador profissional de futebol quando assinou contrato com o Vitória de Guimarães, transferindo-se rapidamente para o Manchester United de Inglaterra onde acabou por não se adaptar. Conta com passagens pelo Besiktas (Turquia) Benfica, Eibar e Rayo Vallecano (ambos em Espanha).

Estes dois casos, são vistos como exemplos para todos os miúdos que fazem parte do projeto, contudo, por muito importante que seja ter exemplos concretos com os quais os jovens se podem motivar, o projeto visa acima de tudo potenciar as capacidades pessoais e sociais de cada um, surgindo apenas em segundo plano, e sempre que se reúnam as condições necessárias, a potencialização do rendimento dos jovens enquanto atletas.

Este é o grande risco do projeto, uma vez que tem de haver muita ponderação e controlo em relação às expectativas de cada jovem, pois nem todos têm capacidade técnica, tática e física para almejar o patamar do desporto de alto rendimento.

²⁵ <https://www.publico.pt/2016/07/10/desporto/noticia/portugal-campeao-europeu-de-futebol-1737897> Data: 10 de julho de 2016. Fonte: Jornal Publico

²⁶ <https://desporto.sapo.pt/futebol/la-liga/artigos/bebe-o-gaiato-que-foi-demasiado-cedo-para-o-manchester-united> 13 de Abril de 2018. Fonte: Sapo

METODOLOGIA

No âmbito desta investigação, e tendo em conta, não só os objetivos propostos, como também as características da amostra e da adequação dos instrumentos de recolha de dados à mesma, esta investigação assume as características de um estudo tipo qualitativo, o que orienta assim todo o processo de estudo face às suas características específicas.

Helena Almeida (2011)²⁷ caracteriza a investigação qualitativa como um processo descritivo, substanciado na escrita e/ou nas imagens, afastando-se da mera apresentação de dados numéricos, tão associada à investigação quantitativa.

Por sua vez, e em coerência com a autora anterior, Vilelas (2017) aponta a investigação qualitativa como tendo duas características chave, sendo elas a interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados, afastando-se também do uso de técnicas e métodos estatísticos, e centrando no trabalho sobre os valores, as crenças, as representações, as atitudes e as opiniões.

Outro dos aspetos diferenciadores do método qualitativo é a questão da flexibilidade da investigação, uma vez que permite ao investigador, mesmo durante o decorrer do processo de investigação, direcionar a mesma para aspetos considerados relevantes e que não estavam previstos numa primeira instância.

Existem duas perspetivas teóricas de pesquisa que assentam na pesquisa qualitativa, Almeida (2011 - citando Bogdan & Taylor 1986), definia-as como as positivistas e as fenomenológicas.

No caso concreto deste trabalho, o tipo a perspetiva teórica de pesquisa centra-se na fenomenologia, na medida em que, de acordo com Almeida (2011), esta assume um carácter descritivo dos fenómenos estudados.

Vilelas (2017), defende a mesma ideia, fazendo referência que os estudos tipo qualitativos assumem esse carácter descritivo, considerando ainda o ambiente natural como fonte direta para a recolha de dados

A investigação qualitativa assume como objeto do seu trabalho, de acordo com Vilelas (2017), a compreensão da realidade social das pessoas, dos grupos e das culturas. Essa compreensão é considerada uma categoria epistemológica fundamental na investigação

²⁷ Material teórico da unidade curricular Questões Aprofundadas de Investigação - Epistemologia e Perspectivas Teóricas do Método Qualitativo do mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo.

qualitativa, sendo feita através da interpretação e da compreensão dos fenómenos, ou seja, dos comportamentos, das perspetivas e das experiências dessas pessoas.

De forma a que a recolha de dados sobre esses fenómenos seja mais pormenorizada, o investigador, de acordo com Vilelas (2017) pode observar as pessoas e as interações entre elas, pode participar nas atividades, pode realizar entrevistas a pessoas consideradas chave para a investigação, pode realizar estudos de caso e recorrer à análise de documentos já existentes sobre o tema em estudo.

Amostra e Instrumentos utilizados

Este momento passa por caracterizar a amostra na qual incidiu a investigação, e, por conseguinte, a recolha de dados.

Sendo que na grande maioria das investigações, quer sejam elas qualitativas ou quantitativas, o processo de seleção da amostra é fundamental para se atingir os objetivos propostos.

Na impossibilidade de utilizar a totalidade da população, tornou-se lógico ter que proceder a este processo de seleção, tendo como objetivo conseguir selecionar uma amostra representativa. Esta amostra representativa corresponde, segundo Vilelas (2017), a uma pequena porção da população total que, ao ser observada e analisada, permite ao investigador tirar conclusões suscetíveis de serem generalizadas, a respeito a um grupo muito circunscrito.

Neste sentido, e de acordo com os pressupostos teóricos da investigação qualitativa, recorreu-se à seleção de uma amostra representativa do tipo intencional (Vilelas 2017) ou criterial (Coutinho, 2016).

Este tipo de amostra é selecionado através de critérios (Coutinho, 2016) relevantes e definidos pelo investigador, afastando essa seleção do princípio arbitrário.

A amostra intencional é característica dos estudos qualitativos uma vez que a possibilidade de garantir as conclusões é maior. Nesse sentido, importa que a seleção da amostra seja feita com base nos participantes que melhor representem ou tenham conhecimento dos fenómenos a investigar (Vilelas 2017). Contudo, e de acordo com o mesmo autor (idem, p.153), este chama a atenção para o facto de que os objetivos dos estudos qualitativos passam pela compreensão e identificação de vivências de realidade múltiplas, pelo que a generalização não é um elemento primordial.

Foi então definida a amostra para observação através destes fundamentos teóricos, sendo esta constituída por 5 jovens em situação de risco que estavam a participar atualmente

no Projeto Futebol de Rua da Associação CAIS, assim como por 2 técnicos do mesmo projeto.

Face à intencionalidade seletiva da amostra, a seleção dos cinco jovens abrangidos pelo projeto foi definida através dos seguintes critérios:

- Ter participado em 3 edições do projeto como jogador (o projeto não permite mais de 3 participações como jogador);
- Ter regressado ao projeto após a participação como jogador, desempenhando agora outras funções (árbitro, treinador, responsável técnico);

A amostra é composta ainda por dois elementos do projeto, sendo eles o coordenador do projeto e a psicóloga que o acompanha. Sendo a amostra constituída por cinco participantes do projeto e dois técnicos, houve necessidade de criar três guiões de entrevista distintos (ver ANEXO I). Esta multiplicidade de recursos humanos no grupo da amostragem, ao nível da função que cada um desempenha, visa permitir que todos os objetivos propostos sejam alcançados.

De acordo com Coutinho (2016)²⁸, a composição da amostra num estudo fenomenológico deverá ser feita por cerca de seis elementos, sendo, portanto, considerados suficientes para atingir a saturação dos dados numa investigação do tipo qualitativa.

Relativamente aos instrumentos de recolha de dados, estes são considerados mecanismos úteis para a investigação e servem para conhecer os fenómenos e extrair deles a mais completa informação possível (Vilelas 2017, p. 288).

A adequada construção dos instrumentos de recolha de dados, segundo Vilelas (2017), é que vai definir a qualidade da investigação e a coerência necessária entre a teoria e os factos analisados.

Neste sentido, recorreu-se numa primeira fase à observação científica como instrumento de recolha de dados, na medida em que, e de acordo com Vilelas (2017, p. 291) «observar cientificamente é perceber ativamente a realidade exterior com propósito de obter dados que previamente, forma definidos como de interesse para a investigação».

Considerando que, para um estudo qualitativo a observação participante seria o mais aconselhado, no sentido de que o reconhecimento do investigador como “parte do grupo” pela população, permitiria o estabelecimento de uma relação de confiança mais favorável

²⁸ Número recomendado para constituir uma amostra de um plano fenomenológico

para a realização das entrevistas. Contudo, tive de tomar a decisão de optar por não a fazer uma vez que só consegui estar junto de toda a amostra uma vez.

A própria calendarização do projeto só permite a reunião de todos os jovens uma vez em cada ciclo do projeto, mais concretamente no momento do Campeonato Nacional de Futebol de Rua. Não seria possível realizar a observação de outra forma, que não a científica, visto que os indivíduos que constituem a amostra pertencem a várias regiões geográficas, como por exemplo da Região Autónoma dos Açores.

Posto esta justificação, a observação científica regeu-se através de critérios que ditam ou põem em causa o sucesso da investigação. Esses critérios são definidos por Vilelas (2017), onde se destacam a coerência da observação com o objetivo do estudo e o relacionamento da observação com conceitos e teorias do enquadramento teórico.

A observação científica realizada comprometeu-se a analisar várias modalidades de observação e que de acordo com Vilelas (2017), são o lugar, as pessoas, a ação.

O lugar, na medida em que foi observado o local onde se realizou o Campeonato Nacional de Futebol de Rua e onde foi permitido a captação de registo fotográfico.

As pessoas, na medida em que o foco da observação se centrou nas pessoas que entram no estudo, observando os seus comportamentos e as suas emoções.

A ação, na medida em que se observou as relações interpessoais e os laços de comunicação entre elas.

Outro dos instrumentos de recolha de dados utilizados foi a realização de entrevistas, neste caso concreto, a realização de entrevistas semiestruturadas à amostra pré-definida.

Este instrumento é composto por combinação entre perguntas abertas e perguntas fechadas, o que possibilita uma maior flexibilidade na condução da mesma, e ao mesmo tempo possibilita ao entrevistado relatar as suas experiências sobre o tema de forma mais espontânea.

A aplicação deste instrumento obrigou a que houvesse, para além da preparação prévia e teórica da entrevista através da construção dos guiões para os jovens e para os técnicos (ver ANEXO I) e do consentimento informado para a recolha de dados (ver ANEXO II), um esforço acrescido de modo a que fosse criada uma relação de proximidade entre o entrevistador (eu) e os entrevistados (amostra). Neste sentido, num contexto informal, foram-se criando laços de empatia e confiança entre as partes fora do contexto de entrevista, permitindo assim uma maior naturalidade, veracidade e profundidade nos dados recolhidos.

O registo das entrevistas foi feito através do recurso à gravação áudio, tendo sido posteriormente transcritas.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Processamento dos dados

Seguindo a investigação uma ordem lógica, assente no rigor e na coerência, é tempo de nos focarmos na fase do processamento de dados, que anteriormente foram recolhidos. Esta fase permite que os dados recolhidos sejam selecionados, analisados e interpretados de forma a que se consiga obter respostas concretas para todas as hipóteses teóricas, levantadas ao longo da investigação.

Sendo esta uma investigação qualitativa, os dados serão tratados como informação não quantificada, mantendo assim a sua forma verbal através do uso da técnica de análise de conteúdo.

Segundo Vilelas (2017), a investigação qualitativa surgiu nas ciências sociais de modo a que se pudesse interpretar e valorizar dados que não se consigam traduzir em valores numéricos. Neste sentido, a análise qualitativa foca-se na dinâmica social, individual e perspectiva holística do ser humano, permitindo a interpretação dos valores, da cultura e das relações humanas.

A análise de conteúdo, técnica usada para o tratamento dos dados desta investigação, é caracterizada, segundo Bardin (2009), como um processo composto por várias técnicas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo das mensagens, que permitem a construção de deduções lógicas e justificadas dessas mesmas mensagens, assumindo assim contornos descritivos.

Efetuada a transcrição, procedeu-se à leitura das entrevistas realizadas, pretendendo com isso codificar (salientar, classificar, agregar e categorizar) os excertos mais relevantes das entrevistas transcritas. Essa codificação foi realizada no formato de tabelas de análise de conteúdo.

Neste sentido, na coluna Categoria identifica-se o elemento principal de cada pergunta contemplada no guião.

Por sua vez, na coluna Subcategoria localizam-se todos os elementos que constituem a coluna Categoria, elementos esses que permitem teorizar a partir dos dados e, desse modo, alcançar as categorias que convergirão para o tema referido ou para o tema a considerar aquando da redação de teoria/ interpretação a partir dos dados.

Na coluna Unidade de Registo situam-se os indicativos de uma ou várias características presentes no excerto retirado da entrevista para análise.

Por fim, na coluna Unidade de Contexto encontram-se os fragmentos transcritos do texto, de forma a contextualizar os indicativos apresentados na coluna anterior. Estes fragmentos são as palavras tal como os indivíduos as organizaram nas suas narrativas, partindo do discurso e dando origem à descrição contextualizada de um determinado fenómeno.

Terminada a contextualização do método de processamento de dados, procede-se, no ponto a seguir, à realização prática da análise de conteúdo das entrevistas transcritas.

Análise de Conteúdo das Entrevistas Guiadas

Antes de se analisar o conteúdo propriamente dito das entrevistas, importa fazer uma breve caracterização dos participantes que foram entrevistados, assumindo desde já a confidencialidade e o anonimato dos entrevistados com a atribuição de códigos às narrativas.

Tabela 1

Caracterização dos entrevistados

Identificação	Idade (anos)	Duração de participação no projeto	Função atual no projeto
<i>E1</i>	23	5/6 anos	Treinador e responsável pela equipa de jovens
<i>E2</i>	25	9 anos	Treinador e responsável pela equipa de jovens
<i>E3</i>	30	Desde 2007, (com algumas interrupções)	Treinador e responsável pela equipa de jovens
<i>E4</i>	33	Desde 2012, (3 anos como jogador, restantes como treinador)	Treinador e responsável pela equipa de jovens
<i>E5</i>	24	Desde 2011 (3 anos como jogador, 2 anos como árbitro)	Árbitro de Futebol de Rua
<i>E6</i>		Desde 2008	Equipa técnica do Projeto Futebol de Rua Associação CAIS
<i>E7</i>		Desde 2014	Equipa técnica do Projeto Futebol de Rua Associação CAIS

Análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas aos jovens participantes no projeto

Tabela 2

Expectativas aquando da primeira participação no Projeto Futebol de Rua

Categoria – Expectativas aquando da primeira participação no Projeto Futebol de Rua		
Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Expectativas sobre o projeto antes de participarem	Apenas para jogar futebol	<i>(...) pensei simplesmente vai ser um torneio, vamos jogar à bola (E1)</i> <i>Julgava que fosse uma brincadeira, que ia brincar como brinco com os meus amigos na rua (E3)</i> <i>Eu quando entrei foi só para jogar à bola (...) (E5)</i> <i>(...) nossa expectativa era só jogar e ganhar, ir lá ao torneio jogar e ganhar (E4)</i>
	Querer ganhar e chegar longe	<i>As expectativas eram altas, obviamente que para ganhar é difícil (E2)</i> <i>(...) nossa expectativa era só jogar e ganhar, ir lá ao torneio jogar e ganhar (E4)</i> <i>eu acho que a nível pessoal qualquer um de nós gosta de chegar ao topo, e eu tive essa sorte, tive a sorte de representar Portugal no mundial em Paris em 2011 (E2)</i>
Realidade do projeto depois de começarem a conhecer o mesmo	Alteração da forma como olhavam o projeto	<i>Depois quando chegamos lá damos de cara com os workshops preparados (...) vimos que isto é um projeto mesmo de reinserção social (E1)</i> <i>Entretanto comecei a conhecer melhor as regras, as pessoas, comecei a apaixonar-me pelo projeto e depois essa paixão foi crescendo de ano para ano (E5)</i>

O projeto é muito mais do que jogar futebol	<p>(...) <i>desviar dos maus caminhos, incutir valores que precisamos na nossa vida, como o companheirismo, espírito de equipa, amizade, entreaajuda. Pessoalmente, não contava encontrar isso ao início e surpreendeu-me bastante (E1)</i></p> <p>(...) <i>há valores a serem transparecidos para dentro do campo, e para fora do campo, e é isso que nós trabalhamos, e tentamos trabalhar, comos jovens de uma instituição (E2)</i></p>
---	--

Tabela 3
Participação em competições internacionais

Categoria – Participação em competições internacionais no projeto		
Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Seleção Nacional de Futebol de Rua	O momento da convocação para a Seleção Nacional de Futebol de Rua	<p><i>Fui chamado à seleção nacional (...) O mundial foi na Escócia, Glasgow, 2016, ficámos em 5º lugar (E1)</i></p> <p><i>fiz só o mundial em 2011 (Paris) (E2)</i></p> <p><i>(...) depois fui selecionado para ir representar Portugal no campeonato do mundo na Dinamarca. Isto em 2007 (E3)</i></p> <p><i>(...) depois em 2013 fui eu, calhou-me a mim. A minha prestação no mundial quando a gente foi à Polónia não foi muito boa porque tinha uma lesão no pé (...) (E5)</i></p> <p><i>(...) recebi a noticia que eu ia representar a seleção em 2013 (Polónia) (...) (E5)</i></p>

<p>Significado de representar Portugal no estrangeiro</p>	<p>O que sente ao representar Portugal</p>	<p><i>Foi a melhor experiência da minha vida, sem dívida. Não só dentro do campo, mas principalmente mais fora do campo (E1)</i></p> <p><i>Eu acho que foi uma coisa assim do outro mundo, porque a gente às vezes pensa e fala, mas estar ali com a camisola de Portugal vestida a ouvir e cantar o hino é assim mesmo uma coisa que mexe com toda a gente. (E5)</i></p> <p><i>(...) é aquele sonho de criança que todas as crianças sonham: “um dia vou jogar na seleção” (...) (E5)</i></p>
	<p>O que muda com a presença numa competição deste tipo</p>	<p><i>(...) a partir do momento que eu recebi a noticia (...) eu comecei a ver o futebol de outra forma, temos de ser mais otimistas, confiantes e lutar pelos nossos objetivos, a partir daí tornei-me uma pessoa mais confiante e responsável também (...) (E5)</i></p>
<p>A experiência em participar numa competição internacional</p>		<p><i>mas o importante foi aquilo que foi passado, a experiência em si - conhecer outra realidade, conhecer outras pessoas, outras nacionalidades (...) Toda a gente gostava de ir e não é para todos, por isso todos os que vão, deviam aproveitar ao máximo (E2)</i></p>

Tabela 4
Valores e Competências

Categoria – Valores e Competências		
Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Os princípios e os valores desenvolvidos no projeto	▪ Convívio	<i>(...) o objetivo do futebol de rua, é essencialmente praticar competências e valores fora e dentro do campo porque é o impacto que o futebol de rua tem na nossa vida e eu acho que as pessoas ainda não têm bem essa noção e consciência (E2)</i> <i>O que eu aprendi foi a conviver com outras pessoas, eu não falava com ninguém, estava calado e quando cheguei ao continente (Portugal Continental) para vir jogar os nacionais, as coisas mudaram completamente. (E3)</i> <i>Ensinou-me acima de tudo que isto do futebol é como a vida, às vezes a gente perde, às vezes a gente ganha, mas o que importa é que a gente tem de saber superar os momentos em que a gente perde (...) (E4)</i> <i>(...) isto envolve muita amizade, é o que liga a maior parte das pessoas que estão aqui. É o convívio, o facto de fazermos sempre novos amigos, conhecermos pessoas (...) (E5)</i> <i>A parte mais positiva para mim, em relação ao projeto, é a integração e inclusão que nós temos uns com os outros (E6)</i>
	▪ Amizade	
	▪ Interação	
	▪ Superação	
	▪ Resiliência	
	▪ Integração	
▪ Inclusão		
Alteração de comportamentos	▪ Respeito	<i>Eu (...) reclamava muito com os árbitros era muito mandão na minha equipa era mesmo assim e quando chego primeiro ano aqui e fui aos workshops mudei um bocadinho.</i>
	▪ Amadurecimento	

-
- Tornar-se mais sociável *Não vou dizer que mudei totalmente. (...) mas quando fui à seleção nacional, o estágio é outro mundo, a gente aprende coisas que eu deixei de falar com os árbitros. (E1)*
Não é só futebol, eu acho que as pessoas continuam ainda iludidas, já ultrapassaram um pouco a fase de virem para o futebol de rua só por causa do futebol. (E2)
(...) tenho noção que sou uma pessoa mais madura também devido ao futebol de rua porque quer queiramos, quer não isto muda a nossa vida, não só pessoal como também profissional (E2)
Fiz amizades, uma coisa que era difícil. E para mim o futebol de rua é isso, é conviver umas pessoas umas com as outras e não há competição. Para mim no futebol de rua não há competição, há conviver, há essas coisas todas. O futebol de rua é uma coisa que não há explicação (E3)
A parte mais positiva para mim, em relação ao projeto, é a integração e inclusão que nós temos uns com os outros. (E5)
-

Tabela 5

Voltar a participar no projeto

Categoria – Voltar a participar no projeto		
Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Razões para voltar a participar	<u>Enquanto treinador</u>	<i>Este ano em Beja ninguém pegou no projeto e eu dei o braço a torcer, faltei ao trabalho, disse</i>
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Determinação ▪ Difícil de largar o projeto ▪ Viciante 	<p><i>“Vou, vai ter que haver futebol de rua!” (E1)</i></p> <p><i>Regressei porque é difícil largar o futebol de rua, estou um bocado emocionado, mas isto é verdade! (E2)</i></p> <p><i>(...) fui convidado em 2009 para vir treinar a seleção dos Açores, onde tive de 2009 a 2012. Depois parei, estive a estudar e a acabar o meu curso e depois regressei. (E3)</i></p> <p><i>(...) porque eu acho que isto é um vício, este projeto é um vício muito agradável em que a gente tem oportunidade de conhecer pessoas, conviver com pessoas que já não vê há algum tempo e ajudar as outras pessoas que tem mais alguma dificuldade (...) (E4)</i></p>
	<u>Enquanto árbitro</u>	<i>Depois no meu último ano abriu o curso de</i>
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Oportunidade de continuar ligado ao projeto 	<p><i>árbitros e eu vi isso como uma oportunidade de eu continuar integrado no projeto, continuar aqui envolvido. (E5)</i></p>

Tabela 6

Passagem de Testemunho

Categoria – Passagem de Testemunho		
Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Depois de várias participações no projeto, o que se transmite agora aos outros	<u>Enquanto treinador</u>	<i>E mesmo fora de campo, eles dão-se com toda a gente, faço questão que eles cumprimentem toda a gente, que vão visitar as outras equipas, que interajam com as outras equipas, que é o mais importante do futebol de rua. (E1)</i>
	▪ Interação saudável entre todos os jogadores e equipas	<i>(...) desfrutem ao máximo e dignifiquem ao máximo a instituição e o concelho que estão a representar (...) não se podem esquecer que no distrito deles ficaram mais uns quantos que gostariam de estar aqui e aproveitar (...) (E2)</i>
	▪ Orgulho e Dignidade em representar o seu distrito	<i>Digo isto, desta forma - viver num hotel estes 5 dias, nem toda a gente tem essa possibilidade, na nossa vida há poucas pessoas que tem essa possibilidade nem que seja 1 ou 2 dias num hotel. É diferente, sais do teu mundo, convives com outro tipo de pessoas que não estás habituado. Sais do teu habitat natural, convives com outras nacionalidades, Bélgica, Inglaterra... e conheces experiências novas, além de terem o futebol de rua para participar. (E2)</i>
	▪ Destacar o projeto proporciona	<i>Eles (os miúdos) têm de perceber que isto vai mudar as vidas deles, quem quer, quem não quer aprender e não liga vai bater muitas vezes com a cabeça na parede, até aprender, obviamente (E2)</i>
	▪ Bom aproveitamento escolar é tido em conta na	

seleção dos jogadores (...) a mensagem que eu lhes tento passar é a experiência, que agarrem esta oportunidade porque nem toda a gente tem a possibilidade de

- Capacidade de vir aqui desfrutar. (E2)

enfrentar os problemas e dar a volta por cima. Para fazer convívio, que é o mais importante, estarem aí a brincar ou por exemplo estarmos ali à frente da Inglaterra (Seleção), eles não nos estão a perceber, mas fazemos uma brincadeira e tem que ser assim e não andemos cá com coisas (E3)

(...) podíamos ter feito uma seleção muito mais forte do que esta, mas não fizemos, porque quisemos dar oportunidade a miúdos que terminem o ano escolar com boas notas e isso é algo importante (...) (E3)

(...) independentemente do resultado dentro ou fora de campo, a vida é saber levantar a cabeça sempre e ter força de vontade para continuar (E4)

Enquanto árbitro Como já fui jogador, tento criar essa ligação
Respeito e com eles, tento que eles não me vejam só como
tolerância entre árbitro, aquele que julga, porque normalmente
todos os veem o arbitro como o mau da fita ou mauzão.
intervenientes do Eu tento explicar o meu lado e digo também que
jogo e do projeto já fui jogador e tento também jogar com isso.
(E5)

Tabela 7

Por um Futuro Melhor

Categoria – Contributo do desporto para a melhoria das condições escolares e profissionais		
Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Oportunidades Escolares promovidas pelo projeto	Motivação para a continuidade nos estudos, nomeadamente a escolaridade obrigatória e o acesso ao ensino superior	<p>(...) posso dizer que me motivou mais na escola (...) eu na escola era daqueles que me sentava lá atrás, a professora dava a matéria e eu se calhar apanhava 10%, nos testes fazia as minhas cabulazinhas e ia-me safando. (...) eu saí da seleção (Nacional) e fui para a minha licenciatura, primeiro ano, mudei um bocadinho, tento fazer as coisas todas, tento passar às disciplinas todas (E1)</p> <p>(...) aos 21 fui tirar uma especialização em serviço social (...) foi uma mudança muito radical fiz uma especialização primeiro antes de ir para a licenciatura (...) (E2)</p>
Oportunidades profissionais promovidas pelo projeto	Abertura de oportunidade para os jovens que viveram na instituição possa vir a trabalhar nela de futuro, mediante formação técnica e superior adequada	<p>Fiz a licenciatura em Serviço Social, e no 1º ano o diretor da instituição convidou-me (...) para avançar com o projeto com e ficar responsável pelo futebol de rua, para trabalhar os jovens e as competências, aceitei. (E2)</p> <p>Hoje trabalho na melhor clínica do país, a CUF, tenho noção que sou um privilegiado, devido também ao que o futebol de rua me deu e à formação, educação, a todos os valores que o projeto me deu. (E2)</p>
	Oportunidade de formação profissional	(...) o Casa, que é uma instituição que me abriu portas (...) Depois eu acabei o meu curso

enquanto Árbitro *(Licenciatura em Desporto), fui estagiar para*
de Futebol *lá e agora aceitaram-me lá na instituição. (E3)*
Profissional, *(...) A nível profissional eu acho que no fundo*
promovida pelo *foi essa vontade de superação, porque eu por*
projeto em parceria *acaso quando vim para cá pela primeira vez*
com a APAF *como jogador não tinha um emprego fixo e se*
calhar o futebol de rua acrescentou um pouco
Oportunidades *isso na minha vida (E4)*
profissionais *No meu caso, foi a arbitragem, porque eu tirei*
através de *o curso com o objetivo de continuar ligado ao*
protocolos com *projeto, entretanto fui gostando e através da*
entidades como a *APAF surgiu também a oportunidade de tirar o*
GALP ou o Grupo *curso (Profissional de Árbitro de Futebol) (E5)*
Dia/Minipreço *(...) tenho amigos que integraram por exemplo*
a Galp e recentemente tive uma entrevista no
mini preço (E5)

Tabela 8
Reflexão da participação no projeto

Categoria – Reflexão		
Se nunca tivesses participado no projeto, onde/como estarias agora?		
<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de registo</i>	<i>Unidades de Contexto</i>
Momento de reflexão em que se faz uma retrospectiva e se tenta imaginar se tudo o que conseguiram alcançar era possível, sem a participação no projeto.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Hipótese de abandono escolar precoce ▪ Desemprego ▪ Estar sem rumo ▪ Determinação e Força de vontade ▪ Falta estipulação de objetivos na vida ▪ Reformulação sobre como se olha para o desporto 	<p><i>Provavelmente já não estudava, ou se estudasse, em vez de me faltar só acabar este ano e o estágio e 3 disciplinas, ia-me faltar umas 10 disciplinas ou 15. Se calhar era muito diferente como jogador e tinha tomado outros caminhos, mesmo lá no bairro, com certeza, acredito que sim. E nem estava aqui a esta hora, que era o que mais... ei, nem me imagino, nem imagino... nem quero... (E1)</i></p> <p><i>(...) sem o futebol de rua não sei se estaria aqui agora, se calhar não estaria, e se calhar não estaria empregado, não teria tirado a licenciatura, se calhar não teria feito nada, se calhar estava como muitos andam aí na rua, perdidos. (E2)</i></p> <p><i>(...) Eu fui sempre subindo e graças a Deus que no patamar que eu estou hoje em dia, não sei.</i></p> <p><i>Futebol de Rua foi importante, isso sem dúvida que foi, o projeto é espetacular e se eu não tivesse entrado era muito diferente, de certeza (E3)</i></p> <p><i>Conseguir imaginar, eu consigo! Talvez não fosse a mesma pessoa, mas tenho a certeza absoluta que iria procurar ter esta mesma força de vontade, eu acho que isto vem com a idade. Há um certo momento na nossa vida em que a gente abre os olhos, por assim dizer,</i></p>

e que a gente começa a ter essa força de vontade de superação e perceber que sem ela, a gente não consegue nada na vida. Não sei mesmo exatamente aquilo que estaria a fazer, mas... (E4)

Se eu não tivesse entrado no projeto, possivelmente já nem jogava à bola e não seria tão objetivo, porque eu agora tenho objetivos traçados e antigamente jogava por mera diversão (...) eu aconselho todos os anos, aos meus amigos lá do bairro. Este ano tenho ali 2 rapazes lá do meu bairro na equipa de Setúbal, eles não queriam participar, mas eu disse para participarem no distrital que depois fazem uma seleção e para virem que aquilo abria portas e eles vieram. (E5)

Interpretação dos dados recolhidos através das entrevistas aos jovens

Pergunta 1:

Quais as expectativas aquando da tua primeira participação no Projeto Futebol de Rua?

Resultado da análise das respostas à pergunta 1:

É de notar que todos os inquiridos, direta ou indiretamente, manifestaram as mesmas ideias preconcebidas em relação aquilo que iriam encontrar no Projeto Futebol de Rua.

A principal ideia, e a mais referenciada pelos entrevistados, é que se tratava de um projeto desportivo e que a participação estaria assente, somente, na ideia de jogar futebol, vendo o projeto como um espaço de brincadeira, como nos mostra a seguinte citação: *“uma brincadeira, que ia brincar como brinco com os meus amigos na rua” (E3).*

É de notar ainda as referências à vontade de ganhar o jogo, a competição, visível de seguintes afirmações: *“a nossa expectativa era só jogar e ganhar, ir lá ao torneio jogar e ganhar” (E4); “As expectativas eram altas, obviamente que para ganhar é difícil” (E2).*

De forma contraditória, os entrevistados rapidamente demonstram que as ideias preconcebidas que levavam sobre o projeto deixaram de fazer sentido quando se aperceberam da dimensão educativa do mesmo.

Relembrando Bento (2014), ele que refere que desporto é visto como um meio para a formação da condição humana.

Esta mudança é visível na alteração do discurso de alguns entrevistados, começando a surgir algumas referências ao poder educativo do desporto, como a seguintes afirmações elucidam: *“Depois quando chegamos lá damos de cara com os workshops preparados (...) vimos que isto é um projeto mesmo de reinserção social” (E1); “há valores a serem transparentes para dentro do campo, e para fora do campo, e é isso que nós trabalhamos, e tentamos trabalhar, como jovens de uma instituição.” (E2)*

A mudança permite que os participantes vejam o projeto e o desporto em geral como um espaço de educação, onde se desenvolvem competências pessoais e sociais, bem como para os valores que são transversais à prática do desporto e à vida em sociedade.

Gonçalves (2014, p.92) explana esta ideia na perfeição uma vez afirma que «o Desporto tem o potencial para fomentar o desenvolvimento das qualidades físicas, morais e sociais que perduram para a vida.».

O projeto e o desporto em geral são vistos, de acordo com uma declaração, como uma forma de *“desviar dos maus caminhos, inculcar valores que precisamos na nossa vida, como o*

companheirismo, espírito de equipa, amizade, entreajuda. Pessoalmente, não contava encontrar isso ao início e surpreendeu-me bastante” (E1).

Pergunta 2: O trajeto de participação em competições internacionais no projeto

Resultado da análise das respostas à pergunta 2:

Em relação a esta pergunta, os entrevistados fizeram uma reflexão sobre aquilo que significou para eles a participação em competições internacionais representando Portugal. É unânime o sentimento de orgulho por terem a oportunidade de representar o seu país através daquilo que mais gostam de fazer.

Nesta reflexão, uma das coisas que desperta o interesse é a gratidão pela oportunidade bem como a noção de que poucos são aqueles que atingem o patamar da seleção. Observa-se isto no caso concreto do seguinte excerto: *“Toda a gente gostava de ir e não é para todos, por isso todos os que vão, deviam aproveitar ao máximo” (E2).*

O Projeto Futebol de Rua para conseguir implementar todas as suas atividades, tem também como fim, proporcionar momentos inesquecíveis aos seus participantes, estando consciente de que esses momentos muito dificilmente seriam experienciados pelos jovens fora do âmbito do projeto, ou de projetos semelhantes. Este ponto faz com que haja o interesse claro de criar espaços de partilha e de interação entre os jovens. As seguintes afirmações demonstram a importância de determinadas atividades e experiências na vida dos jovens: *“Foi a melhor experiência da minha vida, sem dúvida. Não só dentro do campo, mas principalmente mais fora do campo” (E1); “(...) é aquele sonho de criança que todas as crianças sonham: «um dia vou jogar na seleção»” (E5).*

Os participantes não vivem estas experiências sozinhos, vivem-nas em grupo e isso traz consigo enormes mais valias. Os processos de educação não formal estão presentes neste aspeto na medida em que a aprendizagem e produção de saberes é feita através de práticas socioculturais (Gohn, 2014) e ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil. (Gohn, 2001).

Estas experiências, sendo elas experienciadas em grupo, permitem também a quebra do ciclo individualista que muitas das vezes afeta estes jovens. As competições que o projeto organiza ou em que participa, são sempre espaços de criação de novas amizades, de realização de novos conhecimentos e de contacto com outras realidades, fazendo com que valores como o espírito de grupo e o trabalho de equipa prevaleçam e sejam desenvolvidos a fim de contribuir para o sentimento de presença destes jovens.

Pergunta 3: Que valores e que competências é que o projeto te transmitiu?

Resultado da análise das respostas à pergunta 3:

Na análise às respostas a esta pergunta, fica bem presente a transversalidade dos valores e das competências que têm tanto impacto dentro e fora do campo, na prática desportiva e na sociedade, respetivamente. Esta ideia de transversalidade está bem presente na afirmação: “(...) o objetivo do futebol de rua, é essencialmente praticar competências e valores fora e dentro do campo porque é o impacto que o futebol de rua tem na nossa vida e eu acho que as pessoas ainda não têm bem essa noção e consciência” (E2).

Os espaços de interação do projeto permitem o convívio, a interação entre os participantes e conseqüentemente a sua integração, revelando-se também num espaço importante para a criação de novas amizades. A importância que estas interações com outros jovens têm na vida dos participantes é transformadora, tanto a nível pessoal como a nível social, como a seguinte afirmação sugere: “O que eu aprendi foi a conviver com outras pessoas, eu não falava com ninguém, estava calado e quando cheguei ao continente (Portugal Continental) para vir jogar os nacionais, as coisas mudaram completamente.” (E3).

As respostas a esta pergunta remetem-nos também para os valores da superação e da aceitação da derrota e da superioridade do outro, na medida em que os participantes afirmam que o projeto permite que estes estejam mais preparados para enfrentar os problemas, estando mais capazes de tomar decisões corretas quando estão perante algum problema.

O princípio da superação ficou definido ao longo do estudo, contudo importa relembrar que este se prende o valor da transcendência e a ideia associada de o indivíduo se superar a si mesmo (Renaud, 2016).

O seguinte excerto, retirado de uma entrevista, demonstra bem esse carácter de se superar perante uma dificuldade, dizendo o seguinte: “Ensinou-me acima de tudo que isto do futebol é como a vida, às vezes a gente perde, às vezes a gente ganha, mas o que importa é que a gente tem de saber superar os momentos em que a gente perde (...)” (E4).

Este excerto remete-nos para outros dos princípios claros do desporto, o respeito pelo adversário, a aceitação da derrota e o reconhecimento da superioridade do outro.

Estes princípios foram referidos ao longo deste estudo, fazendo parte de uma ampla lista produzida pelo IPDJ (2014) que contempla princípios como respeito pelas regras e pelo adversário, árbitro ou juiz; a amizade; a aceitação do resultado; o reconhecimento da dignidade da pessoa humana; o saber ser e estar; a persistência entre tantos outros.

O contributo do projeto para o desenvolvimento do caráter do indivíduo fica demonstrado na seguinte afirmação: “(...) *tenho noção que sou uma pessoa mais madura também devido ao futebol de rua porque quer queiramos, quer não isto muda a nossa vida, não só pessoal como também profissional*”. (E2).

Pergunta 4: Porque motivos é que regressaste ao projeto, agora no papel de treinador ou de árbitro?

Resultado da análise das respostas à pergunta 4:

Tendo em conta que o regulamento do projeto só permite que os participantes se inscrevam em 3 edições enquanto jogadores, muitos são aqueles que pretendem continuar ligados ao projeto e nesse sentido regressam desempenhando outro tipo de funções. Existem 3 tipos de funções: treinador, árbitro ou voluntário.

Da amostra selecionada referente aos jovens, todos eles regressaram ao projeto sendo que 4 deles o fizeram no papel de treinador e um, na qualidade de árbitro.

Todos os entrevistados demonstraram gratidão para com o projeto, reconhecendo a importância que o mesmo teve nas suas escolhas e nos seus percursos de vida.

Reconhecem ainda ser difícil não querer continuar ligado ao projeto, na medida em que se torna “*um vício*” (E4), no bom sentido da palavra.

Num dos casos, um dos regressos ao projeto deveu-se à falta de técnicos da instituição para desenvolverem o projeto, fazendo com que a participação no Futebol de Rua ficasse interrompida. Face a isto, e devido à experiência vivida enquanto jogador, E1, comprometeu-se a assumir o papel como treinador para que a equipa da instituição pudesse participar em mais uma edição. A sua afirmação demonstra bem a vontade dos jovens em querer fazer parte do projeto, referindo que “*Este ano em Beja ninguém pegou no projeto e eu dei o braço a torcer, faltei ao trabalho, disse «Vou, vai ter que haver futebol de rua!»*” (E1).

Esta afirmação, demonstra acima de tudo impacto que o projeto tem na vida destes jovens e também a sua consciencialização para que o projeto continue ativo. É de referir que está presente neste excerto, e de forma clara, a valor da solidariedade.

Pergunta 5: O que tentas transmitir aos novos atletas, agora no papel de treinador ou árbitro?

Resultado da análise das respostas à pergunta 5:

As respostas a esta questão reúnem consenso uma vez que todos estes intervenientes pegam naquilo que foram as suas experiências e aconselham os novos participantes a aproveitarem ao máximo a sua participação no projeto.

Esta ideia é nos remetida através da seguinte afirmação “(...) *a mensagem que eu lhes tento passar é a experiência, que agarrem esta oportunidade porque nem toda a gente tem a possibilidade de vir aqui desfrutar*” (E2).

Na mesma ótica, também a afirmação que se segue também nos remete para a consciencialização por partes dos participantes mais experimentados acerca do saber aproveitar as oportunidades que o projeto dinamiza, a afirmação é: “*Digo isto, desta forma - viver num hotel estes 5 dias, nem toda a gente tem essa possibilidade, na nossa vida há poucas pessoas que tem essa possibilidade nem que seja 1 ou 2 dias num hotel. É diferente, saís do teu mundo, convives com outro tipo de pessoas que não estás habituado. Saís do teu habitat natural, convives com outras nacionalidades, Bélgica, Inglaterra... e conheces experiências novas, além de terem o futebol de rua para participar.*” (E2).

É unânime a ideia de que é necessário consciencializar os novos participantes para o poder educativo que o desporto tem, para a capacidade e na influência que o projeto tem/terá nas suas vidas a curto, médio e sobretudo a longo prazo. É necessário que haja uma predisposição para aprender e esta seja feita de forma consciente e intencional (Gohn 2014).

A seguinte afirmação elucida bem esta questão: “*Eles (os miúdos) têm de perceber que isto vai mudar as vidas deles, quem quer, quem não quer aprender e não liga vai bater muitas vezes com a cabeça na parede, até aprender, obviamente*” (E2).

Pergunta 6: O projeto abriu-te oportunidades, nomeadamente, profissionais?

Resultado da análise das respostas à pergunta 6:

Relativamente à análise das respostas à pergunta 6, estas demonstram a importância e o impacto que o projeto tem em termos de vida académica e profissional.

O desenvolvimento de competências que o projeto ambiciona, não se restringe apenas às de carácter pessoal ou social. O projeto também potencia o desenvolvimento de competências profissionais.

Estes três tipos de competências então intrinsecamente ligadas umas com as outras na medida em que são uma mais valia para a vida do jovem participante.

Tomemos o seguinte exemplo, de pouco serve a uma empresa ter um carpinteiro muito bom, se este não tiver as competências pessoais e sociais básicas para estar inserido num grupo de trabalho.

Nas respostas a esta questão é visível o contributo que o desporto, e o projeto em concreto, na vida académica e na vida profissional dos jovens, na medida em que comprova, através dos testemunhos, que o projeto contribuiu para aumentar os níveis de motivação dos jovens, permitindo assim o combate ao abandono escolar precoce, através consciencialização sobre a importância continuar e concluir do ensino escolar obrigatório, assim como a motivação para progressão em termos académicos, através do acesso ao ensino superior.

Existem dois jovens (E2 e E3) que entraram no ensino superior e que após terminarem a sua formação, foram trabalhar para instituições de apoio social de modo a que se tornassem responsáveis por dinamizar o projeto ao nível regional/distrital.

As seguintes afirmações são prova disso: *“Fiz a licenciatura em Serviço Social, e no 1º ano o diretor da instituição convidou-me (...) para avançar com o projeto com e ficar responsável pelo futebol de rua, para trabalhar os jovens e as competências, aceitei (E2); “Depois eu acabei o meu curso (Licenciatura em Desporto), fui estagiar para lá e agora aceitaram-me lá na instituição” (E3).*

Existe ainda um terceiro jovem (E1) que está a frequentar a licenciatura em desporto afirmando o seguinte: *“eu saí da seleção (Nacional) e fui para a minha licenciatura, primeiro ano, mudei um bocadinho, tento fazer as coisas todas, tento passar às disciplinas todas” (E1).*

A nível profissional, existe o reconhecimento do contributo do projeto para o ingresso no mercado de trabalho por via de medidas concretas, através de protocolos entre o projeto

e entidades empregadores e também pela parceria com a APAF através do curso de arbitragem, e por medidas mais indiretas, na medida em que o projeto permitiu desenvolver competências necessárias para a busca de um emprego.

Pergunta 7: Se nunca tivesses participado no projeto, consegues imaginar-te onde/como é que estarias hoje?

Resultado da análise das respostas à pergunta 7:

Esta pergunta pretendia que os jovens fizessem um balanço introspetivo daquilo que foi o impacto do projeto nas suas vidas e, posteriormente, pedia que imaginassem que nunca tivessem participado no projeto e refletissem onde e como é que estaria no dia em que a entrevista foi realizada. Esta questão serviu para perceber que tipo de influência é que o projeto teve nas suas vidas, na forma como as guiou de modo a que hoje fossem indivíduos melhores e mais capazes de fazerem parte integrante da sociedade.

Foram recolhidos testemunhos de tal forma emotivos, que em muitos momentos os entrevistados não conseguiram terminar o seu raciocínio, deixando algumas afirmações em suspenso, como é o caso da seguinte afirmação: *“Se calhar era muito diferente como jogador e tinha tomado outros caminhos, mesmo lá no bairro, com certeza, acredito que sim. E nem estava aqui a esta hora, que era o que mais... ei, nem me imagino, nem imagino... nem quero...” (E1).*

Outra das afirmações que demonstra a importância do projeto na vida de um jovem, diz o seguinte: *“(...) sem o futebol de rua não sei se estaria aqui agora, se calhar não estaria, e se calhar não estaria empregado, não teria tirado a licenciatura, se calhar não teria feito nada, se calhar estava como muitos andam aí na rua, perdidos.” (E2)*

Existe o claro reconhecimento do projeto como uma mais-valia para a vida destes jovens, contribuindo para o desenvolvimento do seu carácter, na aquisição de competências, na mudança de comportamentos e no abandono de comportamentos desviantes. A seguinte afirmação remete-nos de novo para a ideia já debatida sobre o princípio da superação, bem como o desenvolvimento da maturidade do indivíduo ao longo do trajeto da sua vida e no projeto, e diz o seguinte: *Conseguir imaginar, eu consigo! Talvez não fosse a mesma pessoa, mas tenho a certeza absoluta que iria procurar ter esta mesma força de vontade, eu acho que isto vem com a idade. Há um certo momento na nossa vida em que a gente abre os olhos, por assim dizer, e que a gente começa a ter essa força de vontade de superação e perceber*

que sem ela, a gente não consegue nada na vida. Não sei mesmo exatamente aquilo que estaria a fazer, mas... (E4).

Análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas aos técnicos do Projeto Futebol de Rua da Associação CAIS

Tabela 9

Objetivos do Futebol de Rua

Categoria – Objetivos do Projeto Futebol de Rua		
<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de registo</i>	<i>Unidades de Contexto</i>
Pilares fundamentais da intervenção do projeto	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Acesso ao desporto ▪ Desenvolvimento de competências 	<p><i>Os objetivos do futebol de rua são claros: promover o acesso ao desporto e promover o desenvolvimento pessoal através da prática desportiva, ou seja, as competências pessoais e sociais, o treino de competências</i></p> <p>(E6)</p>

Tabela 10

Educar através do Desporto

Categoria – Educar através do desporto		
<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de registo</i>	<i>Unidades de Contexto</i>
Como usar o desporto como um método pedagógico	Atividades educativas durante os estágios de preparação para as competições internacionais Objetivos das ações educativas <ul style="list-style-type: none"> ▪ Antecipar os problemas e arranjar estratégias para que quando/se eles aparecerem, os jovens saibam como responder de modo assertivo ▪ Promover um espaço de interação para os jovens através de atividades culturais, criativas e educativas 	<i>O estágio da seleção tem então treino de competências, uma atividade cultural ou recreativa por dia (E6)</i> <i>Tentamos antecipar quais é que são os problemas que eles antecipam que vão lá acontecer para conseguir colmatá-los antes de existirem e dar-lhes estratégias para eles os resolverem na altura. (E7)</i> <i>promover o diálogo, o intercâmbio, a partilha e troca de aprendizagens e ser também um espaço que aproveita o facto deles se juntarem todos em torno do futebol, que é esse o mediador comum para lhes dar o acesso a um conjunto de oportunidades culturais, criativas e educativas (E7)</i>

Tabela 11
Valores e Competências no Desporto

Categoria – Valores e competências que o projeto/desporto permite desenvolver		
<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de registo</i>	<i>Unidades de Contexto</i>
Tipo de valores e competências são trabalhadas no projeto	<p>Treino de competências pessoais, sociais e profissionais</p> <p>Competências referenciadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho de equipa ▪ Tolerância ▪ Respeito ▪ Interação ▪ Autoconhecimento ▪ Tomada de decisão ▪ Comunicação ▪ Igualdade de Género ▪ Xenofobia 	<p><i>(...) acreditamos que estas competências são basilares à inclusão social e que se não forem trabalhadas não é possível ter uma inclusão social sustentável. (...) Estamos a tapar o sol com a peneira, até podes arranjar um emprego, mas aquilo não vai correr bem, é preciso criar as bases e os alicerces, e para nós, antes de poderem vir as tuas competências profissionais, vêm as sociais e vêm as pessoais, por esta ordem (E6)</i></p> <p><i>(...) depois em relação aos jovens que os obriga a trabalharem em conjunto, em contextos mais rurais obriga a que jovens que nem se conheciam se deem e interajam</i></p> <p><i>(...) há aqui uma interação e uma partilha que é importante. (E6)</i></p> <p><i>No caso dos grandes centros urbanos (...) há rivalidades entre estes bairros (...) são bairros que não se falam que têm ódios de morte que têm guerras abertas e isto obriga-os a entrarem ali e esquecerem tudo (...) isto é engraçado, porque acabas por ter pessoal de bairros rivais a jogar na mesma equipa e acabas por ter pessoal de bairros rivais a apoiá-los, sentados na bancada lado a lado, o que é interessantíssimo. (E6)</i></p>

todos os anos são escolhidas competências específicas para serem trabalhadas (...)

Todos os anos são escolhidas competências, o futebol de rua tem um referencial de 20 competências (...) **(E7)**

(...) autoconhecimento, tomada de decisões, comunicação, etc (...) **(E7)**

perceber como é que se comportam em grupo (...) *podes transformar um simples jogo de futebol de rua num treino de competências, em que podes trabalhar comunicação, liderança, tomada de decisão e até resolver problemas entre eles, trabalhar a desigualdade de género, intolerância, xenofobia* **(E7)**

Tabela 12

Contributo do Desporto para a Inclusão Social

Categoria – O contributo do desporto para a inclusão social de jovens		
<i>Subcategorias</i>	<i>Unidades de registo</i>	<i>Unidades de Contexto</i>
Concretamente em que medida é que o desporto contribui para a inclusão social	Estabelecimento de protocolos entre o projeto e entidades empregadoras Estabelecimento de protocolo entre o projeto e a APAF, para a realização do curso de arbitragem Influência do projeto no desenvolvimento das competências pessoais, sociais e profissionais Reflexão sobre o porquê do desporto ser capaz de promover a inclusão num contexto e nouro não	(...) <i>principalmente nestes últimos dois anos, aqui a Cais investiu muito na parte da empregabilidade (...) fizemos uma data de contactos com empresas e tivemos uma série de empresas que são nossas parceiras hoje em dia e que nos pedem diretamente pessoas para trabalhar (E7)</i> (...) <i>BP, dos postos de abastecimento de combustíveis, trabalhamos com o grupo Dia, com o Mini Preço (...) (E7)</i> <i>Em 2016 e 2017 começámos a trabalhar a questão da empregabilidade com a BP e conseguimos oportunidades para os jovens que tinham ido à seleção nacional. (E6)</i> <i>Em 2018, um novo mecanismo com o grupo dia-mini preço em que é possível a todos os participantes serem recrutados pelo grupo mini preço e serem incluídos nos seus quadros, ou seja, nas suas equipas (E6)</i> <i>Em 2015, surge (...) o curso de árbitro de futebol de rua e que permite a antigos participantes que já atingiram os 3 anos de jogador (...) estes participantes têm formação com a APAF e ficam com a possibilidade de serem árbitros profissionais de futsal ou futebol de 11. Isto permite-lhes continuar ligados ao projeto futebol de rua, permite-lhes ainda envergar</i>

numa carreira de árbitro profissional e assim ter uma fonte de rendimentos (E6)

Quando nos perguntam se o desporto ou o futebol contribui para a inclusão social, eu posso dizer hoje, ao contrário do que eu te diria há 10 anos atrás, que era, eu acho que sim ou tenho aqui 8 pessoas que te dizem que sim e eu hoje posso dizer que tenho mil pessoas que me dizem que sim ,que dizem que (...) o futebol de rua, teve uma influência ou impacto positivo no seu desenvolvimento pessoal e concretamente no desenvolvimento das suas competências pessoais e sociais e que mais, me conseguem dizer em quais e isso é muito interessante. (...) (E6)

eu acho que não podemos dizer que não promove. Não promove, porque cada vez mais só promove os valores errados. Não, de forma alguma. Depende de quem é que está a promover e de quem está responsável (...) (E6)

As aprendizagens que fazem na vida ativa são úteis no desporto e as aprendizagens que fazem no desporto são muito úteis na vida ativa (...) (E6)

(...) Temos é que nos questionar porque é que num contexto está a promover e noutro não está e é preciso olhar e perceber quem é que são os responsáveis. (E6)

(...) tu, a trabalhar na educação não formal, como é que se trabalham competências dos jovens, quase numa

primeira fase em que eles estão a trabalhar competências e nem se apercebem que o estão a fazer (E7)

Breve interpretação dos dados recolhidos nas entrevistas aos técnicos

Pergunta: Quais são os objetivos do Projeto Futebol de Rua

Resultado da análise das respostas à pergunta:

Os objetivos principais do projeto foram definidos de forma clara e sintetizada pelo coordenador do mesmo. É de referir que existem dois objetivos que definem posteriormente os dois eixos de intervenção do projeto. O primeiro objetivo passa por promover o acesso ao desporto, tornando-o num momento desportivo de todos e para todos.

Este primeiro objetivo do projeto vai de encontro ao que Marivoet (2016) e o Livro Branco do Desporto (2007) defendem, referindo que jamais o acesso ao desporto pode ser negado função do género, raça, idade, deficiência, religião, convicções e orientação sexual, bem como do meio social ou económico de origem.

O segundo objetivo visa a promoção do desenvolvimento pessoal através da prática desportiva, contemplado nesta medida o treino de competências pessoais e sociais.

Este objetivo espelha a reflexão de Marivoet (2016) sobre a inclusão social através do desporto, caracterizando o desporto como um espaço de desenvolvimento de competências pessoais, sociais e motoras, e onde se privilegia os princípios éticos e os valores do desporto.

Pergunta: Que tipo de ações educativas com base no desporto se promovem no projeto?

Resultado da análise das respostas à pergunta:

A pergunta visava perceber de que forma é que, recorrendo à educação não formal, o projeto utiliza o desporto como o veículo de desenvolvimento de ações educativas. É visível na análise de conteúdo que uma competição está sempre associada a uma preparação prévia, sendo ela física e pedagógica. Esta preparação pedagógica é realizada com o objetivo de preparar os jovens na resolução dos problemas, treinando antecipadamente através da suposição, quais os problemas que poderão aparecer no futuro e de que forma é que os poderão resolver. A importância de tais competências, a par da competição desportiva, é referida através da seguinte afirmação: *“o estágio da seleção tem então treino de competências, uma atividade cultural ou recreativa por dia” (E6).*

Existe, portanto, a preocupação de organizar e enquadrar nos programas de atividade momentos desportivos e de competição, assim como momentos educativos, culturais e de lazer. Isto permite que os jovens possam interagir entre si, realizando uma aprendizagem pelos pares, criando laços afetivos entre eles e ainda a possibilidade de partilharem experiências. A próxima afirmação remete-nos exatamente para essa importância, referindo a importância de: *“promover o diálogo, o intercâmbio, a partilha e troca de aprendizagens e ser também um espaço que aproveita o facto deles se juntarem todos em torno do futebol, que é esse o mediador comum para lhes dar o acesso a um conjunto de oportunidades culturais, criativas e educativas” (E7).*

Pergunta: Valores e competências que o projeto permite desenvolver

Resultado da análise das respostas à pergunta:

Em análise às respostas sobre esta questão, foi possível elaborar uma lista de valores e de competências que são trabalhadas no projeto, através da educação não formal, e perceber de que forma é que elas são trabalhadas.

Essa listagem contempla valores e competências tão diversas como a tolerância, o respeito, da igualdade de género, a tomada de decisão, a comunicação, entre outras. O próprio projeto criou um referencial composto por 20 competências, sendo que em todas as edições são definidas 4, sendo que essas 4 serão trabalhadas ao longo do projeto, durante aquele ano. Contudo, não foram indicadas a totalidade das competências ao longo da entrevista por se tratarem de um número elevado e conseqüentemente difícil de memorizar.

Uma das afirmações mais pertinentes remete-nos para a ideia explanada na análise de conteúdo de uma resposta anterior, e que diz o seguinte: *acreditamos que estas competências são basilares à inclusão social e que se não forem trabalhadas não é possível ter uma inclusão social sustentável. (...) Estamos a tapar o sol com a peneira, até podes arranjar um emprego, mas aquilo não vai correr bem, é preciso criar as bases e os alicerces, e para nós, antes de poderem vir as tuas competências profissionais, vêm as sociais e vêm as pessoais, por esta ordem (E6).*

A afirmação que se segue demonstra a importância do contributo projeto para a promoção da paz entre os indivíduos, através do desenvolvimento dos valores do respeito, da tolerância (IPDJ, 2014) e diz o seguinte: *“caso dos grandes centros urbanos (...) há rivalidades entre estes bairros (...) são bairros que não se falam que têm ódios de morte que têm guerras abertas e isto obriga-os a entrarem ali e esquecerem tudo (...) isto é engraçado,*

porque acabas por ter pessoal de bairros rivais a jogar na mesma equipa e acabas por ter pessoal de bairros rivais a apoiá-los, sentados na bancada lado a lado, o que é interessantíssimo.” (E6).

A afirmação que se segue demonstra o carácter flexível e ajustável da educação não formal (Gohn,2014), fazendo uma referência clara à forma como é que as competências e os valores podem ser trabalhadas através do desporto. *“(…) podes transformar um simples jogo de futebol de rua num treino de competências, em que podes trabalhar comunicação, liderança, tomada de decisão e até resolver problemas entre eles, trabalhar a desigualdade de género, intolerância, xenofobia” (E7).*

Pergunta: O contributo do desporto para a inclusão social

Resultado da análise das respostas à pergunta:

Tendo em conta a análise feita às entrevistas, o projeto tem vindo a desenvolver não só a parte das competências pessoais e sociais como também tem vindo, nas últimas edições, desenvolver as competências profissionais dos participantes, possibilitando-lhes ainda o facto de estes puderam entrar no mercado de trabalho por força dos protocolos que o projeto estabeleceu com entidades trabalhadoras. Na entrevista e posteriormente na análise de conteúdo é possível fazer referência a algumas delas, como é o caso *“da BP, (...) o grupo Dia, com o Mini Preço (...)” (E7).*

O carácter transversal dos valores e das competências está bem presente a afirmação que se segue: *as aprendizagens que fazem na vida ativa são úteis no desporto e as aprendizagens que fazem no desporto são muito úteis na vida ativa (...) (E6)*

Existe ainda a situação, que anteriormente já foi referida tanto na descrição do projeto como nas entrevistas aos participantes, de o projeto possibilitar, através do seu protocolo de parceria com a APAF, que os jovens possam realizar a formação em arbitragem afim de estarem aptos para arbitrar os jogos do campeonato nacional de futebol de rua. Todavia, o projeto permite ainda aos jovens que frequentem o curso profissional de árbitro de futebol 11 ou futsal, de modo a que possam vir a obter uma fonte de rendimento no futuro. *“o curso de árbitro de futebol de rua e que permite a antigos participantes que já atingiram os 3 anos de jogador (...) estes participantes têm formação com a APAF e ficam com a possibilidade de serem árbitros profissionais de futsal ou futebol de 11. Isto permite-lhes continuar ligados ao projeto futebol de rua, permite-lhes ainda envergar numa carreira de árbitro profissional e assim ter uma fonte de rendimentos (E6).*

Esta última questão permite ainda fazer uma reflexão sobre o motivo pelo qual o desporto é bem-sucedido em alguns processos de inclusão e noutros casos fracassa totalmente, havendo quem faz referência a isso mesmo da seguinte forma: “(...) Temos é que nos questionar porque é que num contexto está a promover e noutro não está e é preciso olhar e perceber quem é que são os responsáveis.” **(E6)**

A diferença de um projeto intervenção através do desporto ter sucesso ou fracassar depende muito da equipa que o está a gerir. A diferença está nos profissionais e na forma como eles utilizam o desporto como instrumento pedagógico, na medida em que permite o desenvolvimento das competências pessoais, sociais, profissionais dos participantes.

A próxima afirmação está relacionada com o que acabou de ser dito, referindo que: “eu acho que não podemos dizer que não promove. Não promove, porque cada vez mais só promove os valores errados. Não, de forma alguma. Depende de quem é que está a promover e de quem está responsável (...)” **(E6)**.

A última questão levantada na entrevista prendeu-se com o facto de o contribuir ou não para a inclusão social de jovens em risco. A resposta foi clara referindo que: “Quando nos perguntam se o desporto ou o futebol contribui para a inclusão social, eu posso dizer hoje, ao contrário do que eu te diria há 10 anos atrás, que era, eu acho que sim ou tenho aqui 8 pessoas que te dizem que sim e eu hoje posso dizer que tenho mil pessoas que me dizem que sim ,que dizem que (...) o futebol de rua, teve uma influência ou impacto positivo no seu desenvolvimento pessoal e concretamente no desenvolvimento das suas competências pessoais e sociais e que mais, me conseguem dizer em quais e isso é muito interessante. (...)” **(E6)**.

Esta resposta remete-nos para a dimensão do Projeto Futebol de Rua, através de todas as suas iniciativas dinamizadas, assim como para o impacto que o projeto tem na vida dos jovens que dele fazem/fizeram parte. De edição para edição o projeto tem vindo a conseguir reinventar-se, na medida em constantemente são adicionados inputs ao projeto, revelando assim um acompanhamento enquadrado com as necessidades dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho fez-se referência à tão proclamada expressão de Nelson Mandela sobre o poder que o desporto tem em mudar o mundo.

E será que o desporto tem mesmo o poder de mudar o mundo?

A resposta é sim, o desporto tem esse poder de mudar o mundo. Se não o mundo, pelo menos parte dele.

Mas esta não era a questão de investigação deste trabalho. O foco deste trabalho, em coerência com a sua pergunta de investigação, centrou-se em explicar de que forma é que o desporto pode contribuir para a inclusão social de jovens em situação de risco ou vulnerabilidade social, enumerando em concreto que contributos são esses.

Importa, antes de focar sobre a questão, abordar de forma mais holística o tema do desporto, fazendo uma breve resenha crítica sobre aquilo que Sérgio (2014, p. 65) considera como desporto espetáculo.

A abordagem foi feita, levantando uma série de consequências negativas que esse tipo de desporto traz para o seu ambiente e para a sociedade em geral. Esses problemas foram identificados ao longo do trabalho, e podem-se resumir através da violência, do racismo, da xenofobia, do branqueamento de capitais, da corrupção, do consumo de doping e outras substâncias nefastas, entre tantos outros, tão bem presentes no desporto.

Assiste-se à multiplicação de casos de corrupção, ao mercantilismo dos atletas, ao uso frequente da violência, verbal e física, à ingestão de substâncias dopantes cada vez mais sofisticadas, ao abandono progressivo dos princípios e valores inerentes ao *fair play*, ao aumento despujado dos casos de racismo e xenofobia nos terrenos desportivos. (Gonçalves, 2006, p. 94)

Segundo Nery & Neto (2014, p. 156) «o aumento da competitividade, associado à determinação económica dos objetivos, contribuiu para tornar a ação desportiva incompatível com a ética e o *fair play* nos níveis mais elevados da competição». Neste sentido, afastámo-nos do compromisso de querer trabalhar a função educativa do desporto no patamar do desporto espetáculo e de alto rendimento.

Em análise, muitos dos problemas encontrados nas diversas conceções de desporto estão também presentes na sociedade e vice-versa, sendo que é de extrema importância perceber de que forma é que essa transversalidade pode ser convertida para a realização do ponto de viragem nesta crise de valores no desporto e na sociedade.

Desde logo, porque o desporto e, de forma perigosamente excessiva, o futebol, que, como réplica do capitalismo libertino vigente, se mercantilizou quase, se não mesmo, a raia a obscenidade. E, sabemos bem que quando entram em jogo tão

astronómicas somas associadas à vitória, esta converte-se num absoluto, que há que obter a todo o custo, falseando-se a verdade desportiva, o *fair play* e negligenciando-se a ética. (Sousa, 2015, p.22)

É muito importante perceber de que forma é que se pode construir boas práticas, capazes de desenvolver, primeiramente, os indivíduos na sua plenitude e só depois os desenvolver como desportistas.

O foco deste trabalho centrou-se então no nível mais puro da prática desportiva, o desporto social (Sérgio, 2014).

Gonçalves (2014, p.85) refere que «o desporto forma o carácter, diz-se.», sendo que é aqui que o desporto começa a dar o seu contributo para a inclusão social.

Assumindo que esse carácter é regido por uma série de competências e saberes inerentes à formação idónea do ser humano, o desporto quando associado a estímulos pedagógicos pode, efetivamente, contribuir para o desenvolvimento dessas competências. As competências possuem um carácter multidisciplinar e podem variar entre as competências pessoais, sociais e profissionais, sendo muitas delas transversais à vida em sociedade e à prática desportiva, em semelhança às consequências negativas que desporto espetáculo traz.

A amizade, o respeito pelo outro, o espírito desportivo, o respeito pelas regras e a competição são alguns dos aspetos essenciais para uma prática desportiva justa e verdadeira, onde se repudia todos os antivalores que a põem em causa, como é o caso do doping, da violência, da discriminação, da corrupção, da batota (Antunes & Galvão, 2014, p. 101).

Gonçalves (2014) faz uma listagem de competências morais e sociais que podem ser transferidas para a esfera desportiva, enumerando-as da seguinte forma:

(...) a) o saber estar no treino e na competição assumindo atitudes e comportamentos considerados socialmente positivos: cumprir regulamentos e convenções, ser digno nas vitórias e nas derrotas; b) saber fazer e adquirir competências de bom desportista: pontualidade, assiduidade, respeito pelos compromissos assumidos, ser capaz de entender diferentes papéis, saber conviver com os outros.» Gonçalves (2014, p.85)

Uma das afirmações retiradas da análise de conteúdo de entrevistas (*ver tabela 4*), reflete essa transversalidade das competências, referindo que: “o objetivo do futebol de rua, é essencialmente praticar competências e valores fora e dentro do campo porque é o impacto que o futebol de rua tem na nossa vida e eu acho que as pessoas ainda não têm bem essa noção e consciência” (E2).

Continuando a estabelecer uma ligação de coerência entre a teoria e os dados recolhidos na investigação, é possível completar a lista de competências e de valores

(Gonçalves, 2004), apresentada anteriormente, com outras tantas fundamentais para que o processo de inclusão social dos jovens seja feito de forma mais sustentada.

Acrescentam-se, de acordo com a *tabela 4 – Valores e Competências* da análise de conteúdo de entrevistas, as seguintes competências e valores: amizade, interação, integração, superação, resiliência, respeito e socialização.

Foi possível ainda identificar outras competências e valores apresentados ao longo do estudo e que posteriormente foram referidas, em algum momento, pela amostra no decorrer das entrevistas. Sendo elas a ética, a solidariedade, a responsabilidade, a transcendência, a tolerância, a igualdade género, o trabalho em equipa, a comunicação e a autoestima.

Importa agora, fazer um pequeno resumo sobre o passo que se segue à identificação das competências e dos valores, passo esse que foi demonstrado ao longo deste trabalho em 3 partes distintas, numa primeira fase no enquadramento teórico, depois no estudo de caso do Projeto Futebol de Rua da Associação CAIS e por fim na análise de conteúdo das entrevistas realizadas à amostra selecionada.

Esse passo não é nada mais nada menos que a passagem da teorização à prática, isto é, uma vez feito o inventário das competências e valores que se podem desenvolver através do desporto, importa refletir sobre a forma como estas podem ser trabalhadas em contexto real.

Este processo remete-nos para a educação e para os seus moldes de atuação. Conjuguar a educação e o desporto é um processo rigoroso, metódico e holístico na medida em que se trabalha o indivíduo como um todo, como um ser multifacetado e complexo.

O desenvolvimento destas competências através de metodologias educativas contribui de forma assertiva, como foi possível ver ao longo deste trabalho, para a capacitação de jovens em risco, permitindo que a sua inclusão social seja feita de forma mais sustentada e consistente.

Se é certo que os pais transmitem aos filhos, de acordo com as leis genéticas, determinadas características e traços identificadores, não o é menos de que os valores, os princípios, as atitudes e os comportamentos não são transmissíveis de acordo com estas leis. O que implica a «obrigatoriedade» do seu ensino e fundamentalmente sua prática. (...) A educação (para os valores) é algo que se constrói! (Gonçalves [2004] in Gonçalves, 2013, p. 91)

Esta afirmação remete-nos para a importância da educação para os valores, apontando que o processo de aprendizagem e posteriormente a sua aplicabilidade prática são cruciais para que o processo seja realizado de forma eficaz.

Surge neste contexto a educação não formal associada ao desporto. O sentido transformador dos projetos sociais junto de públicos vulneráveis, tem como intuito gerar uma mudança na vida do indivíduo, seja ela a nível pessoal, social, económico, profissional e/ou cultural.

Neste sentido a educação não formal pode caracterizar-se da seguinte forma:

Aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área. (Gohn,2001, p. 32)

Para que isso seja possível, este trabalho tentou demonstrar de que forma é que a educação não formal através da associação ao carácter social do desporto, pode ajudar os jovens em situação de risco, neste caso concreto, a desenvolverem as suas competências pessoais, sociais e profissionais.

educação física e desporto, como dimensões essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver habilidades, força de vontade e autodisciplina em todos os seres humanos, como membros plenamente integrados na sociedade. A continuidade da atividade física e a prática de desporto devem ser assegurados por toda a vida, por meio de uma educação ao longo da vida, integral e democrática. (UNESCO,1978)

Este processo de aprendizagem visa permitir a emancipação dos jovens, conferindo-lhes uma maior capacidade para quebrarem o ciclo da exclusão social.

A análise de conteúdo da *Categoria – Valores e competências que o projeto/desporto permite desenvolver - Tabela 11*, permite-nos perceber na prática, e de forma simples, como é que se pode utilizar o desporto para desenvolver competências, referindo que “(...) podes transformar um simples jogo de futebol de rua num treino de competências, em que podes trabalhar comunicação, liderança, tomada de decisão e até resolver problemas entre eles, trabalhar a desigualdade de género, intolerância, xenofobia (E7)”.

Este dinamismo da aprendizagem não formal vai fazer com que os jovens, em muitos momentos, nem se apercebam que estão a trabalhar tais competências.

Ao longo do trabalho foi-se fazendo referência à multidisciplinariedade das competências desenvolvidas, o enfoque nas competências pessoais e sociais terá sido mais notório, uma vez que as poderemos considerar a base da pirâmide das competências.

Contudo, as competências profissionais e académicas também foram abordadas, convergindo assim na menção feita às mesmas pelos elementos da amostra durante a realização das entrevistas.

A *Categoria – Contributo do desporto para a melhoria das condições escolares e profissionais – Tabela 7*, remete-nos para essa ideia, na medida em que os entrevistados referem que, de uma maneira ou de outra, o Projeto Futebol de Rua, e o desporto em geral, contribuíram para o desenvolvimento das suas competências a nível escolar e profissional.

A nível escolar, o desporto deve contribuir para a consciencialização dos jovens para a importância do ensino obrigatório, e deve contribuir também para o aumento dos níveis de motivação dos jovens para conclusão desses mesmos estudos, e posteriormente, havendo todas as condições para isso, motivar os jovens para o acesso ao ensino superior.

Algumas das reflexões presentes na *Categoria – Contributo do desporto para a melhoria das condições escolares e profissionais – Tabela 7* demonstram o contributo motivacional que o desporto permite trabalhar. Como é o caso: “(...) aos 21 fui tirar uma especialização em serviço social (...) foi uma mudança muito radical fiz uma especialização primeiro antes de ir para a licenciatura (...) (E2)” e também: (...) eu saí da seleção (Nacional) e fui para a minha licenciatura, primeiro ano, mudei um bocadinho, tento fazer as coisas todas, tento passar às disciplinas todas (E1).

Relativamente às competências profissionais, o desenvolvimento destas assume-se como parte importante na procura de emprego, a par das competências pessoais e sociais.

Na mesma *Categoria – Contributo do desporto para a melhoria das condições escolares e profissionais – Tabela 7*, o desporto traduz-se num importante mecanismo, por um lado permite aos jovens se manterem ligados ao projeto e por outro terem uma formação certificada que lhes permita ser uma fonte de rendimento, como é o caso do curso de arbitragem realizado através da parceria entre o Projeto Futebol de Rua e a APAF.

No caso concreto do projeto, existem ainda vários protocolos assinados com empresas que possibilitam aos jovens a entrada no mercado de trabalho, como refere a afirmação que pode ser encontrada *Categoria – O contributo do desporto para a inclusão social de jovens – Tabela 12*, e que refere duas dessas empresas. (...) BP, dos postos de abastecimento de combustíveis, trabalhamos com o grupo Dia, com o Mini Preço (...) (E7).

Nesta mesma categoria, está presente uma nota muito curiosa onde um entrevistado levanta a questão de sobre porquê de o desporto contribuir em alguns casos para a inclusão de jovens e noutros casos não o fazer.

De facto, o desporto pode permitir ou não a inclusão de jovens, contudo essa questão está tão somente relacionada com os princípios orientadores de cada projeto, de cada intervenção.

Ficou demonstrado ao longo de todo o estudo que o desporto pode contribuir para a inclusão social de jovens, através da educação não formal e promovendo o desenvolvimento de todas as competências que já foram referidas.

Por fim, e em jeito de reflexão sobre a coerência da investigação relativamente aos objetivos propostos numa fase inicial e a linha de pensamento que delimitou todo o percurso da investigação, posso dizer que todos aqueles que foram propostos, foram atingidos.

Ao longo do enquadramento teórico realizou-se uma abordagem aos conceitos propostos num dos objetivos específicos da investigação, que visava o aprofundamento dos conceitos da Exclusão e Inclusão Social, da Educação Não Formal e do *Empowerment*, estabelecendo-se assim uma ligação positiva entre eles, em concordância com o tema da investigação.

Outro dos objetivos passava pela exploração da dimensão social e educativa do desporto no contexto específico dos projetos de intervenção social junto de jovens em risco, que também ela foi realizada em algum momento deste trabalho, nomeadamente com descrição da forma como é que se utiliza a educação não formal associada ao desporto nos projetos de intervenção social.

Contribuir para uma maior divulgação e valorização social do Projeto Futebol de Rua, foi igualmente alcançado com este trabalho, através da realização do estudo descritivo do projeto assim como toda a recolha de dados feita aos intervenientes do projeto ao longo da investigação.

Por fim, mas não menos importante, almejou-se que esta dissertação pudesse servir para o aumento de documentação científica produzida sobre o tema da inclusão social através do desporto. Espera-se que possa vir a ser útil para quem, assim como eu, se dedica a estudar sobre esta causa e ambiciona utilizar o desporto como uma forma de educação e de construção de uma sociedade mais justa, mais tolerante e mais solidária no futuro.

PROPOSTA PARA FUTUROS ESTUDOS

Sendo “a dúvida” o ponto central da ciência e atuando como guia da investigação, ambiciona-se que este estudo possa vir a dar origem a outros estudos sobre o desporto e o seu papel catalisador de mudança social.

Este principio orientador da ciência permite que haja sempre forma de compreender uma dada realidade, situação ou questão de maneira diferente de todas aquelas que até então foram perspetivadas.

Ao longo deste estudo, e de acordo com os objetivos propostos, a investigação centrou-se nos jovens em situação de risco, e de que forma é que o desporto os pode ajudar a se reinserirem na sociedade. Esta vertente educativa do desporto visa permitir a atuação junto dos jovens em contexto de risco, podendo ser realizada tanto na prevenção como também numa fase de facilitação da inclusão.

Contudo, e recorrendo uma vez mais à obra de Ryan (1971) que retrata a culpabilização das vítimas, seria importante estudar da forma mais holística possível o fenómeno da inclusão social através do desporto.

Não se deve responsabilizar somente os jovens na quebra dos laços sociais, importando por isso perceber o papel de cada indivíduo, de cada cidadão que, pela sua ação, pelo seu modo de estar na vida, acolhe ou rejeita 'O Outro' sem sequer procurar saber se esse outro precisa de ser convidado a fazer parte, ou se esse outro está excluído por uma série de circunstâncias e/ou falta de oportunidades que serão, então aí sim, responsabilidade de um coletivo a que chamamos comumente sociedade.

Neste sentido, seria interessante e pertinente para a abordagem ao tema, a compreensão, investigando não só sobre o papel que a sociedade tem nos movimentos de exclusão de jovens em risco, como também a importância que ela tem na prevenção destes movimentos. Por fim seria de igual modo importante estudar a forma como a própria sociedade pode contribuir para a inclusão social destes jovens.

Esta é a proposta deixada para eventuais estudos futuros acerca da compreensão do fenómeno da inclusão social de jovens através do desporto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo E Práticas De Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Almeida, F. (2000). Maus Tratos na Infância – Uma “nova” responsabilidade pediátrica. *Cadernos de Bioética*. N.º 24.
- Arnold, P. J. (1998). *Sport, Ethics and Education* (2ª Ed.). London: Cassel.
- Associação CAIS (2016). *Relatório Final do Programa Desportivo de 2017*. Programa Nacional de Desporto para Todos.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bento, H. (2015). Formação Humana – O Contributo do Desporto. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, Volume (6)*, 62-65.
- Bento, J. O. (2012). Teoria-prática: uma relação múltipla in I. Mesquita & J. O. Bento (Ed.), *Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão*, 13- 48.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (1985). The forms of capital. In J. G. Richardson (org.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, 58-241.
- Castel, R. (1998). *As Metamorfoses da Questão Social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cavaco, C. (2002). *Aprender Fora da Escola – Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236. Obtido em janeiro, 20, 2018, de <http://www.redalyc.org/html/374/37416210/>
- Comissão Europeia (2000). *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*. Bruxelas.
- Comissão Europeia (2007). *Livro Branco sobre o Desporto*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. Obtido em fevereiro de, 01, 2018 de <http://www.spef.pt/image-gallery/713981615085-Colgios-Treino-Desportivo-Docs-de-Referencia-Livro-Branco-sobre-o-Desporto.pdf>
- Comissão Europeia (2011). *Comunicação sobre as Políticas da UE e o Voluntariado: Reconhecer e Promover as Atividades de Voluntariado Transfronteiras na EU*. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões.

- Costa, A. S. (1992). Desporto e Análise Social. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Sociologia, Volume (2)*. Obtido em janeiro, 15, 2018, em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6671.pdf>
- Costa, A. S. (1997). *À volta do Estádio*. Porto: Companhia das Letras Editores S. A
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura, Volume (13)*, 355-379. Obtido em março, do 15, 2018, de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF
- Coutinho, C. (2016). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas. Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C. & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 221-243. Obtido em junho, 28, 2018, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/retrieve/940/ClaraCoutinho.pdf>
- de Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- da Costa, A. B. (coord.), Baptista, I., Perista, P. & Carrilho, P. (2008). *Um olhar sobre a pobreza: vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.
- de Melo, M. P. (2005). *Esporte e Juventude Pobre: Políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré*. São Paulo: Autores Associados.
- de Miranda, Á. (2011). O Desporto como Mito e o Conceito de Inclusão Social: uma abordagem crítica. *London East Reseach Institute, University of East London*. Obtido em fevereiro, 10, 2018 em <https://megaeventcities.files.wordpress.com/2011/06/o-desporto-e-o-conceito-de-inclus3a3o-social-final.pdf>
- de Sousa, J. A. (2015). *A violência no Desporto*. Covilhã: LusoSofia. Obtido em janeiro, 01, 2018 de http://www.lusosofia.net/textos/20150919-sousa_jose_2015_violencia_no_desporto.pdf
- Elias, N. & Dunning, E. (1992a). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- Elias, N. & Dunning E. (1992b). *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica
- Estivill, J. (2003). *Panorama da Luta contra a Exclusão Social: conceitos e estratégias*. Lisboa, Bureau Internacional do Trabalho.

- Evers, A. (1995). Part of the welfare mix: The third sector as an intermediate area. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations Volume (6)*, 119-139.
- Evers, A. & Laville, J. (2004). *The third sector in Europe*. Cheltenham: Northampton.
- Ferreira, S. (2015). Terceiro sector e Estado-Providência em Portugal. *Centro de Estudos Sociais*. Obtido em março, 08, 2018, de https://www.researchgate.net/publication/273831992_Terceiro_Sector_e_Estado-Providencia_em_Portugal
- Freire, P. (1980). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Friedmann, J. (1996). *Empowerment: Uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta Editora.
- Gadotti, M. (2005). *A Questão da Educação Formal/Não Formal*. Sion
- Ghon, M. (1999). *Educação Não-Formal e Cultura Política – impactos sobre o associativismo do terceiro sector*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gohn, M. (2003). *Movimentos sociais e educação*. (5ª ed.) São Paulo: Cortez Editora.
- Gohn, M. (2005a). *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGS e redes solidárias*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gohn, M. (2005b). *Movimentos sociais e educação*. (6ª ed.) São Paulo: Cortez Editora.
- Gohn, M. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, v.14, n.50, p. 27-38. Obtido em fevereiro, 24, 2018, de <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>
- Gohn, M. (2010). *Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez.
- Gohn, M (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação*, 35-50. Obtido a fevereiro,24, 2018 de https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf
- Gonçalves, C. (2006). Ética e Fair Play: Contributos para uma Valorização Qualitativa das Práticas Desportivas. *AAVV Ética e Fair Play – novas Perspetivas, novas Exigências*. Lisboa: Confederação do Desporto de Portugal (pp.91-112).
- Gonçalves, C. (Org) (2013). *Educação Pelo Desporto e Associativismo Desportivo: Uma ligação necessária*. PNED – Plano Nacional de Ética no Desporto e Edições Afrontamento.

- Hespanha, P. (1996). Globalização, crise social e conflitualidade. *Oficina do CES – Centro de Estudos Sociais, oficina n° 79*. Obtido em julho, 16, 2018, em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10978/1/Globaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Crise%20Social%20e%20Conflitualidade.pdf>
- Huizinga, J. (2000), *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A
http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf Acedido em 24/02/2018
- Klein, N. (1999). *SEM LOGO, A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido*. Picador: Random House of Canada. Obtido em fevereiro, 04, 2018, de http://www.kareneliot.de/downloads/NaomiKlein_NoLogo.pdf
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994) *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévi-Strauss, C. (1958). *Anthropologie structurale*. Paris: Plon. Obtido em fevereiro, 04, 2018, de <https://archive.org/details/LeviStraussAnthropologieStructurale1958>
- Lopes, J. R. (2006). Exclusão social e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitividade. *Psicologia & Sociedade*. Volume (18), n. 2, 13-24.
- Marivoet, S. (1997a). Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos. *Sociologia Problemas e Práticas*, n° 23, 101-113.
- Marivoet, S. (1997b). Investimentos sociais em carreiras desportivas. *Revista Horizonte*, n° 76, 26- 31.
- Marivoet, S. (2006). Ética e Práticas nas Organizações Desportivas. Um itinerário de reflexão, in *AAVV Ética e Fair Play – novas Perspectivas, novas Exigências*. Lisboa: Confederação do Desporto de Portugal, 9-40.
- Marivoet, S. (2009). Exclusões, poderes e (sub)culturas - Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu. Configurações *Revista de Sociologia*.5-6.
- Marivoet, S. (2013). Inclusão Social no e pelo Desporto. Um desafio do Século XXI. In P. M. Pinto (Coord.). Olímpico. *Os jogos num percurso de valores e de significados*, 91- 98.
- Marivoet, S. (2014a). O desporto como Palco de Proximidade e Inclusão Social. Sanches, I. (Org.). *Para uma Educação Inclusiva. Dos Conceitos às Práticas*, Volume (3), 9- 24.
- Marivoet, S. (2014b). Inclusão Social no Desporto. Contributos para uma nova área de investigação. 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas. *Atas*

- do VIII Congresso Português de Sociologia, Associação Portuguesa de Sociologia. Obtido em maio, 05, 2018, em: http://historico.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0684.pdf
- Marivoet, S. (2016a). *Ética do Desporto – Princípios, Práticas e Conflitos. Análise sociológica do caso português durante o Estado Democrático do século XX*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas.
- Marivoet, S. (2016b). A Inclusão Social Através do Desporto: Novos Desafios na Intervenção Social. *Universidades Lusíada*, n.º 47/48, 191-204 Obtido em maio, 06, 2018, em <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/4017>
- Marshall (1967). *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar
- Mendes, J. (2003). Perguntar e observar não basta: é preciso analisar. Algumas reflexões metodológicas. *Centro de Estudos Sociais*, 194. Obtido em maio, 06, 2018 de <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/194/194.pdf>
- Nogueira, I. (2007). *Contextos educativos não formais: reconhecimento, valorização e capacidade motivacional – relatório nacional*. Lisboa: Direcção-Geral de Formação Vocacional.
- Pais, M. (2007). *Celebrações do 18º aniversário da Convenção sobre os Direitos da Criança*. Genebra.
- Pinto, C. (1998). *Empowerment, uma Prática de Serviço Social*. in Barata, O. (coord), *Política Social*. Lisboa: ISCSP.
- Pinto, L.C. (2015). *Cadernos d'inducar Sobre Educação Não Formal. Rede Inducar*. Obtido em março, 12, 2018 em http://docs.wixstatic.com/ugd/9d56dc_29d26db75f474b10a56be606d2664ce4.pdf
- Pinto, C. (2011). *Representações e práticas do Empowerment nos trabalhadores sociais. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Política Social*. Universidade Técnica de Lisboa. Obtido em fevereiro, 09, 2018. https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4230/4/tese_doutoramento%20doc%20definitivo%2020fev.pdf
- PNED (2014). *Código de Ética Desportiva*. Instituto Português do Desporto e Juventude, Secretaria de Estado do Desporto e Juventude. Obtido em fevereiro, 02, 2018, em http://www.pned.pt/media/24987/codigoetica_web.pdf
- Renaud, M. (Org.) (2014). *Ética e Valores no Desporto*. PNED – Plano Nacional de Ética no Desporto e Edições Afrontamento.

- Rodrigues, A. & Kovaleski, J. (2015). Empowerment e competitividade. *V Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção*. Brasil, Ponta Grossa.
- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir - Da investigação- acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação, Volume (5)*, 127-142.
- Santos, B. S. (1997a). Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 48:11-32*. Obtido em março, 12, 2018, em http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF
- Santos, B. S. (1997b). O Estado a Sociedade e as Políticas Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 23:13-74*. Obtido em abril, 16, 2018, de http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Estado_Sociedade_Politicas_Sociais_RCCS23.PDF
- Santos, B. S. (Org.). (2002). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sérgio, M. (1994). *Algumas Teses sobre o Desporto*. Lisboa: Compendium
- Sherry, E. (2010). *(Re)engaging marginalized groups through sport: The Homeless World Cup*.
- Simon, B. L. (1994). *The empowerment tradition in american social work – a history*. New York: Columbia University Press.
- Simon, R. L. (2004). Fair Play: The Ethics of Sport International Review. *The Sociology of Sport, 45(1)*, 59-71.
- Teixeira, A., Mendonça, J. T. (Coord.) (2016) *Desporto, Ética e Transcendência*. PNED – Plano Nacional de Ética no Desporto e Edições Afrontamento.
- Teles, F. & Pinto, L. (2009). *Ser Capaz de Adquirir Competências: O Programa Escolhas na Perspetiva das Crianças E dos Jovens*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Obtido em março, 28, 2018 em http://docs.wixstatic.com/ugd/9d56dc_8063aeef38fc44ad92e76cdd42251e33.pdf
- UNESCO (1978 [rev. 2015]). *Carta Internacional da Educação Física, Atividade Física e Desporto*. Obtido em junho, 23, 2018, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002354/235409e.pdf>
- UNESCO (1996). *Educação: um Tesouro a Descobrir*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Vilelas, J. (2017). *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*. (2ª Ed). Edições Sílabo.

- Villacorta, A. & Rodrigues, M. (2003). In Romano e Antunes (Org). *Empoderamento e direitos no combate a pobreza*. Rio Janeiro: ActionAid.
- Ryan, W. (1971). *Blaming the Victim*. Vintage Books.
- Yunes, M. & Szymanski, H. (2001). *Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas*. *Resiliência e Educação*. Scientific Electronic Library Online.

ANEXOS

Guiões de entrevistas semiestruturadas



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Recolha de dados para efeitos de investigação académica

Instrumento de recolha: Entrevista semiestruturada

Objetivo da entrevista: Conhecer em que medida é que o projeto contribui para a inclusão social de jovens em risco.

Entrevistados: Jovens ao abrigo do projeto (definidos pela amostra)

Entrevistador: João Paulo Malho

Guião de entrevista:

Fase 1 - Apresentação:

- * Nome
- * Idade
- * Instituição ou distrito que representas
- * Duração da ligação com o projeto
- * Papel desempenhado atualmente no projeto
- * Nível de escolaridade

Fase 2 - Questões:

- * Durante quanto tempo é que fazes ou fizeste parte do Projeto Futebol de Rua?
- * Quais eram as tuas expectativas em relação ao projeto quando participaste pela primeira vez?
- * Descreve-me o teu trajeto ao longo do projeto, quais foram as competições em que participaste.
- * Que valores é que o projeto te transmitiu?
- * O projeto abriu-te oportunidades profissionais?
- * O que tentas transmitir aos jovens participantes?
- * Se nunca tivesses participado no projeto, consegues imaginar-te onde/como é que estarias hoje?



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Recolha de dados para efeitos de investigação académica

Instrumento de recolha: Entrevista semiestruturada

Objetivo da entrevista: Conhecer em que medida é que o projeto contribui para a inclusão social de jovens em risco.

Entrevistado/a: Membro da equipa técnica do Projeto Futebol de Rua Associação CAIS

Entrevistador: João Paulo Malho

Guião de entrevista:

Apresentação:

- * Nome
- * Função no projeto
- * Duração dessa função

Perguntas abertas e fechadas

- * Há quanto tempo está no projeto?
- * Relativamente ao contexto profissional, em que medida é que um psicólogo pode ser útil nestes projetos?
- * Tipo de acompanhamento prestado ao projeto
- * Competências pessoais e sociais desenvolvidas ao longo do projeto
- * É possível constatar uma evolução dessas competências ao longo do tempo?
- * Em que medida é que o Futebol de Rua contribui para a empregabilidade dos jovens?
- * Que impacto tem o desporto na inclusão social de jovens em risco?



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Recolha de dados para efeitos de investigação académica

Instrumento de recolha: Entrevista semiestruturada

Objetivo da entrevista: Conhecer em que medida é que o projeto contribui para a inclusão social de jovens em risco.

Entrevistado/a: Membro da equipa técnica do Projeto Futebol de Rua Associação CAIS

Entrevistador: João Paulo Malho

Guião de entrevista:

Apresentação:

- * Nome
- * Função no projeto
- * Duração dessa função

Descrição do Projeto:

- * Início do projeto
- * Fontes de financiamento
- * Objetivos do projeto
- * Competições (distrital, nacional, mundial)
- * Iniciativas (Sessões MOVE; Move-te, Faz Acontecer; Curso de Arbitragem APAF)

Contributo do Desporto:

- * Segundo a experiência do projeto, de que forma é que o desporto contribuiu para a inclusão social de jovens?

Reconhecimento do projeto

- * Prémios e distinções



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

Título do estudo: O Papel do Desporto para a Inclusão Social de Jovens em Risco

Enquadramento: O presente estudo é realizado no âmbito da dissertação para a obtenção do grau de mestre em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e da Faculdade de Economia, ambas unidades orgânicas da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria Jorge Ferro.

Pretende-se com este estudo, realizar uma investigação de cariz qualitativo em que se vai aprofundar acerca de quais as potencialidades do desporto na promoção da inclusão social de jovens em risco.

A recolha de informação necessária para a investigação será feita através de entrevistas para preencher, sendo gravadas e transcritas posteriormente.

Confidencialidade e anonimato: assegura-se uso exclusivo dos dados recolhidos somente para o presente estudo, garantindo confidencialidade e o anonimato dos participantes envolvidos, assegurando assim que em momento algum os dados pessoais serão tornados públicos.

Contatos do investigador:

João Paulo Malho - joapaulomalho@gmail.com

Transcrição de entrevistas realizadas

Codificação – E1, tem 23 anos, é treinador e responsável pela equipa de jovens.

P: Há quanto tempo é que fazes parte do projeto Futebol de Rua?

R: Mais ao menos, 5 anos, talvez 6.

P: Quais foram as tuas expectativas em relação ao projeto? Ou seja, quando te disseram vais entrar, o que é que estavas à espera?

R: Quando entrei no projeto em Beja pensei simplesmente vai ser um torneio, vamos jogar à bola. Depois quando chegamos lá damos de cara com os workshops preparados pelo Gonçalo e pelo Cais. Vimos que isto é um projeto mesmo de re-inserção social e que é para inculcar valores que não aprendemos logo no futebol ou futsal ou nas modalidades que estamos inseridos e tudo o que vem do Futebol de Rua é para o nosso crescimento, tudo! Principalmente, desviar dos maus caminhos, inculcar valores que precisamos na nossa vida, como o companheirismo, espírito de equipa, amizade, entre-ajuda. Pessoalmente, não contava encontrar isso ao início e surpreendeu-me bastante.

P: Consegues descrever-me assim, em traços gerais, os anos que tiveste, como jogador, os torneios que fizeste, competições?

R: Comecei em Beja, o primeiro ano, 2014, ganhámos o torneio distrital, a minha equipa. Viemos, veio uma equipa de 3 ao campeonato nacional em Braga e fomos campeões nacionais. Nunca tinha pisado num campo de futebol de rua, porque em Beja era futsal. Viemos cá (Braga) fomos campeões nacionais, tudo vitórias, só tivemos um empate. Segundo ano, não participei. Particpei só no distrital, mas depois por motivos profissionais não consegui participar. Fiquei muito triste. No fim desse ano fui chamado à seleção nacional sem participar, porque esse ano o mundial foi antes do torneio nacional. Fui chamado à seleção nacional, fui o melhor marcador da seleção nacional. O mundial foi na Escócia, Glasgow, 2016, ficámos em 5º lugar, perdemos em pênaltis com o Brasil. Não perdemos nenhum jogo em jogo jogado e acho que foi o ponto mais alto do futebol de rua para mim. Depois, ano a seguir, em Beja, em casa, finalistas vencidos contra Faro. E no ano passado na Batalha com uma equipa totalmente nova, o meu objetivo já era passar aos mais novos que estavam na minha equipa tudo o que aprendi e tentar que alguns deles fossem à seleção, foi o caso de dois colegas meus, o Luís e o Ruben, foram a seleção nacional do ano passado. Este ano, tudo diferente. Treinador, vim como treinador e responsável, com uma equipa com idades compreendidas entre os 17, tenho 2 menores, e os 20 anos, o mais velho da equipa fez 20 anos no dia em que chegámos cá a Braga. E agora, conseguimos chegar às meias-finais nos nacionais perdemos contra uma equipa super madura, como é a da Madeira, com jogadores muito experientes, como é o caso do Vítor e Leo e saímos de pé, como toda a gente viu. Com miúdos que só tenho 2 repetidos, ou seja que é o segundo ano que vem, que é o André, guarda-redes, e o Tiago que é o capitão. O resto é tudo miúdos que jogaram pela primeira vez futebol de rua.

P: Ao longo do projeto, um bocadinho do que estávamos à bocado em off, a questão dos valores, o que é que achas que o futebol de rua transmite, o que é que tu aprendeste com o projeto?

R: Eu, principalmente, como jogador no futsal, jogo futsal, reclamava muito com os árbitros, era muito mandão na minha equipa, era mesmo assim e quando chego, primeiro ano aqui, e fui aos workshops mudei um bocadinho. Não vou dizer que mudei totalmente, porque também fui logo vencedor e aquela coisa toda. Mudei um bocadinho, mas quando fui à seleção nacional, o estágio é outro mundo, a gente aprende coisas que, eu deixei de falar com os árbitros. A minha equipa são os melhores, podem não ser, mas para mim são os melhores, os meus atletas são os melhores e isso são coisas que... E nunca perdemos, nunca perdemos, ganhamos, percamos, dentro do campo, porque fora nunca perdemos!

P: O que é que tu sentiste quando representaste a seleção fora de Portugal ?

R: Foi a melhor experiência da minha vida, sem dúvida. Não só dentro do campo, mas principalmente mais fora do campo.

P: Porque é que regressaste ao projeto agora como treinador? Alguma coisa te motivou? Fizeste os 3 anos de jogador...

R: Tudo! Fiz os 3 anos de jogador, aproveitei os 5 anos de distrital que se pode e este ano em Beja, as entidades tiveram de se afastar, como é o caso do Francisco sair também por motivos profissionais, ele que era o treinador da seleção nacional. Teve de se ausentar, ninguém pegou no projeto e eu dei o braço a torcer, faltei ao trabalho, disse “Vou, vai ter que haver futebol de rua!” e na sexta-feira tínhamos 5 equipas inscritas, telefonemas, tínhamos miúdos de Barrancos, a cento e tal km de Beja, pertence ao distrito, mas é muito longe. E, fiz o torneio distrital com 13 equipas. Das 13 tinha de convocar 8 jogadores, só consegui convocar 7, porque só podia vir uma carrinha e tinha de trazer o motorista e eu. Queria trazer 8 jogadores e só consegui trazer 7. Principalmente, motivou-me tudo, porque eu queria dar-lhes o que eu tive, e se conseguisse, algo melhor. Consegui dar aos meus atletas coisas que se calhar tive pouco no primeiro ano, eles chegam aqui com umas bases, eles chegaram

aqui com umas bases, não é me estar a elogiar, mas toda a gente diz que parecem uns matraquilhos a jogar, super mecanizados. Tivemos um jogo em que a primeira parte, em 7 minutos, tivemos 6 minutos a bola. E mesmo fora de campo, eles dão-se com toda a gente, faço questão que eles cumprimentem toda a gente, que vão visitar as outras equipas, que interajam com as outras equipas, que é o mais importante do futebol de rua.

P: O projeto já te abriu alguma oportunidade profissional? Quer seja a nível profissional, de trabalho mesmo ou na questão do curso de treinador, formação?

R: Eu não levo a pergunta por aí, mas posso dizer que me motivou mais na escola. O Gonçalo disse uma coisa no estágio que foi “Entre fazer bem e fazer mal, custa o mesmo” e eu na escola era daqueles que me sentava lá atrás, a professora dava a matéria e eu se calhar apanhava 10%, nos testes fazia as minhas cabulazinhas e ia-me safando. Quando o Gonçalo disse isso, eu saí da seleção e fui para a minha licenciatura, primeiro ano, mudei um bocadinho, tento fazer as coisas todas, tento passar às disciplinas todas, e isso principalmente, motivou-me a nível escolar.

P: Foi fundamental o projeto para ires para o ensino superior?

R: Foi, pelo menos motivou-me completamente.

P: Chegou agora a questão de perceber o que é que tu transmites aos teus jogadores, mas foste dizendo isso ao longo da entrevista. Tenho aqui uma pergunta, que tem sido a pergunta que menos me conseguem responder e sei porque. Imagina que nunca tivesses participado no projeto, o que é que acontecia? Onde é que estarias, o que é que farias?

R: Provavelmente já não estudava, ou se estudasse, em vez de me faltar só acabar este ano e o estágio e 3 disciplinas, ia-me faltar umas 10 disciplinas ou 15. Se calhar era muito diferente como jogador e tinha tomado outros caminhos, mesmo lá no bairro, com certeza, acredito que sim. E nem estava aqui a esta hora, que era o que mais... ei, nem me imagino, nem imagino... Nem quero.

P: acho que está tudo, se quiseres dizer mais alguma coisa, estás a vontade.

R: Queria só frisar que a minha irmã, que tem menos um ano e um mês que eu, também ingressou no projecto quando eu e foi campeã nacional comigo em Braga e acho que é das poucas atletas femininas que foi aos nacionais de equipas mistas e toda a gente pergunta por ela todos os anos, mas ela já não consegue, porque ela joga na primeira liga de Futebol 11 e graças a Deus também tomou bons caminhos, mas todos os anos quer vir ao futebol rua e jogar, ainda este ano quis vir, mas por motivos profissionais não conseguiu, teve jogo no dia do campeonato distrital, se não ela estava presente, de certeza. Ela acompanhou desde o início disto tudo e desde a vida.

Codificação - E2, tem 25 anos, é treinador e responsável pela equipa de jovens.

P: Quando te disseram que ias participar no projeto enquanto jogador, quais eram as expectativas? Sabias para o que ias?

R: Sim, normalmente nós, distrito de Portalegre - casa de acolhimento, sempre tivemos uma relação muito aberta com a associação Cais na qualidade do Gonçalo. Sou suspeito para falar do Gonçalo porque tenho uma relação muito grande e muito próxima com ele, mas sempre tivemos uma relação muito aberta, falávamos o ano inteiro, ele dizia-me o que é que estava a pensar para a fase final, íamos falando.

As expectativas eram altas, obviamente que para ganhar é difícil. Nós não temos matéria prima para combater contra Lisboa, contra Setúbal, contra o Porto... é complicado mas tentamos sempre dignificar o nosso distrito e a nossa instituição, porque foi o que vimos cá fazer. Obviamente que há valores a serem transparecidos para dentro do campo, e para fora do campo, e é isso que nós trabalhamos, tentamos trabalhar, com jovens de uma instituição.

Como estava a dizer, eu acho que a nível pessoal qualquer um de nós gosta de chegar ao topo, e eu tive essa sorte, tive a sorte de representar Portugal no mundial em Paris em 2011.

Para fazer um bom torneio, em 2011, já o tinha feito em 2010 quando o mundial foi no Brasil fiquei pré-seleccionado na altura e no ano a seguir a minha afirmação num torneio do distrito nacional que me levou ao mundial, foi uma experiência fantástica, ainda hoje eu digo aos miúdos que se não fosse a instituição eu nunca

tinha ido ao mundial, nunca tinha chegado a este nível e ter conhecido tanta gente fantástica. Porque as pessoas que sejam mais limitadas ou não, que tenham mais ou menos capacidades estão ao mesmo nível. Nós temos de pensar que o problema dos outros amanhã pode ser o nosso, e eu acho que é nesse sentido que devemos pensar. Trabalhamos os miúdos dessa forma, fazê-los ver que amanhã vai ser sempre um dia melhor do que hoje e do que ontem.

P: A nível de competições fizeste o mundial, fizeste algum europeu ou alguma representação fora?

R: Não, fiz só o mundial em 2011, e foi uma experiência fantástica.

Em termos desportivos não foi bom, não foi o melhor. Houveram diversos problemas, mas isso faz parte em qualquer comitiva, apenas retirei as partes boas, obviamente que temos de tirar as partes más também para aprender no futuro, mas o importante foi aquilo que foi passado, a experiência em si - conhecer outra realidade, conhecer outras pessoas, outras nacionalidades - acho que desfrutei ao máximo e quem vai ao mundial o que tem de fazer é desfrutar e agarrar a oportunidade porque vão ao mundial e 200 e tal é que ficam na fase distrital e nacional. Toda a gente gostava de ir e não é para todos, por isso todos os que vão, deviam aproveitar ao máximo.

P: O processo de aprendizagem deste projeto não é só futebol, pois não?

R: Não é só futebol, eu acho que as pessoas continuam ainda iludidas, já ultrapassaram um pouco a fase de virem para o futebol de rua só por causa do futebol. O Gonçalo e a equipa dele tem trabalhado bem esse aspecto, que trabalham as suas competências e voltam a praticá-las dentro e fora do campo. Esse é o objectivo do futebol de rua, é essencialmente praticar competências e valores fora e dentro do campo porque é o impacto que o futebol de rua tem na nossa vida e eu acho que as pessoas ainda não tem bem essa noção e consciência. Eu falo por mim, quando comecei a praticar futebol de rua tinha 16 anos e agora tenho 25, acho que foi uma experiência que marcou a minha vida, tenho noção que sou uma pessoa mais madura também devido ao futebol de rua porque quer queiramos, quer não isto muda a nossa vida, não só pessoal como também profissional.

Abre-nos portas, outros horizontes. Estou muito grato pelo que o futebol fez por mim, eu também dei muito ao futebol de rua com o meu contributo aos miúdos. O futebol de rua precisa de pessoas - não só como eu, que estejam interessadas de participar, jogar, colaborar, acho que esse é o grande espírito do futebol de rua.

P: Porque é que regressaste ao projeto, agora noutra cargo?

R: Regressei porque é difícil largar o futebol de rua, estou um bocado emocionado, mas isto é verdade!

Estava em Lisboa este fim de semana e não era para vir mas senti que tinha de vir cá cima vê-los, até mandei uma mensagem ao Gonçalo - Arranja-me um quarto aí no hotel que está tudo cheio.

Fiquei num quarto com os miúdos, partilhámos sem problema porque o espírito que isto traz não é só dentro das tabelas, é cá fora também. É mais importante cá fora, sem sombra de dúvidas.

P: Este projeto abriu-te oportunidades profissionais? Como é que estás a orientar a tua vida?

R: Tive 2 anos e meio na instituição, enquanto aluno residi 7 anos na instituição, depois fiz a minha autonomia de vida, aos 21 fui tirar uma especialização em serviço social porque tinha feito o curso tecnológico de desporto no ensino secundário, e como foi uma mudança muito radical fiz uma especialização primeiro antes de ir para a licenciatura.

Fiz a licenciatura em Serviço Social, no 1º ano o diretor da instituição convidou-me juntamente com a equipa técnica para avançar com o projeto com a equipa educativa e ficar responsável pelo futebol de rua, para trabalhar os jovens e as competências, aceitei.

Financeiramente na altura estava só a receber bolsa, não tinha qualquer tipo de rendimentos aceitei também por isso, e foi através do futebol de rua que me abriu essa porta. Estou à vontade para dizer que sem a instituição toda a minha educação e toda a minha formação foi a instituição e o futebol de rua que contribuíram para isso.

Depois dos 4 anos de licenciatura, aceitei o convite como treinador. Este ano deve ser a minha última participação diretamente, já falei com o Gonçalo e tudo o que ele precisar de mim está à vontade, agora vai ser

um pouco mais difícil estando a trabalhar em Lisboa contribuir diretamente, mas eles sabem que estão à vontade comigo, tudo aquilo que eles necessitarem podem contar com a minha disponibilidade e com a minha ajuda.

P: No papel de treinador o que é que pretendes transmitir aos teus jogadores?

R: O que eu lhes transmito enquanto atleta e enquanto treinador enquanto participante do futebol de rua é que eles desfrutem ao máximo e dignifiquem ao máximo a instituição e o concelho que estão a representar, porque quem vem ao futebol de rua - a fase nacional - não se pode esquecer que no distrito deles ficaram mais uns quantos que gostariam de estar aqui e aproveitar. Digo isto, desta forma - viver num hotel estes 5 dias, nem toda a gente tem essa possibilidade, na nossa vida à poucas pessoas que tem essa possibilidade nem que seja 1 ou 2 dias num hotel é diferente, saís do teu mundo, convives com outro tipo de pessoas que não estás habituado. Saís do teu habitat natural, convives com outras nacionalidades, Bélgica, Inglaterra... e conheces experiências novas, além de terem o futebol de rua para participar.

Amanhã vai ser sempre uma experiência que eles vão contar aos amigos, aos familiares, temos o exemplo do Bebé e do Éder, que são jogadores profissionais que passaram por aqui também, e eles ainda hoje nunca se esquecem onde foram formados, das raízes deles. O impacto do futebol de rua é que transforma as nossas vidas e é isso que eu lhes faço passar.

Eles (os miúdos) tem de perceber que isto vai mudar as vidas deles, quem quer, quem não quer aprender e não liga vai bater muitas vezes com a cabeça na parede, até aprender, obviamente. Vai se lembrar no futuro - afinal o que Manuel o Joaquim disse tem razão é essa a mensagem que eu lhes tento passar a e experiência, que agarrem esta oportunidade porque nem toda a gente tem a possibilidade de vir aqui desfrutar.

Eles têm camas e roupa lavada, e comida da melhor sem pagar nada.

P: Em termos de valores o que é que isto te transmitiu? Com a passagem do projeto que valores é que consegues tirar daqui?

R: Além de trabalharmos todos os dias, certos e determinados valores, nós tentamos passar para os jovens embora não seja fácil, porque cada jovem vem da sua instituição, eles são 30 e não é fácil trabalhar os 30 da mesma forma, cada um tem o seu feitio e maneira de ser, às vezes tentamos trabalhar valores ao nível da competência. Em certos e determinados espaços e tempo, não podemos pedir a um jovem que adquira certos valores num curto espaço, porque a minha capacidade de absorção é diferente da tua, ainda por cima miúdos problemáticos, que foram traídos pela vida. Às vezes torna-se chato, mas tentamos passar mesmo não sendo fácil.

Temos um miúdo, o Daniel que em termos futebolísticos deu um salto muito grande, mas em termos de valores do miúdo - ele perdia a bola, não dizia nada, se fosse o colega dele a perder a bola ou a falhar um golo ele quase que o esfolava - veio agora ao futebol de rua e nós vamos trabalhá-lo aqui, porque às pessoas diziam: - tu vais levar o Daniel, ele vai ser conflituoso - mas se ele nunca for ao futebol de rua se calhar vai continuar a se igual, nós vamos trabalhar o Daniel no futebol de rua durante este 5 dias e vamos fazer ver que ele vai cometer os erros que os outros cometem, ele vai ver outras pessoas e outras equipas que jogam melhor que ele, vão cometer os mesmos erros que a equipa dele comete, ele não vai poder ter esse tipo de comportamento. Está a ter um comportamento desgastado, e é isso que nós tentamos passar.

P: Se não fosse o projeto onde estarias/como é que estarias hoje, imaginas?

Não imagino porque desde o primeiro dia em que nós participamos no projeto, logo aí muda radicalmente a nossa vida.

Quem desfruta e sabe aproveitar o futebol de rua, como eu soube aproveitar, sabe estar mais perto do sucesso, isto é a realidade.

Tenho uma frase tatuada, que fiz depois das minhas 4 participações no futebol de rua "*Ninguém pode atrasar quem nasceu para vencer*" isto significa que o projeto do futebol de rua me deu muito sucesso a nível pessoal e profissional.

Hoje trabalho na melhor clínica do país, a Cuf, tenho noção que sou um privilegiado, devido também ao que o futebol de rua me deu e à formação, educação, a todos os valores que o projeto me deu.

E é isso que nós passamos para eles, que eles consigam captar estes valores todos para amanhã transmitir a quem têm ao lado deles, e eu soube aproveitar muito bem, se não fosse o futebol de rua não sei se estaria aqui agora, se calhar não estaria, e se calhar não estaria empregado, não teria tirado a licenciatura, se calhar não teria feito nada, se calhar estava como muitos andam aí na rua, perdidos.

Eu acho que isto me transformou um bocado e tenho sorte, o Gonçalo está farto de me dizer que eu soube aproveitar o projeto.

Codificação – E3, tem 30 anos, treinador e responsável pela equipa de jovens

P: Há quanto tempo é que fazes parte do projeto?

R: É assim, participei no Futebol de Rua em 2006 pela primeira vez.

P: Como jogador certo?

R: Sim e em 2007 também participei a representar os Açores cá, a nível nacional e depois fui selecionado para Portugal onde fui para Dinamarca depois. Praticamente desde 2006.

P: Quais é que eram as tuas expectativas do projeto? Ou seja, a partir do momento em que te inscreveste ou disseram vais participar, o que é que estavas à espera que isto fosse?

R: Julgava que fosse uma brincadeira, que ia brincar como brinco com os meus amigos na rua. É assim quando eu também participei já fazia parte de um clube, era jogador e ainda sou, mas nunca fazia ideia que ia a uns nacionais e depois ia por Portugal. Quando entrei era naquela de brincar e depois as coisas foram empurrando, foram empurrando.

P: Estavas a falar que foste à seleção, que foste à Dinamarca, descreve-me um bocadinho o teu percurso a nível de competições?

R: É assim, eu participei em 2007 e depois a partir daí viemos cá. Em 2007 havia ainda quem ganhasse lá em São Miguel, vinha a equipa completa, não havia ainda seleção dos Açores. Ganhámos, viemos cá, depois fui selecionado para ir representar Portugal no campeonato do mundo na Dinamarca. Isto em 2007. Depois ocorreu uma coisa muito boa na Dinamarca e eu fui selecionado para ir fazer uns testes por um clube profissional, que era Copenhaga. Porque era uma coisa muito vivida lá e passou do 8 para o 80 assim do nada e foi uma sensação única. É isso que eu digo aos meus miúdos, eu trabalho numa instituição com miúdos problemáticos e eu digo a eles “opa vocês não se metam em porcarias e ponham-se no desporto” porque eles assim perdem tempo e não fazem porcarias, eu também nunca quis nada com a escola, mas pronto. Opa, mas em Copenhaga foi uma sensação única.

P: Foste fazer treinos ao Copenhaga no torneio ou foste lá depois?

R: Foi mesmo no torneio.

P: Essa experiência internacional foi a única vez?

R: Sim, sim

P: Como jogador foi o que? Os 3 anos na mesma ou como foi?

R: Eu só joguei 1 ano.

P: Então foste logo selecionado?

R: Sim, fui logo.

P: Diz-me uma coisa a nível de valores, o que é que o projeto te transmite? Já falamos na questão de que não é só futebol e não é só jogar com os amigos.

R: É o que eu te digo e o que eu digo aos meus miúdos... O que eu aprendi foi a conviver com outras pessoas, eu não falava com ninguém, tava calado e quando cheguei ao continente para vir jogar os nacionais, as coisas mudaram completamente. Fiz amizades, uma coisa que era difícil. E para mim o futebol de rua é isso, é conviver umas pessoas umas com as outras e não há competição. Para mim no futebol de rua não há competição, há conviver, há essas coisas todas. O futebol de rua é uma coisa que não há explicação.

P: Diz-me uma coisa tu foste jogador e o que é que te fez regressar ao projeto agora como treinador? Foi logo direto ou ainda esperaste uns anos?

R: Não, não. É assim, em 2007 eu fui como jogador para jogar o futebol lá nos Açores, depois em 2008 não viemos cá com o Bruno Cadente e depois fui convidado em 2009 para vir treinar a seleção dos Açores, onde tive de 2009 a 2012. Depois parei, tive a estudar e acabar o meu curso e depois regressei.

P: A nível de oportunidades profissionais ou académicas, abriu-se alguma porta? O projeto proporcionou algo, tiveste aquela questão da Copenhaga.

R: Sim, por exemplo a instituição que eu vim participar cá, o Casa, que é uma instituição que me abriu portas e para o futuro foi uma coisa muito importante, o Casa. Depois eu acabei o meu curso, fui estagiar para lá e agora aceitaram-me lá na instituição.

P: Deu-te essa margem de progressão para trabalhares lá. Agora sim, sendo tu treinador o que é que tu transmites aos teus jogadores?

R: Para fazer convívio, é o mais importante, tarem aí a brincar ou por exemplo estamos ali à frente da Inglaterra, eles não nos estão a perceber, mas fazemos uma brincadeira e tem que ser assim e não andemos cá com coisas. Por exemplo, podíamos ter feito uma seleção muito mais forte do que esta, mas não fizemos, porque quisemos dar oportunidade a miúdos que terminem o ano escolar com boas notas e isso é algo importante.

P: Diz-me uma coisa, a última pergunta e eu sei que é difícil de imaginares, mas imagina que se em algum momento não tivesses participado no projeto futebol de rua, o que seria de ti hoje, o que é que farias hoje, quem serias?

R: Não sei...

P: Eu sei que é complicado, mas não tens assim a mínima ideia?

R: Uma coisa que é fácil, por exemplo eu já tenho o meu curso de treinador e sou jogador de futebol já desde os meus 8 anos e tenho 30 e já são 22 anos no futebol e por exemplo eu jogo e treino miúdos e é uma coisa que... Eu fui sempre subindo e graças a Deus que no patamar que eu tou hoje em dia, não sei. Futebol de Rua foi importante, isso sem dúvida que foi, o projeto é espetacular e se eu não tivesse entrado era muito diferente, de certeza.

P: Ok , muito obrigado!!

R: Obrigado eu.

Codificação – E4, tem 33 anos, treinador e responsável pela equipa de jovens

P: Há quanto tempo é que fazes parte do projeto, lembras-te?

R: Eu tenho ideia que foi em 2012.

P: Já havia a regra dos 3 anos de jogador? Fizeste 3 anos de jogador, como foi?

R: Sim, eu fiz os 3 anos de jogador e desde aí fui sempre treinador

P: Lembras-te de quais eram as tuas expectativas quando entraste no projeto ou aquilo que achastes que ia ser?

R: No fundo eu não tinha expectativas nenhuma e isto começou tudo numa brincadeira em que nós na altura não éramos os promotores distritais e fomos convidados a participar num torneio distrital de futebol de rua que havia muito em Chelas, no Bairro do Armador. Eu sei que primeiramente foi lá uma equipa do Companheiro na qual eu não participei, eu fui depois no ano a seguir e a nossa expectativa era só jogar e ganhar, ir lá ao torneio jogar e ganhar. Eles depois disseram que íamos ao torneio nacional e a gente nem tínhamos equipamentos, nem nada, era aquilo que a gente tinha e mais nada. E prontos acabámos por ir e depois nesse ano por acaso ganhámos e fomos campeões distritais. Depois fomos a nível nacional, ao nosso primeiro nacional, em Beja e ficámos em 4º lugar surpreendentemente, porque chegámos lá, pensámos que era uma coisa e afinal era outra completamente diferente e então fomos assim um bocadinho surpreendidos. Aliás na altura nem sequer era hotéis, nem nada, ficávamos no quartel militar e acabamos por ficar surpreendidos e conseguimos ficar em 4 lugar, o que não foi mau, porque ficamos entre as 4 melhores.

P: Havia de haver equipas mais bem organizadas que vocês, não?

R: Sim, havia já equipas muito boas, por exemplo o Porto já era campeão há 4 anos seguidos ou já tinha sido 4 anos campeão, havia Aveiro que tinha sido campeã no ano anterior, havia Beja que era uma equipa fortíssima e Setúbal que tinha imensa experiência e nós sem experiência nenhuma nestes andamentos. No meu primeiro ano houve 2 companheiros meus de equipa que foram à seleção e depois em 2013 fui eu, calhou-me a mim. A minha prestação no mundial quando a gente foi à Polónia não foi muito boa, porque tinha uma lesão no pé, umas dores no pé e mesmo nos treinos ainda aqui em Portugal tinha bastantes dificuldades, eu esforçava-me muito em cima do pé e quando chegámos ao mundial eu não consegui estar no meu melhor. Não conseguia mesmo, mas pronto entreguei tudo o que eu tinha, dei tudo o que conseguia, a nível de campo e ca fora, tentei entregar o melhor de mim e nesse ano conseguimos ficar em 5º lugar.

P: O que é que isso significou para ti ou o que é que sentiste na altura quando jogaste por Portugal fora de Portugal?

R: Eu acho que foi uma coisa assim do outro mundo, porque a gente às vezes pensa e fala, mas estar ali com a camisola de Portugal vestida a ouvir e cantar o hino é assim mesmo uma coisa que mexe com toda a gente. Acho que mesmo assim ao fim de tantos anos acaba por mexer.

P: Em termos de valores o que é que o projeto Futebol de Rua te transmitiu, o que é que tu aprendeste, tanto dentro como fora de campo?

R: Ao longo destes anos fui jogador e agora sou treinador, já estou no meu 3º ano seguido como treinador. Ensinou-me acima de tudo que isto do futebol é como a vida, às vezes a gente perde, às vezes a gente ganha, mas o que importa é que a gente tem de saber superar os momentos em que a gente perde, por mais difícil que seja nós temos de saber superar e no fundo o projeto ajudou-me muito nisso, porque por exemplo no meu

primeiro ano nós fomos a Beja onde tivemos de jogar à bola debaixo de 42° graus, o que foi assim uma coisa de outro mundo, mas nós superámos isso, apesar de todas as dificuldades que tínhamos e conseguimos sempre ir mais longe e foi sempre assim sucessivamente. Com todas as dificuldades que fomos encontrando, tanto dentro como fora de campo nós fomos sempre superando. Ter sempre aquela força de vontade para superar e fazer melhor. Eu acho que no fundo foi isso.

P: O que é que te levou a continuar a estar ligado ao projeto? Agora com um papel diferente.

R: Porque... É assim porque eu acho que isto é um vício, este projeto é um vício muito agradável em que a gente tem oportunidade de conhecer pessoas, conviver com pessoas que já não vê há algum tempo e ajudar as outras pessoas que tem mais alguma dificuldade em aumentar um pouco a auto-estima, perceber que aquilo que a gente ganhámos, essa tal vontade de superação, que eles também a conseguem ter.

P: Que impacto é que teve o projeto na tua vida? A nível social, profissional.

R: A nível profissional eu acho que no fundo é essa vontade de superação, porque eu por acaso quando vim para cá pela primeira vez como jogador não tinha um emprego fixo e se calhar o futebol de rua acrescentou um pouco isso na minha vida pessoal. A nível mesmo que me tenha caracterizado talvez mesmo a liderança, a vontade de dizer aos outros “vamos em frente” e “não precisamos ter medo”, eu acho que foi muito isso.

P: O que é que hoje em dia transmites aos teus jogadores? Qual é aquela passagem de testemunho?

R: Que independentemente do resultado dentro ou fora de campo, a vida é saber levantar a cabeça sempre e ter força de vontade para continuar.

P: Última pergunta, agora mais difícil de todas, ainda ninguém me conseguiu responder a isto. Se nunca tivesses participado no projeto, onde estarias agora? O que é que estarias a fazer agora? Como é que tu serias como pessoa? Consegues imaginar?

R: Conseguir imaginar, eu consigo! Talvez não fosse a mesma pessoa, mas tenho a certeza absoluta que iria procurar ter esta mesma força de vontade, eu acho que isto vem com a idade. Há um certo momento na nossa vida em que a gente abre os olhos, por assim dizer, e que a gente começa a ter essa força de vontade de superação e perceber que sem ela, a gente não consegue nada na vida. Não sei mesmo exatamente aquilo que estaria a fazer, mas...

P: Serias um bocadinho menos pessoa ou melhor pessoa?

R: Exatamente, acho que seria um bocadinho menos humano.

P: Ok, Ricardo, da minha parte está tudo. Se quiseres acrescentar alguma coisa que te lembras ou frisar algo da tua intervenção, estás a vontade.

R: Não, acho que no fundo é isto.

P: Estás mais crescido, não é?

R: Exatamente, no fundo é isto, é mostrar que este projeto Futebol de Rua faz a gente crescer muito na vida.

P: Ok, obrigado!

R: Obrigado eu.

Codificação – E5 - tem 24 anos, árbitro no projeto

R: De momento não estou em nenhuma instituição, entrei no projeto através da Santa Casa da Misericórdia do Seixal, instituição que estava a frente do projeto em Setúbal.

Eu era jogador da Santa casa do Seixal e era o coordenador da nossa equipa comandava o projeto em Setúbal. Quando entrei a equipa distrital de Setúbal já estava feita, por isso fiz parte equipa de reservas em 2011, depois fui parar ao nacional em Beja na equipa da casa e fizeram a melhor classificação da Santa Casa até ao momento, ficaram em 5 lugar. Desde aí comecei a jogar muito do projeto e o pessoal foi dando umas dicas. Em 2012, 2013 e 2014 participei como jogador. Em 2013 foi chamado à seleção nacional e fui jogar ao mundial na Polónia. Em 2015 tirei o curso de árbitro, o ano passado comecei a apitar jogos no projeto e este ano estou cá outra vez.

P: Já falaste um pouco sobre a tua entrada no projeto, mas diz o que é que estavas à espera quando entraste no projeto? Qual foi o primeiro impacto quando soubeste que ias fazer parte da equipa de reservas, o que achaste?

R: Eu quando entrei foi só para jogar à bola, eu já jogava futebol e como estávamos no final da época tínhamos jogos e torneios, mesmo que não fosse no concelho e descobri que havia um torneio em Beja de Futebol de rua e pensei “vamos jogar!”. Entretanto comecei a conhecer melhor as regras, as pessoas, comecei a apaixonar-me pelo projeto e depois essa paixão foi crescendo de ano para ano. Depois no meu último ano abriu o curso de árbitros e eu vi isso como uma oportunidade de eu continuar integrado no projeto, continuar aqui envolvido. Entretanto também tirando o curso de arbitragem, apaixonei-me pela arbitragem e depois através da APAF acabei por tirar o curso profissional de árbitro em Setúbal e aqui estou.

P: Diz-me uma coisa, a nível de valores. Já falaste que é muito mais que futebol, não é? Tiveste essa perceção logo que entraste? O que é que tiras do projeto? Se tivesses de dizer a alguém, olhando para trás, e dizer alguém que pense como tu “só venho para jogar à bola” o que lhe dizias, que isto é mais que futebol, isto é o que?

R: Não, isto envolve muita amizade, é o que liga a maior parte das pessoas que estão aqui. É o convívio, o facto de fazermos sempre novos amigos, conhecermos pessoas, por exemplo quando a minha equipa foi ao nacional em 2013, eu apeguei-me logo muito a um rapaz da Madeira e todos os anos nos encontramos aqui, brincamos sempre muito, estamos sempre muito alegres. É bom por causa disto, conhecemos pessoas de outro lado, criamos outras amizades. A parte mais positiva para mim, em relação ao projeto, é a integração e inclusão que nós temos uns com os outros.

P: A nível de oportunidades profissionais, o projeto abriu-te alguma porta? Falaste na questão da arbitragem.

R: A nível profissional abriu, tive outras oportunidades também, só que não avancei. Mas já abriu para alguns amigos meus. No meu caso, foi a arbitragem, porque eu tirei o curso com o objetivo de continuar ligado ao projeto, entretanto fui gostando e através da APAF surgiu também a oportunidade de tirar o curso também no meu distrito, que é o que eu tenho feito até agora. E tem também vantagens, que é, a CAIS como tem parcerias abre portas para o mercado de emprego, eu por acaso tive uma entrevista na Galp, só que entretanto surgiu-me outra proposta e não avancei, mas tenho amigos que integraram por exemplo a Galp e recentemente tive uma entrevista no mini preço. A nível profissional também abre muitas portas.

P: O Gonçalo tem-me dito e eu tenho acompanhado essa parte. Diz-me uma coisa, não sendo tu treinador, mas sendo árbitro, o que é que tu transmites aos atletas, quais são as regras que tu impões, os conselhos que tu dás dentro de campo?

R: Eu, neste caso, dou conselhos como árbitro e jogador. Como já fui jogador, tento criar essa ligação com eles, tento que eles não me vejam só como árbitro, aquele que julga, porque normalmente veem o arbitro como o mau da fita ou mauzão. Eu tento explicar o meu lado e digo também que já fui jogador e tento também jogar com isso.

P: Última pergunta, se não tivesses participado no projeto, onde é que estarias hoje? O que é que farias? É quase impossível de imaginar, mas tens alguma ideia do que é isto mudou?

R: Se eu não tivesse entrado no projeto, possivelmente já nem jogava à bola e não seria tão objetivo, porque eu agora tenho objetivos traçados e antigamente jogava por mera diversão e a partir do momento que entrei no projeto, é aquele sonho de criança que todas as crianças sonham: “um dia vou jogar na seleção”. A partir do momento que eu recebi a notícia que eu ia representar a seleção em 2013, eu comecei a ver o futebol de outra forma, temos de ser mais otimistas, confiantes e lutar pelos nossos objetivos, a partir daí tornei-me uma pessoa mais confiante e responsável também.

P: O que é que sentiste quando te dizem que vais defrontar outro país?

R: Naquele momento, foi como eu disse, eu quando era mais novo jogava por mera diversão e para mim era mais uma brincadeira, mais um desafio.

P: Nunca te imaginaste alguma vez a ir jogar fora do país por Portugal?

R: Não, isso não.

P: Nem noutra modalidade?

R: Se eu me imaginei foi em futsal, mas sendo futebol é basicamente o mesmo, é sempre um motivo de orgulho.

P: Acho que está tudo, queres acrescentar mais alguma coisa? Já aconselhaste o projeto a alguém, a um amigo?

R: Eu aconselho todos os anos, aos meus amigos lá do bairro. Este ano tenho ali 2 rapazes lá do meu bairro na equipa de Setúbal, eles não queriam participar, mas eu disse para participarem no distrital que depois fazem uma seleção e para virem que aquilo abria portas e eles vieram.

Codificação – E6, , faz parte da equipa técnica da Associação CAIS.

Neste projeto, digamos que tenho aqui 2 funções, faço parte do staff e também da logística de toda a organização dos torneios, e etc. Tenho uma função mais específica que é do acompanhamento dos miúdos. Os miúdos que são selecionados para ir à seleção nacional têm um estágio e, portanto, tenho todo o acompanhamento que nós fazemos, juntamente com uma colega minha, que trabalha cá com connosco, que é voluntária e é psicóloga clínica. E fazemos ali um acompanhamento no estágio, um bocadinho para saírem daquele foco que é a equipa e treinos e “estamos aqui” e etc. E tem ali duas pessoas externas para falar doutros assuntos e normalmente abordamos uma série de coisas como “Estás com algum receio?”, “Estás com algum problema?”. Tentamos avaliar por dinâmicas e jogos e esquemas que fazemos quem são as pessoas na equipa que eles têm mais confiança, com quem é que se sentem mais à vontade para jogar. Tentamos antecipar quais é que são os problemas que eles antecipam que vão lá acontecer para conseguir colmatá-los antes de existirem e dar-lhes estratégias para eles os resolverem na altura. E depois temos toda uma questão pessoal mais de perceber de onde é que eles vêm, se deixaram algum problema em casa, se há alguma coisa que os vai afetar durante estes dias, se é preciso ter em atenção em alguma coisa e até a própria ligação deles com a equipa técnica que lá está, com os treinadores responsáveis, neste caso o Gonçalo e o Hélder de “ok, quem é a tua figura de referência?”, “Se houvesse um problema a quem é que recorrerias?”. Temos feito ali uma série de coisas muito para dar ali, a nível pessoal recolher informações para depois trabalhar com eles quando eles voltarem e depois a nível mesmo de grupo e de juntar aquele grupo para que o desempenho deles lá tanto a nível pessoal, como a nível desportivo seja o melhor possível e seja uma experiência de sucesso e não frustrante para eles. Pronto, basicamente é isto.

P: Exclusivamente na seleção nacional?

R: Exclusivamente na seleção nacional, vendo aqui este panorama maior, porque depois nós também acompanhamos, não sei se o Gonçalo lhe falou, nós temos uma vertente ligada à Fifa, é os festivais da Fifa e etc. e normalmente sou eu que os acompanho e também faço um estágio com eles e depois levo-os ao festival. Só que esse festival da Fifa normalmente é com miúdos mais novos, normalmente eles têm todos 15 ou 16 anos, ou seja é uma faixa etária mais baixa do que quando eles vão para a seleção e aí, nestes festivais, é basicamente, quase toda retirada a competitividade e o ganhar e que são treinadas competências, tem uma metodologia que é o F3 em que basicamente são os próprios miúdos que controlam o jogo, não há árbitros, mas há mediadores e eles tem que estabelecer as regras técnicas do jogo, como é que o jogo vai ser jogado, estabelecer regras de *Fair Play*, regras de como é que jogam e respeitam os outros, igualdade de género e etc. Portanto é muito mais virado para competências, para os miúdos crescerem e aprenderem e conhecerem outras culturas, do que propriamente ter esta vertente desportiva de “eu vou lá enquanto Cais, ou enquanto Portugal para estar num torneio”. Há um torneio, sim, mas é de equipas mistas, portanto há logo ali uma descaraterização total, porque aí “eu já não sou da Cais, nem vim de Portugal, sou da equipa X que se chama X e a minha equipa é este conjunto de jogadores que vem um pouco de todo o lado”.

P: Há quanto tempo está no projeto?

R: Ora, eu estou no projeto, eu entrei na Cais em 2013 e entrei no projeto em 2014. Primeiro como responsável pelas sessões Move que se fazem aqui na Cais, portanto era responsável por isso, com os utentes da Cais e depois no ano seguinte passei então para o staff de estar lá logisticamente. Tu estiveste lá, viste tudo o que o Nuno faz e a Patricia, tu conheceste, estar ali um bocadinho naquela parte e está também muito ligada, este ano eu não fui, era a minha responsabilidade, mas está ali muito ligada às sessões Move que fazemos lá. Falar com os facilitadores, organizar as coisas e perceber como é que aquilo vai funcionar e com quem é que eles vão trabalhar, um bocado também na experiência da educação não-formal.

P: Relativamente ao contexto profissional, em que medida é que um psicólogo pode ser útil nestes projetos?

R: Eu acho que é bastante útil, porque eu acho que, imagina, a meu ver, o desporto e, neste caso, o futebol é o desporto que tem mais peso em Portugal e principalmente para estes miúdos que vem assim de contextos mais desfavorecidos e vulneráveis e o futebol e o desporto é sempre uma porta de entrada bestial para eles entrarem seja para onde for. Depois o que é difícil a seguir é eles darem o passo ou o salto do “ok, nós não estamos aqui só a jogar futebol e estamos aqui a fazer outras coisas” e acho que, não sei se é de ser psicóloga ou se é a formação académica que tem assim tanto peso nisso, mas acho que é muito importante quando tens conhecimentos a nível de avaliação de pessoas e avaliação de grupos, perceber como é que se comportam em grupo, acho que tens aqui uma mais-valia quando trabalhas nesta área que é saber como é que podes transformar um simples jogo de futebol de rua num treino de competências, em que podes trabalhar comunicação, liderança, tomada de decisão e até resolver problemas entre eles, trabalhar a desigualdade de género, intolerância, xenofobia. Portanto, existe aí uma série de coisas e acho que tens de ter mesmo alguma base, tu, a trabalhar na educação não formal, como é que se trabalham competências dos jovens, quase numa primeira fase em que eles estão a trabalhar competências e nem se apercebem que o estão a fazer. Portanto fugimos aqui um bocadinho da lógica do treinador que vai lá aos sítios e dá treinos, a função dele é mesmo essa, é torná-los

tecnicamente melhores e formá-los numa equipa, claro que sim, os treinadores não estão só orientados para aí, pelo menos os treinadores de futebol de rua não estão. Mas quando tu estás de fora e vais, eu acho que consegues estar ali, porque o teu foco e o meu foco não é que eles ganhem jogos ou deixem de ganhar, o meu foco é outro, é que esta seja uma experiência enriquecedora e que eles adquiram competências com isto e tendo o foco totalmente desligado também consigo olhar para o grupo de outra maneira.

P: Pegando nessa questão das competências, são desenvolvidas seguramente competências sociais, pessoais e profissionais. Consegues explicar um bocadinho como é que elas são trabalhadas concretamente, há alguma dinâmica que seja mais utilizada?

R: O Gonçalo já deve ter dito, nós aqui temos os roteiros do Move- faz acontecer. E todos os anos são escolhidas competências específicas para serem trabalhadas nesses roteiros a nível nacional e que vão ser depois aprofundadas no torneio nacional, que este ano foi em Braga. Todos os anos são escolhidas competências, o futebol de rua tem um referencial de 20 competências, nós estamos agora a fazer um manual, que está a ser feito por duas pessoas que trabalham connosco à imenso tempo nesta área e são pessoas com muita muita experiência na educação não formal e estamos a fazer um manual em que basicamente estão espelhadas estas 20 competências, eu não te sei dizer agora de cor, mas é o auto-conhecimento, tomada de decisões, comunicação, etc. E basicamente é assim que nós as trabalhamos, ou seja, é pegar na educação não formal e através de experiências vividas e de trabalho uns com os outros, é retirar ali conteúdos e aprendizagens que não tiras de outra forma numa educação mais formal, porque normalmente são jovens que fugiram da escola, de um método que não se ajusta às necessidades, nem que capta a atenção deles, portanto só mesmo a fazer e acontecer e a verem as coisas aparecer e depois quando tu fazes a ponte com a vida real, eles ficam “ok, já estou a perceber, efetivamente, eu também me comporto assim na vida e eu já percebi que eu próprio tive a experienciar isto”. Portanto, nós utilizamos muito dinâmicas, roleplays, tudo muito ligado sempre à educação não formal.

P: Ok, relativamente ao acompanhamento do projeto, seguramente que nos tempos em que acompanhaste a seleção nacional, consegues-me traçar um bocadinho o caminho da evolução destas competências?

R: Sim, o que nós temos feito agora, principalmente nestes últimos dois anos, aqui a Cais investiu muito na parte da empregabilidade e etc. e é a parte em que eu sou responsável aqui na Cais, que são os projetos de empregabilidade e portanto aqui numa primeira abordagem nós fizemos uma data de contactos com empresas e tivemos uma série de empresas que são nossas parceiras hoje em dia e que nos pedem diretamente pessoas para trabalhar e muitas delas a nível nacional e o que nós temos feito nestes últimos dois anos é, como o futebol de rua é um projeto nacional e ilhas, então em vez de cingir isto a Lisboa e aos nossos utentes e parceiros daqui que nos são próximos e como estas empresas conseguem recrutar pessoas por Portugal inteiro temos feito então esta passagem para o futebol de rua. O que nós temos conseguido agora é, ou seja, tu acompanhas na seleção, normalmente voltas a vê-lo nos anos a seguir, porque voltam a participar e acho que quando os vês a jogar e vês a atitude deles em campo e até fora de campo e depois quando os voltas a ver quando passaram pela seleção, a atitude muda completamente, acho que eles sentem que tem de ter outra postura, porque já foram a seleção e portanto tem de dar o exemplo a nível de comportamentos e etc. e eles tem uma carga ainda enorme durante o estágio, durante a seleção e durante a ida para o mundial, que é muito de treino de competências. Existem imensos treinos de competências, todas as noites existem reuniões para partilharem aquilo que aprenderam e portanto tem ali uma carga de trabalho muito intensa a esse nível e portanto eu consigo ver logo diretamente a forma como abordam os colegas, a forma como conseguem motivar, a forma como não perdem a cabeça em campo, como fora de campo conseguem organizar as coisas e lidar com a frustração e conseguir falar com toda a gente. Para mim, eu vejo logo uma enorme diferença entre passaram pela seleção ou não passaram pela seleção e em alguns casos do ok, já é o 3º ano que participam aqui e a postura deles já é diferente do que quando entraram lá no 1º ano e não percebem muito e vem do género “ah, isto é para jogar e para ganhar e tou-me a lixar”. Até porque o futebol português, hoje em dia dá um exemplo tremendo de más práticas, portanto é um bocadinho por aí. Eu vejo aqui uma grande diferença nestes miúdos e depois consigo ver também, aqui com esta vertente nova que temos de empregabilidade, como é que eles vem e no fim tu dizes “olha, nós temos estas parcerias e se precisares de emprego” e eles aí vem atrás de ti e contactam-me e dizem “Joana, toma lá o meu currículo, arranja-me lá emprego, eu sei que tu podes arranjar”, o que não acontecia antes. Portanto, eu acho que eles ganham um bocado o sentido de “ok, se estas pessoas confiaram em mim para ir representar o meu país num campeonato mundial é porque veem em mim mais valores e competências e eu tenho de fazer alguma coisa da minha vida e ser um exemplo para as pessoas” e a maior evolução que eu vejo é essa e é notória.

P: Ok, há alguns exemplos, se é possível dar, de empresas que estão viradas para esta questão de empregabilidade?

R: Olha, nós trabalhamos muito com a Bp, dos postos de abastecimento de combustíveis, trabalhamos com o grupo Dia, com o Mini Preço e agora são basicamente estas. Também trabalhamos com outras empresas, mas são mais ao nível local, mais direcionadas para os miúdos de Lisboa e Setúbal. Agora a nível nacional, para todos, são estas.

P: Então, na tua opinião pessoal e profissional, o desporto tem um forte impacto na inclusão social destes jovens?

R: Sim, acho que é a melhor porta que podes abrir, se tu abrires um curso de inglês não te vão aparecer, se for de informática não te vão aparecer, mas se disseres que são treinos de futebol, que podem competir e que ainda tem a hipótese de ir representar a cidade deles num torneio a nível nacional e que ainda tem a hipótese de irem ao mundial, aí, esquece, aí vão todos! Os miúdos gostam de jogar futebol e é sempre um cartão que tu metes e eles vem todos e a partir daí é o teu trabalho enquanto técnico em que fazes aqui o caminho deles.

P: Certíssimo, muito obrigado, alguma coisa que queiras acrescentar?

R: Não, não. Obrigada

Codificação – E7, faz parte da equipa técnica da Associação CAIS.

P: Descrição do projeto.

R: Quando cheguei à CAIS. O projeto existe desde 2004, que foi o primeiro ano da CAIS em Portugal (...) o mundial já tinha acontecido em 2003, em Portugal aproveitaram o euro 2004 para começar, através da formação de uma seleção com os centros de acolhimento de Lisboa e participaram no campeonato do mundo. (...)

Em 2005 houve pela primeira vez um torneio nacional, que aos moldes que temos hoje em dia seria uma espécie de distrital. Foi em Sintra, eu assisti a esse torneio sem nunca pensar que passado 3 anos estaria na CAIS com o projeto de futebol de rua. (...)

Em 2006 e 2007 houve um torneio nacional, nos mesmos moldes, e a CAIS fez cerca de 99%, divulgação, montar campo, implementação, tudo feito pela CAIS, mas isto não era sustentável. (...)

Entre 2007 e 2008 houve uma reformulação na CAIS e no projeto, eu entrei aqui. Deixámos de querer acreditar que uma só pessoa seria capaz de criar o projeto sozinha, criámos aqui um modelo de rede, a semelhança de outros países e passamos a ter promotores distritais, que ficavam responsáveis pela divulgação do projeto e torneios, mas sempre apoiados pela CAIS. (...) Nesta altura havia apenas 5 ou 6 distritos, 300 participantes, que contrasta com os 17 distritos atuais (exceção de vila real) e das 2 regiões autónomas, 1200 participantes.

Em 2013, surgiu um conjunto de novos parceiros (...) que nos permitiu voltar a dar um conjunto de condições diferentes nos torneios. Começámos a trabalhar a parte das competências, (...) Foi aqui que criámos 2 eixos, o da inclusão pelo desporto e o eixo do acesso ao desporto. (...) Começaram a fazer workshops com o Erasmus+ para o treino de competências, todos os anos focamos num conjunto de valores diferente e em paralelo, formações para os responsáveis pelos jovens para lhe dar as ferramentas necessárias para que eles possam ajudar os jovens diariamente. (...) Foi também em 2013 que aumentámos os dias do torneio nacional para 5 dias, em 2010 tínhamos aumentado de 3 para 4 e aqui aumentamos mais um dia, porque assim temos um dia de atividades e workshops

Em 2015, surge uma nova atividade que se insere no eixo de inclusão pelo desporto, que é o curso de árbitro de futebol de rua e que permite a antigos participantes que já atingiram os 3 anos de jogador. O curso é em parceria com a APAF (...) O curso é feito nos dias que antecedem o torneio nacional, estes participantes tem formação com a APAF e ficam com a possibilidade de serem árbitros profissionais de futsal ou futebol de 11. Isto permite-lhes continuar ligados ao projeto futebol de rua, permite-lhes ainda envergar numa carreira de árbitro profissional e assim ter uma fonte de rendimentos.

Em 2016 e 2017 começámos a trabalhar a questão da empregabilidade com a BP e conseguimos oportunidades para os jovens que tinham ido a seleção nacional.

Em 2018, um novo mecanismo com o grupo dia-mini preço em que é possível a todos os participantes serem recrutados pelo grupo mini preço e serem incluídos nos seus quadros, ou seja, nas suas equipas.

O projeto futebol de rua na verdade só é projeto no nome, se analisarmos a sua estrutura vemos que ele é um programa que dentro dele tem 2 eixos, que têm em si várias iniciativas.

Quais é que são as vantagens ou desvantagens de uma seleção...

Ora, são mais as vantagens (...) vantagens, permite à entidade promotora garantir a sua representação institucional no nacional, mesmo que não leve nenhum jogador seu, que normalmente leva, está representado institucionalmente, ou seja, os técnicos que vão a acompanhar são dessa entidade (...) depois permite que não só uma entidade daquele distrito, mas várias estejam representadas, porque se há jovens de várias entidades, são várias as que estão representadas, permite envolver os apoios a nível político para irem mais facilmente,

porque a CAIS cobre tudo no nacional, mas as entidades são responsáveis, por duas coisas: os seus equipamentos e a sua chegada à cidade, neste caso chegarem a Braga, neste ano que passou. (...) Por isso se tu tiveres ali 8 jovens que são da mesma cidade e talvez da mesma instituição ou se tu tiveres ali 8 jovens de freguesias diferentes, todas as freguesias querem ser a boa da festa que paga a viagem aos meninos para irem a Braga ou então que fazem os equipamentos. Então, uma paga a viagem, outra paga a carrinha, a outra dá as lembranças ou as medalhas e essas coisinhas, facilita.

(...) isto é engraçado, porque acabas por ter pessoal de bairros rivais a jogar na mesma equipa e acabas por ter pessoal de bairros rivais a apoiá-los, sentados na bancada lado a lado, o que é interessantíssimo

Quais é que são as desvantagens, é que, bem para a entidade promotora dá muito mais trabalho, tem de estar a trabalhar com técnicos (...) e com jogadores de sítios diferentes (...)

(...) não podemos ter cenários com equipas de 8 jogadores, em que 6 são muito bons e depois levamos mais 2 para dizer que fica bem, isso é que não pode acontecer

(...) a competitividade tem de ser limpa, clara, digna, não pode ser cega.

P: Objetivos do projeto

R: Os objetivos do futebol de rua são claros: promover o acesso ao desporto e promover o desenvolvimento pessoal através da prática desportiva, ou seja as competências pessoais e sociais, o treino de competências.

P: Segundo a experiência do projeto, de que forma é que o desporto contribuiu para a inclusão social de jovens?

R: Ali em 2010 já estávamos a fazer alguma coisa com a seleção, mas a nível distrital, o promotor preparava a seleção distrital, ou equipa vencedora para vir ao nacional e antes disso as associações tinham-nos preparado para ir ao distrital, mas estamos a partir de muitos se's. E o que fomos percebendo era que não, era que muitas vezes esse trabalho não era feito. Não era feito, não porque as associações não valorizassem a necessidade de desenvolver as competências pessoais dos jovens (...) tu formas um carpinteiro magnífico, mas se ele não percebe o que é trabalhar em equipa, cumprir horários, respeitar uma hierarquia e isto e aquilo e aqueloutro não vai funcionar. Pronto e portanto, e ao mesmo tempo, tens as multinacionais todas a dizerem-te “não, a gente não precisa que nos dêem o carpinteiro, o pedreiro ou o sapateiro, nós temos formação, à nossa maneira, nós precisamos que nos dêem pessoas com isto, isto e isto” e isto, isto e isto era o quê: valores, competências. Então era isso que tinha de ser trabalhado! Mas como? E isto coincide assim com a nossa aproximação ao Erasmus+ e com muitas idas aos estrangeiro e as redes internacionais em que nós participamos e somos membros e percebermos ok, a educação formal não funcionou para 99% destes participantes. Não significa que não possa voltar a funcionar, pode! (...) Surge aqui a educação não formal, não é? Aprender a aprender, aprender com os pares, não alguém a dizer para aprenderes com os teus pares (...) e percebemos que este é o espaço ou a arena, ou aliás, a metodologia perfeita, porque tem os métodos necessários para trabalhar com este público-alvo, competências pessoais e sociais.

Parceria estratégica que já leva então 5 anos, no 1º ano fazemos formação, em 2013, no nacional em Aveiro, para jovens e para os técnicos ao mesmo tempo e abrimos a caixa de pandora, depois nesse inverno de 2013 vamos fazer formação aos técnicos todos e depois já em 2014 fazemos formação já aos jovens todos. (...) Decidimos fazer o quê, aos técnicos damos-lhe formação uma vez por ano nos nacionais (...) aproveitando que os técnicos de todos os distritos estão todos juntos ali no nacional (...) Aos jovens damos-lhes formação a nível local, 1 dia, sempre antes do torneio, ou tradicionalmente, sempre antes do torneio e depois voltamos a trabalhar as mesmas competências no nacional para as consolidar.

Agora tu dizes-me: “um jovem que vá seleção continuas a trabalhar 20 competências por ano, para os que vão a nível distrital só trabalhas 4”. Sim, mas trabalho bem as 4, “ah e um dia chega?”. Não, não chega. A questão é tu ao fazeres bem um dia tu despertas o interesse deles. (...) Vivemos numa geração que sabe pedir (...) Se tu lhes deres uma boa sessão em que trabalhaste aquelas 4 competências, já tinham participado no ano anterior e trabalharam outras 4 e também adoraram, eles sentiram que mudou a sua visão, que teve um impacto positivo neles, então eles vão exigir mais à organização que os apoia e a organização que os apoia recebeu formação e aí sim, com um técnico, com um responsável com 2/3 dias de formação, ajuda imenso e já se aprende imensa coisa.

A CAIS acredita e, hoje em dia, temos uma monitorização e avaliação do impacto social feito já há 5 anos nesta parte, por terceiros, isenta, objetiva, baseada no self-assessment, portanto na avaliação dos próprios, porque é isso que dita a avaliação não formal, temos dito por eles, mas de forma anónima, portanto ninguém têm que estar a ser simpático connosco (...) sabemos que todos os participantes que vão às sessões locais e nacionais, 80% deles desenvolvem as competências em causa. Ou seja, sabemos que nestes 5 anos, através das sessões que fizemos 80% do nosso universo desenvolveu as competências pessoais e sociais. (...) Nós, CAIS, acreditamos que estas competências são basilares à inclusão social e que se não forem trabalhadas não é possível ter uma inclusão social sustentável. (...) Estamos a tapar o sol com a peneira, até podes arranjar um emprego, mas aquilo não vai correr bem, é preciso criar as bases e os alicerces, e para nós, antes de poderem vir as tuas competências profissionais, vêm as sociais e vêm as pessoais, por esta ordem. (...) Tens de começar

pela base e se essa base não foi trabalhada, ou se foi trabalhada e entretanto perdeu-se, então temos de voltar a trabalhá-la.

Quando nos perguntam se o desporto ou o futebol contribui para a inclusão social, eu posso dizer hoje, ao contrário do que eu te diria há 10 anos atrás, que era, eu acho que sim ou tenho aqui 8 pessoas que te dizem que sim e eu hoje posso dizer que tenho mil pessoas que me dizem que sim (...)

que dizem que, ou seja, o futebol de rua, teve uma influência ou impacto positivo no seu desenvolvimento pessoal e concretamente no desenvolvimento das suas competências pessoais e sociais e que mais, me conseguem dizer em quais e isso é muito interessante. (...)

Para quem está a fazer um estudo como tu estás, eu acho há uma coisa que é muito importante que é este ponto, ou seja, não são 85% que desenvolveram tudo e 15% que não desenvolveram nada, (...) quando aparece 85% é a média daquele ano e depois tu vais ver que há competências que variam entre os 80, 71, 79, como já aconteceu, varia muito. E depois varia também, estamos a medir o universo todo, estamos a medir tudo junto, estamos a medir todo um universo de beneficiários, ou estamos só a medir os participantes, ou seja só os jogadores, ou jogadores, treinadores e responsáveis, porque eles também respondem. (...) Os jogadores do ano passado disseram que a competência que desenvolveram menos e no ano passado, que são os dados que temos, não temos deste ano, os treinadores dizem que a competência que desenvolveram mais foi a competência.

Agora se me perguntares se o futebol promove, pode promover a inclusão social, pode! Eu acho que, ou seja, não é o 8 nem é o 80, ou seja, eu acho que não podemos dizer que não promove. Não promove, porque cada vez mais só promove os valores errados. Não, de forma alguma. Depende de quem é que está a promover e de quem está responsável. Portanto, aqui há uns tempos numa cerimónia de entrega dos prémios da Ética alguém referiu isso e o secretário de estado que estava presente interrompeu e a seguir disse perfeitamente o oposto, que não podia aceitar. Nós estávamos na sala porque íamos receber a bandeira da ética e ele dizia exatamente isso, eu olho para os resultados do futebol de rua e mais importante, eu, eu secretário de estado, conheço os miúdos do futebol de rua e vejo que há valores no desporto, vejo que há, mas depois oiço as histórias que o senhor me está a dizer e percebo que também há uma crise de valores no desporto; agora, não podemos é dizer que o desporto deixou de inculcar valores, não deixou! Temos é que nos questionar porque é que num contexto está a promover e noutro não está e é preciso olhar e perceber quem é que são os responsáveis.

(...) O futebol pode, a questão aqui, a meu ver, é que não podemos inviabilizar aqui o futebol ou o desporto no seu todo, dizendo que não pode, que perdeu todos os valores, está em crise, etc. Não, não! Pode, especialmente com os mais jovens que estão nos escalões de formação.

(...) Pede-se às pessoas que formam as equipas técnicas e as estruturas conseguem perceber que mais do que estarem a formar jogadores em atletas, estão a formar homens e mulheres e perceber que mais do que estarem a formá-los e capacitá-los, e mais do que estarem a prepará-los para a prática desportiva, deveriam estar a prepará-los, formá-los e capacitá-los para a vida ativa (...) As aprendizagens que fazem na vida ativa são úteis no desporto e as aprendizagens que fazem no desporto são muito úteis na vida ativa e portanto, para mim, este modelo que nós temos funciona muito bem, porque tu tens a educação não formal que pode ser feita em contexto de sala, num contexto mais formal, em contexto exterior, ou no campo e se tu fizeres as dinâmicas no campo torna-se assim uma lição muito mais fácil, porquê? Porque estão num contexto que eles gostam, que é o do futebol e depois porque te dá uma outra coisa, (...) ao termos uma competição cega que exige a vitória a todos os custos, permite que os jovens e as jovens ponham as aprendizagens em prática e portanto solta-os, portanto cria o espaço indicado para esse processo.

(...) Ou seja, o desporto e o futebol, em concreto, podem e devem ser uma plataforma e um espaço ideal para a promoção da inclusão social, se forem capazes de promoverem então esse desenvolvimento pessoal, um desenvolvimento de valores, que frequentemente dizemos que estão intrínsecos ao desporto, mas não estão.

(...) Estão na teoria e devem estar na prática.

Em resposta final à pergunta se o desporto permite a inclusão social, eu acredito que sim, se tivermos a falar em desportos coletivos, mas se estivermos a falar em desportos individuais, eu acredito que não ou melhor, corrigindo, (...) poderá funcionar, mas o investimento de retorno pode não funcionar, ou seja, porque tudo custa dinheiro e se tu vais investir x num projeto semelhante ao futebol de rua com atletismo, os resultados vão ser muito inferiores e no final o que tu queres é promover a inclusão social do maior número de pessoas.

pode ser inclusivo se tu criares espaços para que as pessoas joguem (...)

Termo de autorização de uso da imagem do projeto



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mestrado em intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo Faculdade de Economia e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM NO ÂMBITO DE UMA INVESTIGAÇÃO ACADÉMICA

Eu Genraldo José Silva Pinheiro Sequeira, Nº CC 12541083
^{DOS FATOS}
com a validade 19/04/2020, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estando ciente da necessidade do uso de imagem do **Projeto Futebol de Rua da Associação CAIS** para efeitos de investigação académica, **AUTORIZO**, através do presente termo, a utilização de imagens e de vídeos da autoria da Associação CAIS por parte do investigador, **João Paulo Rodrigues Malho**, com o nº de aluno 2015169857, pertencente à Universidade de Coimbra.

Lisboa, 22 de Junho de 2018.

Cordenador do Projeto Futebol de Rua
Associação CAIS

Responsável pela investigação

Fotografias do projeto



*Figura 1 - Workshops de desenvolvimento de competências.
Torneio Nacional de Futebol de Rua 2018, Braga. Fonte:
Associação CAIS*



*Figura 2 - Workshops de desenvolvimento de competências.
Torneio Nacional de Futebol de Rua 2018, Braga. Fonte:
Associação CAIS*



Figura 3 - Workshops de desenvolvimento de competências. Torneio Nacional de Futebol de Rua 2018, Braga. Fonte: Associação CAIS



Figura 4 – Partida disputada durante o Torneio Nacional de Futebol de Rua 2018, Braga. Fonte: Associação CAIS



Figura 5 - Os vencedores confortam os jogadores da equipa que perdeu o jogo. Momento de Fair play ocorreu no Torneio Nacional de Futebol de Rua 2018, Braga. Fonte: Associação CAIS



Figura 6 - Confraternização entre jogadores e moradores de bairros diferentes no final de um jogo. Fonte: Associação CAIS



Figura 7 - Momento de respeito e desportivismo num jogo que contou com equipas mistas durante o Torneio Nacional de Futebol de Rua 2018, Braga. Fonte: Associação CAIS



Figura 8 - Celebração do Fair Play, do respeito, da diversidade e tudo aquilo que o projeto Futebol de Rua promove. Fonte: Associação CAIS

A título de curiosidade, mas também como prova da projeção que o projeto tem, o lendário jogador de futebol Eric Cantona, visitou, a 03/10/2018, o projeto Futebol de Rua num bairro em Lisboa, através da parceria com a Criar-T e a convite de [dastreetfootballworld](http://dastreetfootballworld.com).



Figura 9 - Eric Cantona em Lisboa, para conhecer o Projeto Futebol de Rua. Fonte: Associação CAIS